

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA

**ROSELI DORNELLES DOS SANTOS**

*E chi se ne frega?*

Análise, reflexões e propostas para o tratamento lexicográfico de verbos italianos conjugados com mais de uma partícula pronominal

SÃO PAULO

2011

Versão corrigida

**ROSELI DORNELLES DOS SANTOS**

*E chi se ne frega?*

Análise, reflexões e propostas para o tratamento lexicográfico de verbos italianos conjugados com mais de uma partícula pronominal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Italiana do Departamento de Letras Modernas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

**Orientadora:** Profa. Dra. Paola Giustina Baccin

São Paulo

2011

Versão corrigida

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Santos, Roseli Dornelles dos  
E chi se ne frega? Análise, reflexões e propostas para  
o tratamento lexicográfico de verbos italianos  
conjugados com mais de uma partícula pronominal /  
Roseli Dornelles dos Santos; orientadora Paola  
Giustina Baccin. – São Paulo, 2011.  
186 p. : il.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de  
concentração: Língua e Literatura Italiana.

1. Língua italiana - gramática. 2. Verbo. 3. Dicionário  
bilíngue. 4. Lexicografia. 5. Ensino de língua estrangeira. I.  
Título. II. Baccin, Paola Giustina.

CDD 413.028  
460.7

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Roseli Dornelles dos Santos

E chi se ne frega? – Análise, reflexões e propostas para o tratamento lexicográfico de verbos italianos conjugados com mais de uma partícula pronominal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Italiana do Departamento de Letras Modernas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a)

---

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof.(a) Dr.(a)

---

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof.(a) Dr.(a)

---

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

São Paulo

2011

A Pedro e Eduardo, *sine quibus non*, por existirem, por me darem razão para existir, e por estarem sempre comigo, mesmo quando eu não estou com eles.

*(I carry your heart with me)*

A meus pais, irmãos e tios, por me ensinarem a amar as palavras e a me divertir com elas.

## **AGRADECIMENTOS**

À Paola Baccin, mais do que orientadora, minha “iluminadora”, agradeço com afeto.

À CAPES pela concessão da bolsa.

Aos professores da Área de Italiano do DLM da FFLCH-USP pelo apoio, incentivo e ensinamentos, e aos professores associados da ABPI que responderam ao questionário que faz parte desta pesquisa, minha gratidão e reconhecimento.

Aos professores Maurício Santana Dias e Ieda Maria Alves pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação.

Aos meus pais que, de longe, me apoiam e torcem por mim.

Aos meus sogros, por todo apoio e ajuda.

Ao amigo e colega tradutor Danilo Nogueira, pelo apoio técnico e emocional e pela companhia constante.

Aos meus colegas de mestrado, especialmente à Adriana de Oliveira Pitarello, Dheisson Figueredo, Marcílio Melo Vieira e Marília Gazola, agradeço pela companhia e pela agradável troca de idéias durante esta travessia.

A Olavo Panseri, Andrea Ciacchi e Kelli Semolini pelas traduções.

À Maria, meu anjo da guarda doméstico.

Aos colegas tradutores da 50302, sempre disponíveis para ajudar.

*Um dicionário deve ser um ser vivo, uma súpula de vida,  
mais um objeto de aprendizagem que um objeto de luxo.*

José Lins do Rego. *Poesia e vida: um dicionário*

## RESUMO

SANTOS, R. D. *E chi se ne frega? Análise, reflexões e propostas para o tratamento lexicográfico de verbos italianos conjugados com mais de uma partícula pronominal*. 2011. 186 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal, tais como *farcela*, *fregarsene* e *cavarsela*, são frequentes na língua italiana, sendo facilmente encontráveis em jornais e na literatura, sobretudo na variante *neostandard*. Entretanto, não apresentam uma denominação consolidada nas gramáticas e dicionários, podendo ser classificados como *verbi procomplementari*, *verbi sintagmatici*, *verbi frasali*, verbos pronominais ou verbos reflexivos. Para realizarmos esta pesquisa, utilizamos a nomenclatura “verbos pronominais múltiplos” (VPMs) com base em Simone (1996).

Tratando sobre a formação dos VPMs, analisamos como o processo de aglutinação das partículas pronominais ao verbo produz estruturas de significado sintagmático que, como tais, representam uma dificuldade para os aprendizes de italiano LE, semelhante ao que acontece com os *phrasal verbs* da língua inglesa, aos quais já foram comparados.

A partir de um *corpus* de análise de 72 VPMs, obtidos em dicionários monolíngues e jornais italianos *on-line*, investigamos a presença e o tratamento lexicográfico dos VPMs no *corpus* documental, formado por três dicionários bilíngues português – italiano.

Sob o prisma da Lexicografia Pedagógica bilíngue, analisamos as características da macro e microestrutura dos dicionários bilíngues do *corpus* documental, verificando quais opções lexicográficas foram adotadas e quais poderiam ser favoráveis ao aprendiz de italiano LE. O papel do dicionário como instrumento pedagógico e de autonomia do aprendiz na aquisição/aprendizagem da LE permeou a investigação.

A análise culminou na elaboração de um modelo de verbete e em algumas amostras de verbetes na direção italiano – português para os VPMs.

**PALAVRAS-CHAVE:** lexicografia pedagógica; dicionários bilíngues; língua italiana; verbos italianos, ensino de italiano.



## ABSTRACT

SANTOS, R. D. *E chi se ne frega? Análise, reflexões e propostas para o tratamento lexicográfico de verbos italianos conjugados com mais de uma partícula pronominal*. 2011. 186 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Verbs conjugated with more than one pronominal particle, such as *farcela*, *fregarsene* e *cavarsela* are often used in Italian and can easily be found in newspapers and literature, above all in what is known as the *neostandard* variety. However, there is no agreed name for those verbs; in grammars and dictionaries they are referred to as *verbi procomplementari*, *verbi sintagmatici*, *verbi frasali*, pronominal verbs or reflexive verbs. In this survey, we used the name "multiple pronominal verbs (abbreviated VPM in Portuguese) based on Simone (1996). In our review of VPMs we analyze how the process of agglutinating pronominal particles to the verb produces structures with a syntagmatic meaning and, as such, represent a hurdle to learners of Italian as a second language (much similar to that created by English phrasal verbs).

Based on a 72-VPM corpus culled from monolingual dictionaries and online Italian newspapers, we investigated the presence and lexicographical treatment afforded to VPMs in the documentary corpus formed by three Portuguese–Italian bilingual dictionaries.

We analyzed the macro and microstructures of the bilingual dictionaries comprised in the documentary corpus from the standpoint of bilingual pedagogical lexicography, noting which lexicographical options were adopted and which of them could help learners of Italian as a second language. The investigation was permeated by attention to the role of the dictionary as a pedagogical tool and to the autonomy of the learner in second-language learning and acquisition.

The analysis reached its highest point in the creation of a model entry and some sample Italian-Portuguese entries for VPMs.

**KEYWORDS:** pedagogical lexicography; bilingual dictionaries; Italian language; Italian verbs, Italian teaching.

## RIASSUNTO

SANTOS, R. D. *E chi se ne frega? Analisi, riflessioni e proposte per il trattamento lessicografico di verbi italiani coniugati con più di una particella pronominale*. 2011. 186 p. Tesi (Master) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Verbi coniugati con più di una particella pronominale, come *farcela*, *fregarsene* e *cavarsela*, sono frequenti nella lingua italiana e si riscontrano spesso sui giornali e in letteratura, soprattutto nella variante *neostandard*. Essi, tuttavia, non hanno ricevuto una denominazione consolidata nelle grammatiche e nei dizionari, in cui vengono classificati come verbi procomplementari, verbi sintagmatici, verbi frasali o verbi pronominali o anche come verbi riflessivi. Per condurre la presente ricerca, abbiamo utilizzato la nomenclatura “verbi pronominali multipli” (VPM), sulla scorta di Simone (1996).

Occupandoci della formazione dei VPM, abbiamo analizzato in quale maniera il processo di agglutinazione al verbo delle particelle pronominali produce strutture di significato sintagmatico: in quanto tali, essi rappresentano una difficoltà per coloro che apprendono l'italiano LS, in modo analogo a ciò che accade con i *phrasal verbs* della lingua inglese, ai quali sono già stati comparati.

Partendo da un *corpus* di analisi di 72 VPM, raccolti in dizionari monolingui e giornali italiani *on-line*, abbiamo effettuato una ricerca sulla presenza e il trattamento lessicografico dei VPM nel *corpus* documentale, formato da tre dizionari bilingui portoghese – italiano.

Alla luce della Lessicografia Pedagogica bilingue, abbiamo analizzato le caratteristiche della macro e della microstruttura dei dizionari bilingui del *corpus* documentale, verificando quali scelte lessicografiche sono state adottate e quali potrebbero agevolare colui che apprende l'italiano LS. La ricerca è stata permeata dal ruolo del dizionario come strumento pedagogico e di autonomia dello studente nell' apprendimento/acquisizione della LS.

L'analisi si è conclusa con l'elaborazione di un modello di lemma e con alcuni campioni di lemmi di VPM nella direzione italiano – portoghese.

**PAROLE CHIAVE:** lessicografia pedagogica; dizionari bilingui; lingua italiana; verbi italiani, insegnamento di italiano.

## FOLHA DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Categorização do objeto de estudo .....	28
Gráfico 2 – Distribuição dos VPMs por tipo de combinação pronominal (1) .....	36
Gráfico 3 – Distribuição dos VPMs por combinação pronominal (2) .....	42
Gráfico 4 – Datação dos VPMs segundo o GRADIT .....	43
Gráfico 5 – Variantes da língua italiana .....	53
Gráfico 6 – Quantidade de VPMs nos jornais italianos.....	79
Gráfico 7 – Quantidade de VPMs nos dicionários monolíngues italianos .....	114
Gráfico 8 – Quantidade de VPMs nos dicionários bilíngues do <i>corpus</i> documental ....	123

### LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 – Classificação dos Dicionários segundo Duran.....	108
Esquema 2 – Classificação dos Dicionários Pedagógicos segundo Welker.....	134

### LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Lista de VPMs por tipo de combinação pronominal presentes no De Mauro – Paravia .....	35
Tabela 2 – Lista de VPMs segundo o GRADIT .....	37
Tabela 3 – Lista de VPMs em ordem cronológica de datação segundo o GRADIT .....	40
Tabela 4 – Exemplos de VPMs verdadeiros em <i>I Promessi Sposi</i> .....	46
Tabela 5 – Exemplos de VPMs falsos em <i>I Promessi Sposi</i> .....	47
Tabela 6 – Lista de VPMs encontrados em jornais <i>on-line</i> italianos .....	75
Tabela 7 – <i>Corpus</i> de análise.....	92
Tabela 8 – Categorização dos dicionários bilíngues do <i>corpus</i> documental.....	109
Tabela 9 – Tabela da presença de VPMs em dicionários monolíngues .....	111
Tabela 10 – Tabela de informações lexicográficas sobre os VPMs em dicionários monolíngues .....	115

Tabela 11 – Tabela da presença dos VPMs nos dicionários bilíngues do <i>corpus</i> documental .....	120
Tabela 12 – Tabela de informações lexicográficas sobre os VPMs em dicionários bilíngues do <i>corpus</i> documental .....	124

## DICIONÁRIOS UTILIZADOS

1. *Dicionário Martins Fontes Italiano Português* – Martins Fontes – Ivone C. Benedetti – 2004.
2. *Dicionário Escolar Italiano* — André Guilherme Polito – Editora Melhoramentos – 2007.
3. *Parola Chiave – Dizionario di italiano per brasiliani* – Giunti & Martins Fontes – Carlos Alberto Dastoli *et al* – 2007

## LISTA DAS ABREVIATURAS

- LE – Língua Estrangeira  
LM – Língua Materna  
MF – Martins Fontes  
MI – Michaelis  
PC – Parola Chiave  
PD – Paradigma Definicional  
PI – Paradigma Informacional  
PP – Paradigma Pragmático  
UL – Unidade Lexical  
VPM – Verbo Pronominal Múltiplo  
s.f. – substantivo feminino

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
Tema, justificativa e objetivos .....	15
Procedimentos Metodológicos.....	19
<b>1. OS VERBOS CONJUGADOS COM MAIS DE UMA PARTÍCULA PRONOMINAL: ILUSTRES (DES)CONHECIDOS .....</b>	<b>23</b>
1.1. Classificação gramatical e nomenclatura: problemas iniciais .....	24
1.2. Histórico, evolução e formação .....	26
1.2.1. Gramaticalização e lexicalização dos clíticos.....	31
1.2.2. VPMs: quais e quantos são? .....	34
1.2.3. VPMs verdadeiros <i>versus</i> VPMs falsos.....	44
<b>2. OS VPMS E AS VARIANTES LINGUÍSTICAS DO ITALIANO.....</b>	<b>50</b>
2.1. As variantes da língua italiana .....	52
2.2. Características do italiano <i>standard</i> , <i>neostandard</i> e do italiano coloquial .....	54
2.3. Presença das variantes linguísticas no ensino de italiano LE .....	59
<b>3. OS APRENDIZES DE ITALIANO E OS VPMS.....</b>	<b>61</b>
3.1. Dificuldades levantadas .....	63
3.2. O contato dos aprendizes com os VPMs .....	67
3.2.1. Os VPMs na literatura .....	67
3.2.2. Os VPMs nos jornais .....	73
3.2.3. Manuais de ensino de italiano: onde estão os VPMs?.....	79
<b>4. OS VPMS NOS DICIONÁRIOS.....</b>	<b>89</b>
4.1. Constituição do <i>corpus</i> documental e do <i>corpus</i> de análise .....	89
4.1.1. Constituição do <i>corpus</i> documental.....	89
4.1.2. Constituição do <i>corpus</i> de análise .....	90
4.2. Breve panorama de dicionários italiano – português em uso no Brasil.....	94
4.2.1. O dicionário Martins Fontes italiano – português (MF) .....	95
4.2.2. O Dicionário Parola Chiave (PC) .....	99

4.2.3. O Dicionário <i>Michaelis</i> (MI) .....	102
4.3. Os VPMs em dicionários monolíngues italianos .....	110
4.4. Os VPMs nos dicionários bilíngues do <i>corpus</i> .....	120
4.5. Os VPMs e os <i>phrasal verbs</i> : Análise lexicográfica comparada em dicionários bilíngues – Um modelo a seguir? .....	128
<b>5. A LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA BILÍNGUE E OS VPMs.....</b>	<b>131</b>
5.1. Considerações gerais sobre a Lexicografia Pedagógica bilíngue .....	131
5.2. O papel do dicionário no ensino de língua estrangeira .....	161
5.3. A elaboração de um modelo de verbete italiano – português para os VPMs .....	165
5.4. Amostras de verbetes de VPMs italiano – português .....	169
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>172</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>176</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>181</b>

## INTRODUÇÃO

*As palavras pertencem metade a quem fala, metade a quem ouve.*

Montaigne, 1592

- **Tema, justificativa e objetivos:**

A presença e as diferentes apresentações dos verbos da língua italiana conjugados com mais de uma partícula pronominal em dicionários monolíngues e bilíngues italiano-português é o tema central deste trabalho.

No processo de ensino/aprendizagem são de grande relevância os instrumentos usados pelo professor e pelo aprendiz, e dentre estes, o dicionário ocupa lugar de destaque.

A presença de unidades lexicais<sup>1</sup> como entrada, seguidas de definições e exemplos e a indicação da conjugação dos verbos, podem ser citados como itens fundamentais em um verbete de dicionário.

A presença ou ausência de tais itens nos fizeram refletir sobre a importância do dicionário para o aprendiz de língua estrangeira, que em muitas ocasiões conta somente com o *input* linguístico proveniente de seu professor para a compreensão e produção em LE<sup>2</sup>.

A partir destas observações e reflexões, da análise preliminar dos dicionários e da leitura de textos específicos sobre o tema, foi possível constatar que os verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal em italiano são peculiares no que se refere à sua inserção e presença nos dicionários monolíngues e bilíngues.

A pesquisa sobre a presença e o tratamento lexicográfico desta categoria verbal em dicionários mono e bilíngues é relevante também em virtude da frequência de tais verbos nas variantes *standard* e *neostandard*<sup>3</sup> da língua italiana, por não apresentarem presença consolidada nos manuais de ensino de italiano para estrangeiros e constituírem, em maior ou menor grau, uma dificuldade tanto de aprendizagem quanto de tradução.

---

<sup>1</sup> Doravante, UL no singular e ULs no plural.

<sup>2</sup> LE, Língua Estrangeira.

<sup>3</sup> Este termo também é encontrado na literatura como *neo-standard*. As variantes linguísticas da língua italiana serão definidas e aprofundadas no capítulo 2.

O fato de serem considerados ou não como ULs autônomas e os critérios usados pelos elaboradores dos dicionários são fatores decisivos na presença e no modo de inserção de tais verbos em obras lexicográficas. Estes fatores podem acarretar um maior ou menor esforço do aprendiz de língua italiana para atingir o objetivo de compreensão da UL e de busca de um equivalente desta para o português brasileiro.

A problemática da presença desta categoria verbal nos dicionários mono e bilíngues de língua italiana não diz respeito somente ao tema da lexicografia, mas também ao tema da variedade linguística a ser ensinada nas classes de italiano como LE e às dificuldades que tanto o aprendiz quanto o professor podem ter na abordagem de vários temas e aspectos da língua.

Pretendemos, neste trabalho, demonstrar que o ensino de uma língua italiana mais “viva” (a língua *viva e vera* que Manzoni<sup>4</sup> sonhava), que abranja vários níveis de registros e várias línguas funcionais<sup>5</sup> pode ser mais efetivamente útil para os aprendizes de italiano LE. Não é raro que os aprendizes não tenham contato com estruturas sintáticas e lexicais mais complexas por estarem (ou serem) afastados destas por dificuldades concernentes ao manual adotado em classe, ou por não encontrarem informações pertinentes nos dicionários ou ainda por questões relacionadas às habilidades e opções dos professores em empregar e ensinar uma língua permeada de registros não-formais. Nesse sentido, queremos evidenciar o papel relevante do dicionário como instrumento didático, nem sempre elegido pelos professores.

Esperamos poder contribuir para os estudos de língua italiana nos seguintes aspectos:

1. Esclarecer aspectos relacionados à categorização e à nomenclatura dos verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal com significado sintagmático<sup>6</sup>, por meio de um estudo analítico sobre a sua evolução linguística e a situação atual desta categoria verbal em dicionários monolíngues e bilíngues italiano - português.
2. Arrolar e verificar as dificuldades dos aprendizes em relação aos verbos desta categoria.

---

<sup>4</sup> Alessandro Manzoni, na carta a Giacinto Carena: <<http://www.classicalitaliani.it/manzoni/carena.html>>

<sup>5</sup> Língua Funcional entendida como objeto próprio da descrição linguística, segundo Coseriu (1980).

<sup>6</sup> Entendemos como significado sintagmático o significado que é autônomo em relação aos termos individuais que constituem um sintagma.



3. Analisar, sob o prisma da Lexicografia Pedagógica, o panorama lexicográfico dos dicionários bilíngues italianos usados no Brasil.
4. Produzir um modelo de verbete que servirá como base para a posterior elaboração de um dicionário de decodificação dos verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal para aprendizes de italiano LE.

O tema principal da pesquisa é, portanto, a presença e o tratamento lexicográfico recebido pelos verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal (como *farcela* e *andarsene*) em três dos principais dicionários bilíngues italiano – português utilizados no Brasil. Decorrente desta análise, procuramos estabelecer quais benefícios poderiam advir, para o aprendiz brasileiro da língua italiana, de uma maior presença (em termos quantitativos) e de uma maior atenção lexicográfica (em termos qualitativos) para com esta categoria verbal.

Para tal análise, foi essencial o exame e a avaliação da presença dos verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal nos principais dicionários monolíngues italianos em uso atualmente, bem como a análise da evolução e presença desta categoria de verbos na história da língua italiana, suas características de uso e registro nas gramáticas e dicionários italianos, documentados em artigos sobre o tema.

Da mesma forma, os estudos realizados sob a perspectiva da Lexicografia Pedagógica indicaram em quais aspectos a presença e o modo de apresentação destes verbos em dicionários bilíngues podem beneficiar a aprendizagem por parte dos estudantes de italiano como LE.

Consideramos relevante contribuir com o estudo e a análise desta categoria verbal, dada a dificuldade dos professores e aprendizes em abordar de maneira facilitada e produtiva o ensino e a aprendizagem de verbos tão frequentes no registro coloquial<sup>7</sup> e recorrentes em obras literárias e jornais italianos de grande tiragem, com os quais alunos, professores e tradutores podem ter contato quotidianamente.

No primeiro capítulo traçamos um panorama geral sobre a categoria de verbos estudada, os verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal da língua italiana, procurando esclarecer questões sobre a sua identidade gramatical, as várias denominações

---

<sup>7</sup> Registro entendido como variedade do código linguístico que depende da situação, do contexto e do interlocutor e que é realizado sem acréscimos ao código, mas que se realiza, sobretudo, baseando-se na escolha das diversas possibilidades do próprio código linguístico. (Biderman, 2001), (Dardano e Trifone, 1997).

dadas a estes verbos e a criação de uma nomenclatura específica para fins desta pesquisa. Além disso, discorreremos sobre o histórico e a evolução desta categoria verbal nos dicionários e gramáticas da língua italiana, abordando a questão da lexicalização e gramaticalização dos clíticos. Trataremos também da questão do significado sintagmático de tais verbos em confronto com o significado decorrente da soma dos significados do verbo e das partículas pronominais.

No segundo capítulo abordamos as variantes da língua italiana ensinada no Brasil, as características e diferenças entre italiano *standard* e *neostandard*, os diferentes registros da língua e a importância do ensino das diversas variantes linguísticas do italiano como LE.

No terceiro capítulo, discutimos a presença desta categoria verbal em materiais didáticos, paradidáticos e complementares, a frequência de uso dos verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal nos jornais italianos, a questão da tradução destes verbos em obras literárias italianas, clássicas ou modernas e o contato dos alunos com tais obras no original em italiano e traduzidas. Procuramos explorar o tema do cotejo entre obras literárias italianas e as suas respectivas traduções em português como possível fonte de contribuição para o enriquecimento das opções de equivalência destes verbos, considerando-se que muitos deles nunca receberam equivalentes em dicionários bilíngues.

Para encerrar o terceiro capítulo, efetuamos uma breve análise da presença desta categoria verbal no manual de italiano LE que nossa experiência mostra ser um dos mais usados atualmente pelos professores brasileiros, com o fim de verificar como os verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal são apresentados nesse instrumento didático. Tratamos também do surgimento de outros materiais didáticos com a função de suprir a lacuna existente sobre estes verbos nas obras lexicográficas e manuais de ensino de italiano LE/L2<sup>8</sup>.

No capítulo quatro explicitamos a metodologia adotada para a constituição do *corpus* documental e do *corpus* de análise, além das técnicas de pesquisa utilizadas no tratamento dos *corpora*. É também realizada uma análise do panorama lexicográfico bilíngue italiano – português no Brasil, examinando os dicionários em relação aos seus públicos-alvo, aos objetivos, às macro e microestruturas e, especificamente, à presença e modo de apresentação dos verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal nos dicionários mais

---

<sup>8</sup> L2 – Segunda língua.

frequentemente usados no Brasil. Realizamos, também, uma breve comparação da situação lexicográfica de tais verbos em alguns dicionários monolíngues italianos. Comparamos, ainda, esta categoria verbal com os *phrasal verbs* da língua inglesa, sob os aspectos de categorização gramatical e de apresentação em dicionários bilíngues.

No quinto capítulo, discorremos sobre a Lexicografia Pedagógica, sua definição, características e objetivos, assim como sobre o papel do dicionário no ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira.

A partir destas reflexões, procedemos à elaboração de um modelo de verbete para os verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal. São explicitados os procedimentos metodológicos e os parâmetros usados, assim como os objetivos intrínsecos ao processo de produção lexicográfica, sempre sob o prisma da Lexicografia Pedagógica. O modelo de verbete elaborado é utilizado para a produção de amostras de verbetes de verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal. As amostras contemplam verbos de maior frequência e diversidade de tipologia.

Ao final do trabalho passamos às conclusões e resultados obtidos quanto ao panorama lexicográfico bilíngue italiano – português no Brasil, especialmente no que diz respeito aos verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal. Nessa seção também apresentamos as considerações sobre o processo de elaboração de um modelo de verbete para um dicionário bilíngue de recepção concernente à categoria verbal em estudo e de modo geral, sobre o ensino de italiano no Brasil.

- **Procedimentos Metodológicos**

Em uma primeira etapa, na constituição do *corpus* de análise, fizemos um arrolamento dos verbos que poderiam apresentar combinações pronominais, no motor de buscas *Google* da internet. Por meio da pesquisa na caixa de buscas utilizando as combinações pronominais unidas e separadas e utilizando diversos pronomes, obtivemos os primeiros resultados de verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal. Optamos por direcionar a pesquisa para resultados provenientes de *sites* da Itália, para que o campo de pesquisa fosse mais restrito e mais fidedigno.

Esta primeira etapa mostrou-se já bastante complexa e morosa, dada a multiplicidade de combinações possíveis entre a parte verbal, em qualquer tempo e modo, e as duas partículas, que podem se apresentar nas mais variadas combinações e suas possíveis elisões<sup>9</sup>.

Com base nas informações obtidas, passamos à verificação destas combinações pronominais ligadas aos verbos no *site* do *Dizionario De Mauro – Paravia*, que, na época do início da nossa pesquisa, ainda estava *on-line*. O *site* deste dicionário também possibilitava vários tipos de buscas, como por exemplo, a busca por categoria verbal, que foram de grande utilidade.

Apenas nesta fase descobrimos todas as possibilidades atuais de combinação entre as partículas, que resultou na constatação de que esta categoria verbal pode se dividir em seis tipos de combinação entre as partículas pronominais<sup>10</sup>:

- sela – Exemplo: *prendersela*
- sene – Exemplo: *andarsene*
- cela – Exemplo: *farcela*
- cene – Exemplo: *volercene*
- sele – Exemplo: *dar sele*
- selo – Exemplo: *menarselo*

Encontramos no *Dizionario De Mauro – Paravia* 65 verbos no total, porém outros verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal atraíram a nossa atenção, em livros, artigos e *sites* na internet, embora nem sempre tenha sido possível encontrar indícios de que se tratassem de verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal ou simplesmente de uma combinação aleatória entre dois pronomes e um verbo.

Em um segundo momento, por ocasião da leitura da pesquisa de Viviani (2006) sobre os *verbi procomplementari*, observamos que o autor havia elencado mais alguns verbos conjugados com duas partículas pronominais, que poderiam ser pertinentes ao nosso recorte de pesquisa. Com essa complementação à lista inicial, o número foi elevado de 65 a 80.

<sup>9</sup> A multiplicidade de combinações e as questões decorrentes serão retomadas e aprofundadas na seção 1.2.3.

<sup>10</sup> Foi encontrada apenas uma ocorrência da forma *selo*, o verbo *menarselo* no *GRADIT*, com uma única acepção. VIVIANI (2006) indica, em alguns exemplos, o verbo *sentirsielo*, ausente, porém, de todos os dicionários do *corpus*.

Em um terceiro momento, realizamos uma pesquisa de presença e de ocorrência destes 80 verbos em três jornais italianos disponíveis na internet, pois observamos que a pesquisa de ocorrências pela página do *Google* demonstrava ser ineficaz, pois não distinguia as combinações aleatórias entre os verbos e as partículas pronominais dos verbos propriamente ditos, e também por repetir páginas na busca. Este último fator ocasionava enormes oscilações no número de ocorrências dos verbos no *Google*.

Por outro lado, a pesquisa nos jornais italianos *on-line* nos ofereceu a possibilidade de averiguação do contexto no qual os verbos estavam inseridos, a data de publicação da notícia e a quantidade de vezes em que o verbo estava presente nas edições. Foram pesquisados apenas verbos no infinitivo, para que a busca pudesse indicar os verbos que pesquisamos e tivesse mais chances de excluir combinações aleatórias.

Ao empregar estes procedimentos metodológicos, reduzimos os verbos considerados na pesquisa de 80 a 72, visto que muitos se demonstraram de baixíssima ocorrência ou de uso arcaico.

O *corpus* documental foi constituído pelos dicionários bilíngues italiano – português mais usados<sup>11</sup> pelos aprendizes e mais recentes<sup>12</sup>. Preferimos não incluir no *corpus* documental dicionários que não são de uso frequente pelos alunos ou que não contemplam a variante brasileira da língua portuguesa, como os dicionários bilíngues italianos – português produzidos em Portugal, dando ênfase a dicionários que pudessem ser adquiridos facilmente nas livrarias brasileiras.

No *corpus* documental foram avaliados os seguintes aspectos relacionados ao tratamento lexical dos verbos:

- ▶ Presença do verbo como entrada ou subentrada.
- ▶ Presença de definição.
- ▶ Presença de exemplos.
- ▶ Presença de indicação de categoria gramatical.

---

<sup>11</sup> Esta constatação é unicamente baseada na observação efetuada durante o período de 16 anos da minha profissão como professora de italiano LE.

<sup>12</sup> Procuramos analisar dicionários mais recentes trabalhando com a hipótese de que os VPMS poderiam ser mais facilmente encontrados em obras lexicográficas atuais, já que essa categoria verbal vem tendo maior projeção lexicográfica apenas nos últimos anos.

- ▶ Presença de marcas de uso, notas de uso, indicadores de frequência ou registro.
- ▶ Indicação de conjugação.
- ▶ Datação.

Elaboramos fichas lexicográficas para que pudéssemos manejar e comparar mais facilmente as informações relativas a cada verbo nos diferentes dicionários e, sobretudo, para poder conhecer e avaliar as informações lexicográficas em relação ao conteúdo da definição, sinonímias entre os verbos, traduções possíveis e outras informações que pudessem contribuir para a realização de um modelo de verbete e, posteriormente, de um dicionário com os verbos analisados.

Outras informações e explicitações concernentes à metodologia estão inseridas nos capítulos desta dissertação, já que os procedimentos metodológicos de pesquisa de um tema ainda pouco estudado como esta categoria verbal têm papel preponderante, não apenas no processo, mas na qualidade do resultado final.

# 1. OS VERBOS CONJUGADOS COM MAIS DE UMA PARTÍCULA PRONOMINAL: ILUSTRES (DES)CONHECIDOS

*La vita è il paragone delle parole*

Alessandro Manzoni

Embora sejam frequentes na língua italiana contemporânea, tanto oral como escrita, os verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal representam uma categoria verbal ainda pouco estudada pelos linguistas e frequentemente negligenciada em manuais para o aprendizado de italiano LE/L2 e em dicionários monolíngues e bilíngues. Soma-se a isto o fato de que, embora presentes no dia a dia das aulas de italiano LE, tanto alunos quanto professores têm pouca informação (e pouco acesso) referente a essa categoria verbal.

Existem na língua italiana ao menos 80 verbos pertencentes a essa categoria e que constituem uma dificuldade no ensino de italiano LE, tanto para os aprendizes como para os professores. Muitos destes verbos jamais receberam um equivalente em português em dicionários bilíngues produzidos no Brasil, e esse fato constitui uma dificuldade em relação a esta categoria verbal que afeta os aprendizes e se estende aos tradutores, especialmente no que diz respeito aos verbos menos frequentes.

As razões para tal dificuldade abrangem vários aspectos, que vão desde o fato de esta categoria verbal ser representada por ULs compostas de, no mínimo, três elementos<sup>13</sup>, onde alguns elementos podem ser flexionados e outros não, até o fato de possuírem significado sintagmático, isto é, semanticamente opaco.

Alves (1999:70), discorrendo sobre a classificação e delimitação das ULs, explica que:

As lexias constituem as unidades de significação estereotipadas (lexicalizadas), que, em um estado de língua delimitado sincronicamente, e em um determinado universo sociocultural, permitem nomear uma coisa, uma noção, uma qualidade ou uma ação. As lexias são os elementos do *léxico*, a soma organizada de todas as unidades da língua.

<sup>13</sup> Por exemplo, o verbo *cavarsela* que, nos tempos verbais que requerem a adição de um verbo auxiliar, pode chegar a apresentar até quatro elementos como em “*me la sono cavata*”, “*se la sarà cavata*”, etc.

As lexias, porém, nem sempre são unidades simples separadas por espaços em branco. Muitas lexias complexas, de estrutura sintagmática, manifestam-se no plano do discurso e têm sido observadas por estudiosos em diversas línguas, entre elas, o italiano.

A seguir, trataremos do perfil, nomenclatura e evolução desta categoria verbal na língua italiana, com o objetivo de explicitar a sua situação, categorização e presença na língua italiana atual.

### 1.1. CLASSIFICAÇÃO GRAMATICAL E NOMENCLATURA: PROBLEMAS INICIAIS

Na língua italiana contemporânea existem formas verbais compostas por um núcleo verbal unido a clíticos<sup>14</sup> dessemantizados<sup>15</sup>, em quantidade de um ou dois clíticos de tipo diverso. Estas formas verbais apresentam um afastamento<sup>16</sup> semântico do verbo do qual tiveram origem e os clíticos podem ser móveis em relação à posição anterior ou posterior ao verbo. Um exemplo de tal estrutura é o verbo *farcela*, cujo significado não pode ser dado pela soma dos significados do verbo *fare* e dos clíticos *ce* e *la*.

Esse tipo de estrutura verbal costuma representar um problema de aprendizado para quem estuda a língua italiana, exatamente pelas suas características de afastamento semântico do verbo original, mobilidade e conjugação das partículas. A primeira característica, o afastamento semântico de significado, gera a dificuldade de vinculação desta estrutura verbal complexa ao núcleo verbal original (*farcela* a partir de *fare*, por exemplo). A mobilidade das partículas é representada pela dinâmica de posicionamento relativo ao enunciado e à conjugação do verbo. Outros fatores que dificultam o entendimento do aprendiz são: a flexão, geralmente de uma das partículas (no caso da partícula *si*, por exemplo) e o valor fixo, não dependente do sujeito enunciador de uma das partículas (no caso de *la*, por exemplo).

---

<sup>14</sup> Na língua italiana, um clítico é um pronome ou advérbio átono, monossilábico (*ci*) ou dissilábico (pela união de dois monossílabos: *gliene*, *gli+ne*) que se apóia em outra palavra na pronúncia. Em italiano, os clíticos são: *mi*, *ti*, *gli*, *lo*, *la*, *li*, *le* ; *ci* (pronome e advérbio), *vi* (pronome e advérbio), *si* e *ne* (pronome e advérbio). Os clíticos que terminam com -i terminarão com -e quando a eles segue outro clítico, p. ex: *mi devi dire/me lo devi dire*.

<sup>15</sup> No qual houve perda ou atenuação do valor semântico da unidade lexical.

<sup>16</sup> Afastamento semântico entendido como ampliação do significado em relação ao verbo que deu origem ao verbo conjugado com mais de uma partícula pronominal. Muitas vezes esse afastamento é leve, produzindo significados ainda relacionados com o verbo original (ex. *tornarsene*) podendo ser mais intenso, produzindo significados que dificilmente podem ser conectados ao verbo original (ex. *suonarsele*).



Com o verbo *farcela*, um simples diálogo exemplificativo pode dar a idéia da ampla variação de posição e apresentação dos clíticos:

– Credi di poter *farcela*?

– Certo, *ce l’ho già fatta* altre volte!

Observa-se na primeira frase do diálogo a estrutura verbal no infinitivo e na segunda a forma conjugada na primeira pessoa no *passato prossimo*, com as partículas antepostas ao verbo. Além disso, a partícula *la* apresenta-se unida ao verbo *avere* por meio de uma elisão.

A estrutura verbal descrita acima, assim como as aproximadamente oitenta estruturas semelhantes a ela, costuma criar dificuldades tanto aos aprendizes de língua italiana quanto aos professores, pelos motivos acima citados e somados ao fato de que tais estruturas não são facilmente localizáveis em dicionários monolíngues ou bilíngues italiano – português, no caso de estarem presentes.

Aprendizes e professores, portanto, compartilham da mesma dificuldade, vista, porém, por faces opostas uma a outra. O aprendiz não pode contar com o valioso instrumento do dicionário para auxiliá-lo na tentativa de compreensão desta estrutura verbal complexa, e o professor não pode contar com o dicionário para ajudá-lo na tarefa de transmitir ao aprendiz as possíveis acepções, equivalências, conjugação, marcas de uso e outras informações pertinentes.

Outra característica marcante desta categoria verbal é o fato de não possuir uma nomenclatura e uma classificação gramatical consolidada e unânime, além de compartilhar características com outros grupos verbais. No decorrer da nossa pesquisa encontramos denominações e classificações heterogêneas em dicionários, gramáticas e manuais de ensino de italiano LE/L2 que acarretaram dificuldades no próprio desenvolvimento da nossa pesquisa. Esse aspecto é um fator que representa, indiscutivelmente, um obstáculo extra tanto para o aprendiz quanto para o professor.<sup>17</sup>

Na seção seguinte, traçamos um panorama histórico e aludimos à evolução destes verbos, discorrendo sobre as principais pesquisas a eles concernentes. Objetivamos, além da

---

<sup>17</sup> Em entrevistas informais, perguntei a vários professores de italiano LE como eles classificariam verbos como *andarsene*, *farcela* e *fregarsene*. Muitos responderam que são verbos reflexivos ou pronominais e justificaram suas respostas com base em *andarsene*, indicando uma ação que é feita e recai sobre o próprio sujeito. Esse tipo de classificação (reflexiva), quando aplicada a outros verbos, como *farcela*, torna a questão da classificação ainda mais obscura, dada a ausência da partícula *si* reflexiva nesse (e em outros) verbos desta categoria.

explicação sobre a história da categoria verbal em estudo, a determinação de uma nomenclatura para fins deste trabalho.

## 1.2. HISTÓRICO, EVOLUÇÃO E FORMAÇÃO

Embora existente há séculos na história da língua italiana, esta categoria verbal parece ainda não ter recebido atenção suficiente por parte de gramáticos e linguistas. Para esboçar um panorama do que tem sido pesquisado, tomamos como base três trabalhos de estudiosos italianos: Raffaele Simone (1996), Tullio De Mauro (2000) e Andrea Viviani (2006).

Viviani (2006) realizou no seu trabalho um levantamento da presença desta categoria verbal em gramáticas e dicionários italianos, que nos norteia na elucidação da sua evolução na língua italiana até os tempos atuais.

Seria presumível que abordássemos primeiro o trabalho de Viviani (2006), acompanhando o estudo feito por ele sobre a incidência desta categoria verbal nos dicionários e gramáticas em nível diacrônico. Preferimos, contudo, começar pelo trabalho de Simone, apesar de este não ter sido citado por Viviani. Consideramos o trabalho de Simone fundamental para o estudo de tais verbos e por meio dele chegamos a uma denominação para uso nesta dissertação.

Segundo as nossas pesquisas, Simone foi o primeiro a estudar estes verbos no seu trabalho de 1996. O artigo trata sobre o fenômeno linguístico da presença e uso de estruturas verbais comparáveis aos *phrasal verbs* da língua inglesa. O autor, descrevendo este fenômeno linguístico, denomina-os *verbi sintagmatici*<sup>18</sup> e divide-os em três categorias. Embora não tenha sido citado por Viviani, Simone (1996:49) abordou os verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal incluindo-os como um subgrupo dos *verbi sintagmatici* denominando-os *verbi pronominali multipli*, como se observa a seguir:

Per la verità la classe dei verbi sintagmatici italiani contiene ancora tre sottoclassi che ugualmente attendono di essere studiate e definite: si tratta perlomeno (a) dei verbi pronominali semplici del tipo di vederci, capirci (Non ci capisco nulla) o starci (Luisa non ci sta) o esserci e averci (due voci cruciali dell'italiano moderno, delle quali non c'è ancora una definizione precisa), (b) dei **verbi pronominali multipli**<sup>19</sup> come prendersela, farsela (Quei due se la fanno da un pezzo) o intendersela, o (c) dei verbi

<sup>18</sup> Preferimos manter a forma italiana da denominação por não termos encontrado em trabalhos científicos brasileiros a denominação correspondente em português.

<sup>19</sup> Grifo nosso.

sintagmatico-pronominali, come *farsi accanto*, *farsi avanti*, *farsi incontro*, *farsi indietro*, *farsi sotto*, o como *farsela adosso* o *andarsene via*.<sup>20</sup>

A partir dessa observação de Simone, denominaremos **Verbos Pronominais Múltiplos** a categoria verbal estudada nesta dissertação, doravante utilizando a sigla **VPMs** para designá-los.

De Mauro, no seu *Dizionario della Lingua Italiana per il Terzo Millennio* (2000), da Editora Paravia, versão *on-line*, na seção *Avvertenze per la consultazione: Lemmatizzazione e criteri generali*, denomina esta categoria verbal de *verbi procomplementari*<sup>21</sup>:

Figurano a lemma alcuni verbi procomplementari dotati di un proprio significato non riconducibile al verbo principale o molto cristallizzato: *avercela*, *cavarsela*, *fregarsene*. Hanno qualifica grammaticale “v.procompl.”, marca d’uso e l’indicazione della prima persona (quando necessaria).<sup>22</sup> (DE MAURO, 2000: XXXIV)

Ainda no mesmo dicionário, pesquisando a palavra *procomplementare*, encontra-se o seguinte verbete:

pro|com|ple|men|tà|re

agg. s.m.

TS ling.

1 agg., di elemento pronominale, spec. di proforma, che nella frase sostituisce un sintagma nominale con funzione di complemento

2 agg., di sintagma, che si avvale di tali elementi: costruzione p.

3 s.m. verbo procomplementare

<sup>20</sup> “Na verdade a classe dos verbos sintagmáticos italianos contém ainda outras três subclasses que aguardam, igualmente, por serem estudadas e definidas, se trata pelo menos (a) dos verbos pronominais simples do tipo de *vederci*, *capirci* (*Non ci capisco nulla*) ou *starci* (*Luisa non ci sta*) o *esserci* e *averci* (duas palavras cruciais do italiano moderno, para as quais não existe, ainda, uma definição precisa), (b) alguns **verbos pronominais múltiplos** como *prendersela*, *farsela*, (*Quei due se la fanno da un pezzo*) ou *intendersela*, ou (c) alguns verbos sintagmático-pronominais, como *farsi accanto*, *farsi avanti*, *farsi incontro*, *farsi indietro*, *farsi sotto*, ou como *farsela adosso* ou *andarsene via*”. (grifo e tradução nossos)

<sup>21</sup> A versão *on-line* desse dicionário foi desativada em outubro de 2009, durante o curso da nossa pesquisa. O site no qual se encontrava era o <old.demauroparavia.it>. Felizmente, havíamos copiado o conteúdo que era de nosso interesse. Estas informações também estão disponíveis na edição em papel do mesmo dicionário e do *GRADIT*: De Mauro, T., 2000, Grande dizionario italiano dell'uso, Torino, UTET.

<sup>22</sup> “Aparecem como entrada alguns verbos procomplementares dotados de um significado próprio que não pode ser atribuído ao verbo principal, ou que está muito cristalizado: *avercela*, *cavarsela*, *fregarsene*. Possuem qualificação gramatical ‘v.procompl.’ marca de uso e indicação da primeira pessoa” (quando necessário). (tradução nossa)

Como se pode observar, De Mauro usa o termo *procomplementare* como adjetivo de verbo e como sinônimo de sintagmático, o que vem ao encontro da definição de Simone (1997: 49), que os denomina *verbi sintagmatici*:

[...] sintagmi formati da una testa verbale e da un complemento costituito da una ‘particella’ (originariamente un avverbio) uniti da una coesione sintattica di grado elevato al punto che non si può commutare il verbo sintagmatico intero con una sola delle sue parti.<sup>23</sup>

Ao contrário de Simone, De Mauro (2000) não distingue os verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal daqueles conjugados com apenas uma partícula, como *averci, starci, esserci* ou *andarne* denominando-os todos de *procomplementari*. Na categoria dos *procomplementari*, De Mauro não engloba, porém, os verbos conjugados com a partícula *si*, denominando este grupo de *pronominali*. Disto resulta uma das dificuldades de nomenclatura e de posicionamento do objeto pesquisado na qual nos encontramos, pois o nosso recorte contempla apenas verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal e que possuam, obrigatoriamente, significado sintagmático.

Os VPMs, porém, podem ser encontrados com as mais variadas denominações em gramáticas, manuais e dicionários monolíngues e bilíngues, não havendo consenso dos pesquisadores sobre a denominação desta categoria verbal. Para que melhor se visualize a questão da nomenclatura e categorização dos grupos verbais propostos por De Mauro e por Simone, apresentamos abaixo um diagrama ilustrativo:

Gráfico 1 – Categorização do objeto de estudo



<sup>23</sup> “[...] Sintagmas formados por um núcleo verbal e por um complemento constituído de uma partícula (originalmente um advérbio), unidos por uma coesão sintática de grau elevado a tal ponto que não se pode comutar o verbo sintagmático inteiro por apenas uma de suas partes”. (tradução nossa)

Os VPMs estariam localizados, portanto, na intersecção entre o conjunto dos *verbi procomplementari* de De Mauro e o conjunto dos *verbi sintagmatici* de Simone. A razão disto é que os VPMs compõem apenas parte do conjunto dos *verbi procomplementari*, excetuando-se os verbos conjugados com apenas uma partícula pronominal (como *averci*) e parte do conjunto dos *verbi sintagmatici*, por constituírem apenas uma das três modalidades do trabalho de Simone.

Viviani (2006) aborda os *verbi procomplementari* (levando em conta a denominação e categorização de De Mauro no *GRADIT*) em uma pesquisa onde três pontos de discussão têm destaque: a) a questão da identidade e nomenclatura da categoria verbal na qual há a adição de um ou mais elementos pronominais ao verbo, que, muitas vezes, assume um valor semântico distante do verbo do qual teve origem; b) o histórico do fenômeno de dessemantização dos clíticos, gramaticalização e lexicalização, verificado em gramáticas e dicionários italianos e c) a presença e apresentação dos *verbi procomplementari* em dicionários bilíngues inglês - italiano.

A pesquisa de Viviani é bastante completa, e semelhante a nossa em termos de linhas metodológicas, porém é conveniente ressaltar que o recorte deste autor é mais amplo que o nosso, já que abrange todo o grupo dos *verbi procomplementari*, isto é, os verbos que são conjugados tanto com uma quanto com duas partículas pronominais. A nossa pesquisa<sup>24</sup>, abordando também dicionários bilíngues, enfoca o português brasileiro, no qual, ao contrário da língua inglesa, aparentemente inexistem trabalhos sobre este tema. Dado que esta pesquisa não tem como objetivo a comprovação da existência e/ou autonomia lexical da categoria verbal estudada, mas sim a sua presença e modo de apresentação em obras lexicográficas, não realizamos uma pesquisa exaustiva na historicidade e evolução morfológica das partículas pronominais, embora acenemos à importância desse processo na formação dos VPMs na seção 1.2.1.

Pela semelhança com o nosso trabalho e por fazer, a quanto consta, o primeiro retrato completo da categoria verbal estudada, o trabalho de Viviani foi bastante relevante para esclarecermos pontos até então um pouco obscuros da nossa própria pesquisa.

---

<sup>24</sup> Apesar das duas pesquisas demonstrarem pontos de convergência, é oportuno notar que tivemos acesso a íntegra do trabalho de Viviani somente em agosto de 2009, com a pesquisa já adiantada, em nossa viagem à Siena, Itália. Somente lá pudemos ter acesso a maior parte da bibliografia específica sobre o tema, de difícil acesso no Brasil.

Viviani aponta para a dificuldade de aprendizado enfrentada em relação aos *verbi procomplementari* e afirma que as dificuldades de ordem semântica aumentam com a adição de mais clíticos aos verbos, e principalmente, na gestão destas partículas pronominais.

O autor realizou sua pesquisa pensando nos aprendizes anglófonos como público-alvo, mas nós acreditamos que, neste caso específico, a dificuldade de aprendizagem atinge também os aprendizes brasileiros. É interessante notar que o autor, embora em nenhum momento cite Simone, faça casualmente uma comparação dos *verbi procomplementari* com os *phrasal verbs*, do mesmo modo que Simone, afirmando que:

[...] Qualcosa di simile in termine di difficoltà accade specularmente, agli italiani che parlino inglese, con riguardo ai *phrasal verbs*.<sup>25</sup> (VIVIANI, 2006: 255)

Em relação à aprendizagem, Viviani aponta também para a dificuldade que os aprendizes (no caso, de língua materna<sup>26</sup> inglesa) têm em compreender e usar esta categoria verbal problemática e afirma que os aprendizes utilizam “estratégias refinadas” para evitar o seu uso. Afirma também que atualmente não existem instrumentos adequados para que os aprendizes possam conhecer e aprender a utilizar estes verbos, e desta constatação parece ter partido a pesquisa do autor.

[...] dalla constatazione della mancanza, ad oggi, di idonei strumenti a disposizione dei discenti: è davvero troppo immaginare che per proprio conto, senza strumenti guida mirati, chi si accinga a perfezionare l'apprendimento della nostra lingua possa far sintesi individuale delle disorganiche [...] informazioni di grammatiche e dizionari.<sup>27</sup> (VIVIANI, 2006:256)

Este é, igualmente, o nosso escopo com o presente estudo, avaliar a presença dos VPMs em obras lexicográficas bilíngues e elaborar material que possa contribuir para o aprendizado desta categoria verbal por parte dos discentes de italiano LE.

<sup>25</sup> “Algo parecido, em termos de dificuldade, acontece de maneira especular aos italianos que falam inglês, em relação aos *phrasal verbs*.” (tradução nossa)

<sup>26</sup> Doravante LM, Língua Materna.

<sup>27</sup> “[...]até esta data, a constatação da ausência de instrumentos adequados à disposição dos alunos: seria realmente exagerado imaginar que alguém, por conta própria e sem a orientação de ferramentas específicas, e preparando-se para melhorar a aprendizagem do nosso idioma, pudesse fazer individualmente uma síntese das fragmentadas [...] informações das gramáticas e dicionários.” (tradução nossa)

### 1.2.1. GRAMATICALIZAÇÃO E LEXICALIZAÇÃO DOS CLÍTICOS

A tendência dos verbos de arrastar ou atrair para si um clítico dessemantizado já foi observada, analisada e demonstrada por diversos linguistas italianos, especialmente nas variantes "italiano de uso médio" ou *neostandard*<sup>28</sup>.

Berretta, em vários trabalhos, estudou a presença dos clíticos no italiano contemporâneo, especialmente no italiano falado, afirmando que:

Contribuisce ad aumentare le occorrenze dei clitici anche la frequenza di verbi pronominali del tipo di **andarsene, cavarsela, farcela**<sup>29</sup> e simili, tipici della varietà colloquiale e sempre più usati nel registro medio. In altre parole, gli atoni sono molto usati non tanto, o non solo, perché siano scelti di per sé, quanto perché la loro comparsa è effetto di scelte di altro livello, sintattico e lessicale<sup>30</sup>. (BERRETTA 1993: 226)

Constatando que embora os verbos tenham atraído para si os clíticos, tornando-os semanticamente opacos e formando com eles uma nova unidade lexical (Berretta, 1985:187) não podemos enquadrá-los na categoria de pronominais porque, segundo De Mauro (*GRADIT*), os verbos pronominais são conjugados com a partícula pronominal *si* sem que estes assumam significado reflexivo, por exemplo: *pentirsi* ou *vergognarsi*. Visto que na língua italiana atual não existem as formas sem o pronome (*pentire\** e *vergognare\**), tais verbos não podem assumir valor reflexivo real<sup>31</sup>, como o que ocorre em *lavare/lavarsi*.

A questão fundamental e diferencial é que os *verbi procomplementari* (e, portanto, os VPMs) são verbos que aceitam como complemento de significado um ou dois elementos pronominais, formando com estes um ou mais significados distantes do significado original do verbo sem as partículas.

Outra questão que legitima a tendência dos *procomplementari* de serem tratados como ULs autônomas e como tais, serem passíveis de inserção como entrada independente nos dicionários (como ocorre no *GRADIT* e no *De Mauro – Paravia*), é o fato de muitas vezes

<sup>28</sup> As variantes da língua italiana serão tratadas no capítulo 2.

<sup>29</sup> Grifo nosso.

<sup>30</sup> "A frequência dos verbos pronominais do tipo *andarsene, cavarsela, farcela* e outros semelhantes também contribui para aumentar a ocorrência dos clíticos, típicos da variedade coloquial e cada vez mais usados no registro médio. Em outras palavras, os átonos são muito usados, não tanto ou não apenas porque são escolhidos por si, mas também porque o seu aparecimento é efeito de escolhas de outro nível, sintático e lexical." (tradução nossa)

<sup>31</sup> Cf. DARDANO e TRIFONE, 1997, pág. 310.

produzirem *polirematiche*<sup>32</sup>, unidades lexicais complexas ou locuções, frequentemente bem distantes do valor semântico da base verbal *procomplementare*. Veja-se o exemplo do significado da *polirematica prendersela comoda* (fazer algo com calma), bastante distante do significado di *prendersela* (ofender-se).

Uma importante contribuição foi realizada por D’Achille (2006) ao reconhecer e enfatizar a denominação e categorização feita por De Mauro no *GRADIT* e esclarecer o papel dos clíticos na categoria verbal em questão:

Nel loro complesso i clitici sembrano avviati a perdere lo statuto pronominale, per svolgere altre funzioni, grammaticali o lessicali. Nel parlato sono molto più frequenti che nello scritto, anche in conseguenza [...] di valori particolari assunti, in determinati verbi (detti "procomplementari"), da vari clitici.<sup>33</sup> (D’ACHILLE, 2006:112)

A propósito dos processos de gramaticalização e lexicalização, é relevante apresentar uma breve explicação e definição de tais termos.

A gramaticalização, segundo Câmara (1984)<sup>34</sup> é um “processo que consiste na transformação de palavras lexicais em palavras gramaticais”. Segundo o verbete da enciclopédia italiana Treccani<sup>35</sup>, a gramaticalização pode consistir no emprego de um elemento lexical em função de um elemento gramatical ou também no fenómeno no qual um elemento lexical, dotado de conteúdo semântico próprio, assume de maneira mais ou menos estável uma função gramatical.

<sup>32</sup> *Significato del termine - dal dizionario di TULLIO DE MAURO: gruppo di parole che ha un significato unitario, non desumibile da quello delle parole che lo compongono, sia nell'uso corrente sia in linguaggi tecnico-specialistici, come in italiano vedere rosso "adirarsi" o scala mobile "crescita dei salari al crescere dell'inflazione", ecc. Sinonimi: lessema complesso, locuzione, locuzione cristallizzata, locuzione polirematica.* “Significado do termo – do dicionário de TULLIO DE MAURO: grupo de palavras que possui um significado unitário, não dedutível do significado das palavras que o compõem, seja no uso corrente ou na linguagem técnica ou setorial, como no italiano *vedere rosso* “irritar-se” ou *scala mobile* “aumento dos salários com o aumento da inflação”, etc. Sinônimos: lexema complexo, locução, locução cristalizada, locução *polirematica*” (tradução nossa)

<sup>33</sup> “Tomados em conjunto, os clíticos parecem estar prestes a perder o seu estatuto pronominal, para executar outras funções, gramaticais ou lexicais. No discurso oral são muito mais frequentes do que na escrita, em parte como consequência [...] de valores particulares assumidos por vários clíticos, em alguns verbos (chamados de ‘procomplementari’).” (tradução nossa)

<sup>34</sup> Definição disponível no Dicionário de Termos Linguísticos, em <<http://www.ait.pt/index2.htm>>.

<sup>35</sup> <<http://www.treccani.it/portale/opencms/Portale/homePage.html>>.



Já a lexicalização segundo Bauer (1988) <sup>36</sup> ocorre quando uma palavra “já não pode ser formada por regras produtivas. As palavras podem ser semanticamente lexicalizadas se o seu significado deixou de ser a soma do resultado das suas partes”.

Nesse sentido, Russi (2008), elabora uma contribuição importante em relação aos *verbi procomplementari*, explicando como a gramaticalização e a lexicalização atuam na formação desta categoria verbal:

O italiano apresenta uma classe verbal que compreende verbos que incorporaram um pronome clítico (*si* reflexivo, *ne* partitivo, *ci* locativo, *la* objeto direto f.s.) ou uma combinação de clíticos (*si+la*, *si+ne*, *ci+la*) – os chamados *verbi procomplementari* (De Mauro 1999-2000). Este trabalho pretende demonstrar como a análise destes verbos pode contribuir para o debate em andamento em prol de uma caracterização adequada e a inter-relação entre os fenômenos de gramaticalização e lexicalização. [...] A minha tese é que os *verbi procomplementari* ilustram bem a interação entre a gramaticalização e a lexicalização, dado que a sua evolução envolve os dois fenômenos: gramaticalização do clítico, que se torna um elemento formativo obrigatório, cuja omissão conduz a estruturas inaceitáveis, e lexicalização, porque novos elementos lexicais emergem da fusão de dois elementos lexicais pré-existentes, que sofreram mudanças substanciais a nível semântico.<sup>37</sup>

A esse respeito é interessante observar alguns fenômenos relativos a determinados VPMs, como é o caso de *infischarsene* e *fregarsene*, que incorporaram de tal maneira o clítico *ne*, que a forma sem o clítico não é mais considerada aceitável, ilustrando de forma clara os fenômenos de gramaticalização e lexicalização apontados por Russi e ilustrados por D’Achille:

Il *ne* per il moto da luogo è divenuto alquanto raro, tranne che nel caso di *andarsene*, dove però *si* è ormai saldato al verbo; come il *ci* del resto, anche questo clítico tende a conferire valori particolari ai verbi procomplementari con cui *si* accompagna, attenuando il suo valore pronominale: così [...] con verbi come *infischarsene*, *fregarsene*, ecc., dove infatti non viene omesso nemmeno in presenza del complemento che teoricamente riprende (*me ne frego di quello che dice tuo fratello* e non *\*mi frego*). In questi casi il *ne* e soprattutto il *ci* tendono alla lessicalizzazione: finiscono cioè col perdere il

<sup>36</sup> Idem à nota nº 34.

<sup>37</sup> No original: “Italian features a verb class that comprises verbs that have incorporated a clitic pronoun (*si* ‘reflexive’, *ne* ‘partitive’, *ci* ‘locative’, *la* ‘3sg feminine direct object’) or a clitic cluster (*si+la*, *si+ne*, *ci+la*) – the so-called *verbi procomplementari* (De Mauro 1999-2000). This paper aims at showing how the analysis of these verbs contributes to the on-going debate on the proper characterization of and the interrelationship between grammaticalization and lexicalization [...]. I propose that *verbi complementari* nicely illustrate the interaction between grammaticalization and lexicalization since their development involves both phenomena: grammaticalization of the clitic, which becomes an obligatory formative whose omission leads to unacceptable structures, and lexicalization because new lexical items emerge from the fusion of two pre-existing items which have undergone substantive changes at the semantic level.” (Tradução e adaptação nossas.)

loro statuto di pronome saldandosi direttamente al verbo, anche se mantengono la loro normale posizione sul piano sintattico [...].<sup>38</sup> (D'ACHILLE, 2006:114)

Um exemplo significativo da importância desses fenômenos refletidos nas obras lexicográficas (mono e bilíngues) do *corpus* é a inserção, sob a forma de entrada, de alguns VPMs na sua forma infinitiva (verbo+clítico+clítico), nos casos em que não exista ou não seja mais usada a forma infinitiva sem um ou dois clíticos, como em *svignarsela*<sup>39</sup>.

### 1.2.2. VPMS: QUAIS E QUANTOS SÃO?

Temos como objetivo, nesta seção, elencar o maior número possível de VPMs encontrados no decorrer de nossa pesquisa, comentar sobre como e onde foram encontrados, além de explicitar detalhes sobre a sua “identidade verbal”. Não é nossa meta, nesta seção, apresentar a lista definitiva dos VPMs que constituem o nosso *corpus* de análise. Este tema será tratado na seção 4.1.

Conforme já mencionado, na fase inicial de nossa pesquisa, quando ainda tomávamos conhecimento das combinações pronominais possíveis dos VPMs, arrolamos diversos verbos primeiramente no motor de buscas *Google*, restringindo as buscas aos *sites* italianos e posteriormente no Dicionário *De Mauro – Paravia*, do qual obtivemos os seguintes VPMs, distribuídos na tabela de acordo com a combinação entre as partículas pronominais, totalizando 65 verbos.

<sup>38</sup> “O *ne* para expressar *moto da luogo* [movimento proveniente de um lugar] se tornou bastante raro, exceto no caso de *andarsene*, onde já se aglutinou ao verbo; como o *ci*, este clítico também tende a conferir valores particulares aos verbos que acompanha, atenuando o seu valor pronominal: assim, [...] em verbos como *infischarsene*, *fregarsene*, etc, onde não é omitido nem na presença do complemento que, teoricamente, retoma (*me ne frego di quello che dice tuo fratello* e não *\*mi frego*). Nesses casos o *ne*, e principalmente, o *ci*, têm a tendência de lexicalizar-se: acabam perdendo o seu status de pronome, soldando-se diretamente ao verbo, apesar de manterem a sua posição normal a nível sintático [...]”. (tradução nossa)

<sup>39</sup> O VPM *svignarsela* está presente como entrada nos dicionários bilíngues Martins Fontes e Parola Chiave e nos monolíngues De Mauro e *GRADIT*. A forma *svignare* é atualmente em desuso e remonta à Manzoni.

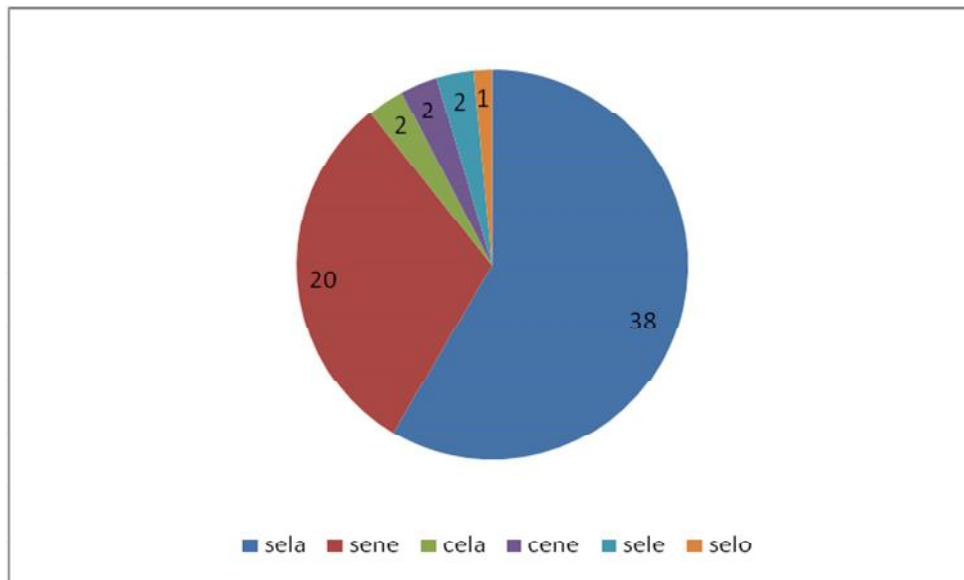
Tabela 1 – Lista de VPMs por tipo de combinação pronominal presentes no dicionário *De Mauro – Paravia*.

<i>sela</i>	<i>sene</i>	<i>cela</i>	<i>cene</i>	<i>sele</i>	<i>selo</i>
38	20	2	2	2	1
aversela	andarsene	avercela	volercene	darsele	menarselo
battersela	approfittarsene	farcela	corrercene	suonarsele	
bersela	aversene				
cavarsela	farsene				
cercarsela	fottarsene				
contarsela	fregarsene				
darsela	guardarsene				
dirsela	impiparsene				
dormirsela	infischirsene				
farsela	intendersene				
filarsela	morirsene				
fumarsela	ridersene				
giocarsela	ritornarsene				
giostrarsela	sbattersene				
godersela	strabattersene				
intendersela	strafottarsene				
menarsela	strafregarsene				
meritarsela	stropicciarsene				
passarsela	tornarsene				
pigliarsela	venirsene				
prendersela					
ridersela					
rifarsela					
sbarcarsela					
sbirbarsela					
sbolognarsela					
sbrigarsela					
sbrogliarsela					
sbucciarsela					
scapolarsela					
sentirsela					
sfangarsela					

spassarsela					
squagliarsela					
svignarsela					
tirarsela					
togliarsela					
vedersela					

Analisando a quantidade de verbos por tipo de combinação lexical, observa-se que a combinação pronominal *sela* é a mais produtiva, com 38 verbos e *selo*, a menos produtiva, com apenas um verbo, como se observa no gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Distribuição dos VPMs por tipo de combinação pronominal (1)



Além dos 65 verbos acima, obtidos a partir do *De Mauro – Paravia*, outros VPMs atraíram a nossa atenção, em livros, artigos e *sites* na internet, tais como *sentirselo* (no sentido de pressentir, citado por Viviani, 2006) *volerselo*, *volersela* (presente no PC como sinônimo de *meritarsela*), *starsene*, *viaggiarsela*, *cagarsela*, *scamparsela*, *uscirsene (con)* e a locução *cantarsela* e *suonarsela*.

Em um segundo momento do arrolamento dos VPMs, por ocasião da leitura da pesquisa de Viviani sobre os *verbi procomplementari*, observamos que o autor havia elencado mais alguns *procomplementari* conjugados com duas partículas pronominais, ou seja, mais VPMs. O autor elencou 157 *procomplementari* (com uma e duas partículas pronominais, a partir do *GRADIT*, dos quais 80 com duas partículas, isto é, 80 VPMs).

Os verbos *credersela*, *guazzarsela*, *infottersene*, *iscapolarsene*, *riandarsene*, *ridacchiarsela*, *rigirarsela*, *riprendersela*, *sbroccolarsela*, *scialarsela*, *sgabellarsela*, *sgattaiolarsela*, *sgiulebbarsela*, *spassegiarsela*, *strigarsela* não haviam sido elencados inicialmente por nós. Dos 65 VPMs inicialmente elencados, quinze não constavam do *De Mauro – Paravia* (como *procomplementari*), talvez por critérios de frequência. Por conseguinte, com esta complementação de VPMs à lista inicial, o número de VPMs foi elevado de 65 a 80, conforme a lista abaixo:

Tabela 2 – Lista de VPMs segundo o *GRADIT*

	VPM
1.	andarsene
2.	approfittarsene
3.	avercela
4.	aversela
5.	aversene
6.	battersela
7.	bersela
8.	cavarsela
9.	cercarsela
10.	contarsela
11.	corrercene
12.	credersela
13.	darsela
14.	darsele
15.	dirsela
16.	dormirsela
17.	farcela
18.	farsela
19.	farsene
20.	filarsela
21.	fottersene
22.	fregarsene
23.	fumarsela
24.	giocarsela
25.	giostrarsela
26.	godersela

27.	guardarsene
28.	guazzarsela
29.	impiparsene
30.	infischiarsene
31.	infottersene
32.	intendersela
33.	intendersene
34.	iscapolarsene
35.	menarsela
36.	menarselo
37.	meritarsela
38.	morirsene
39.	passarsela
40.	pigliarsela
41.	prendersela
42.	riandarsene
43.	ridacchiarsela
44.	ridersela
45.	ridersene
46.	rifarsela
47.	rigirarsela
48.	riprendersela
49.	ritornarsene
50.	sbarcarsela
51.	sbattersene
52.	sbirbarsela
53.	sbolognarsela
54.	sbrigarsela
55.	sbroccolarsela
56.	sbrogliarsela
57.	sbucciarsela
58.	scapolarsela
59.	scialarsela
60.	sentirsela
61.	sfangarsela
62.	sgabellarsela
63.	sgattaiolarsela
64.	sgiulebbarsela

65.	spassarsela
66.	spasseggiarsela
67.	squagliarsela
68.	strabattersene
69.	strafottersene
70.	strafregarsene
71.	strigarsela
72.	stropicciarsene
73.	suonarsele
74.	svignarsela
75.	tirarsela
76.	togliarsela
77.	tornarsene
78.	vedersela
79.	venirsene
80.	volercene

Viviani, porém, preferiu retirar alguns verbos que considera de BU – *basso uso*<sup>40</sup> (em relação à frequência, literários ou excessivamente regionais) da formação do *corpus* a ser apresentado ao discente em forma lexicográfica.

Os verbos excluídos pelo autor são: *credersela, dirsela, farsene, fumarsela, infottersene, riprendersela, sbolognarsela, sbucciarsela, sgabellarsela, spasseggiarsela, strigarsela, guazzarsela, sbirbarsela, sgiulebbarsela, sbroccolarsela* e *iscapolarsene*.

O autor questiona a utilidade, para o aprendiz de italiano L2, da presença em obras lexicográficas bilíngues de alguns *procomplementari*, especificamente aqueles por ele considerados vulgares e inaceitáveis ou não condizentes com o italiano de uso médio (ou variedade *neostandard*).

Nesta etapa de arrolamento dos VPMs não consideraremos a questão dos VPMs classificados como vulgares, literários ou de pouca frequência. Este questionamento é abordado mais adiante, na seção que diz respeito à elaboração dos verbetes dos VPMs. Realizamos, entretanto, uma pesquisa dos VPMs nos jornais em relação à sua frequência. Esta

<sup>40</sup> BU, de baixo uso, em relação à frequência de uso segundo De Mauro no *GRADIT*. As siglas e outros aspectos relacionados à frequência e registro serão explorados no capítulo 4.

listagem final é a base para a elaboração de verbetes dos VPMs que futuramente comporão um dicionário, e será apresentada na seção 4.1.2.

Nesta seção, o nosso objetivo é elencar a profusão desta categoria verbal e fornecer elementos relativos à sua diacronia na língua italiana. Por tal razão, não excluiremos, a priori, nenhum VPM, procedendo então, abaixo, à reformulação da lista com os VPMs encontrados até o momento em nossa pesquisa, baseada nos VPMs presentes no *GRADIT*. A seguinte lista, à diferença da anterior, incluirá a datação do VPM, se conhecida.

Tabela 3 – Lista de VPMs em ordem cronológica de datação segundo o *GRADIT*

	VPM	DATAÇÃO
1.	andarsene	1294
2.	intendersela	1310-1312
3.	guardarsene	1374
4.	credersela	1400
5.	aversela	1553
6.	menarselo	1556
7.	spasseggiarsela	1600
8.	dirselas	1606
9.	battersela	1646
10.	prendersela	1707
11.	strigarsela	1726
12.	pigliarsela	1729
13.	ridersela	1735
14.	scialarsela	1767
15.	godersela	1793
16.	dormirsela	1803
17.	sbirbarsela	1803
18.	fumarsela	1825
19.	cavarsela	1828
20.	cercarsela	1830
21.	impiparsene	1840-1842
22.	iscapolarsene	1840-1842
23.	spassarsela	1851
24.	sgabellarsela	1855
25.	scapolarsela	1857
26.	guazzarsela	1861



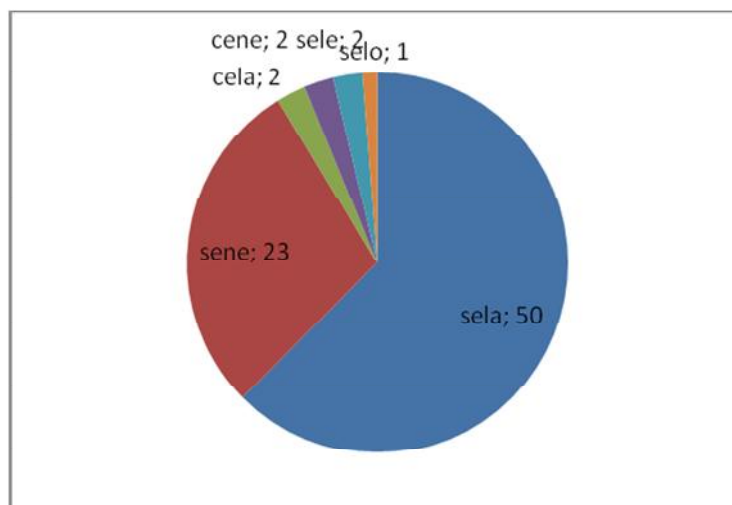
27.	sgiulebbarsela	1863
28.	approffittarsene	1865
29.	strafottersene	1868
30.	infischarsene	1869
31.	fottersene	1872
32.	sfangarsela	1873
33.	svignarsela	1873
34.	tornarsene	1879
35.	sbrogliarsela	1880
36.	farsene	1881
37.	sgattaiolarsela	1883
38.	sbucciarsela	1892
39.	fregarsene	1894
40.	sbolognarsela	1905
41.	darsela	1907
42.	rifarsela	1915
43.	filarsela	1919
44.	sbrigarsela	1920
45.	infottersene	1931
46.	farsela	1934
47.	morirsene	1936
48.	rigirarsela	1942
49.	corrercene	1950
50.	sbroccolarsela	1957
51.	suonarsele	1959
52.	squagliarsela	1960
53.	sbattersene	1964
54.	tirarsela	1993
55.	strabattersene	1995
56.	intendersene	séc. XIII
57.	passarsela	séc. XVI
58.	ritornarsene	séc. XVII
59.	avercela	séc. XX
60.	bersela	séc. XX
61.	contarsela	séc. XX
62.	darsele	séc. XX
63.	farcela	séc. XX
64.	giocarsela	séc. XX

65.	giostrarsela	séc. XX
66.	menarsela	séc. XX
67.	meritarsela	séc. XX
68.	riandarsene	séc. XX
69.	ridacchiarsela	séc. XX
70.	ridersene	séc. XX
71.	riprendersela	séc. XX
72.	sbarcarsela	séc. XX
73.	sentirsela	séc. XX
74.	strafregarsene	séc. XX
75.	stropicciarsene	séc. XX
76.	togliersela	séc. XX
77.	vedersela	séc. XX
78.	venirsene	séc. XX
79.	volercene	séc. XX
80.	aversene	Ø

Ø= Não consta a datação no documento fonte.

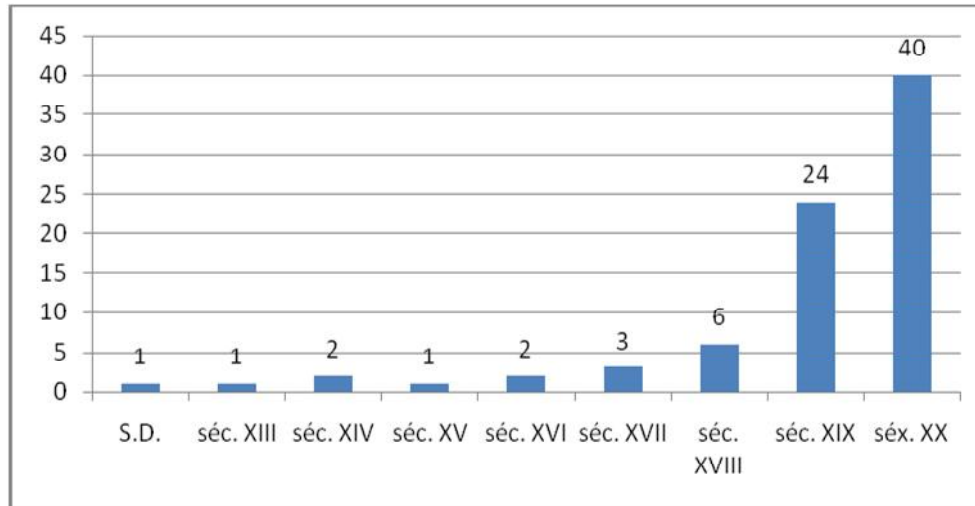
Observando novamente a distribuição dos VPMs de acordo com a combinação pronominal percebemos que a combinação *sela* continua sendo a mais produtiva, desta vez com 50 verbos e a combinação *selo* a menos produtiva, com 1 verbo, o mesmo registrado anteriormente.

Gráfico 3 – Distribuição dos VPMs por combinação pronominal (2)



No que diz respeito à datação, é interessante observar o salto na quantidade de VPMs presentes no *GRADIT* ocorrido a partir do século XIX, com a atestação de 24 VPMs e no século XX com 40 VPMs, como se pode notar no gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Datação dos VPMs segundo o *GRADIT*



É importante ressaltar que estes dados dizem respeito aos VPMs encontrados em dicionários, principalmente no *De Mauro – Paravia* e no *GRADIT*. Outras formas, como por exemplo, *sentirsielo*, também foram encontradas, mas não em obras lexicográficas, como acenamos anteriormente.

Conforme já mencionado anteriormente, um dos verbos que encontramos no início de nossa investigação na internet foi o VPM *viaggiarsela*. Este verbo foi encontrado no fórum do site da *Accademia della Crusca*<sup>41</sup>, assim como outras informações relevantes sobre os *procomplementari* (incluindo VPMs).

Assim como o VPM supracitado, outros parecem passar por um processo chamado informalmente de "*procomplementarizzazione*"<sup>42</sup> que se caracteriza por ser a transformação e uso de um verbo originalmente conjugado sem nenhuma partícula em um verbo conjugado com mais de uma partícula, como em *viaggiare* → *viaggiarsela*.

A aglutinação de mais uma partícula em verbos que já são utilizados unidos a uma delas parece ser bastante frequente. Um exemplo disso é o verbo *scamparsela* (que não consta

<sup>41</sup> <[http://forum.accademiadellacrusca.it/forum\\_10/interventi/4504.shtml](http://forum.accademiadellacrusca.it/forum_10/interventi/4504.shtml)>.

<sup>42</sup> Já aludimos a tal processo em SANTOS, R. D. Presença e tratamento lexicográfico de verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal em alguns dicionários bilíngues em uso no Brasil. Serafino (São Paulo), v. 3, p. 104-110, 2010.

do *GRADIT*), também encontrado na forma *scamparla*. *Scamparla* significaria sobreviver a alguma coisa, enquanto *scamparsela* adquiriu o sentido mais reflexivo (proporcionado, justamente, pela partícula *si*) de sair de uma situação incômoda. Outro exemplo são os VPMs *menarsela* e *menarla*. *Menarla*, segundo o *GRADIT*, significa “incomodar alguém, sobretudo com pedidos insistentes e repetitivos” e *menarsela*, também segundo o *GRADIT*, “perder tempo com conversa fiada, enrolar”.

### 1.2.3. VPMs VERDADEIROS VERSUS VPMs FALSOS

Nosso recorte contempla exclusivamente os VPMs que não têm seu significado dedutível da soma das lexias que os compõem, como o verbo *tirarsela*, por exemplo, quando na sua estrutura a soma do verbo e das partículas componentes não alcança o significado final do verbo (*darsi arie, attribuirsi importanza, assumere un atteggiamento altezzoso o di superiorità*)<sup>43</sup>.

Contudo, não ignoramos o fato que alguns destes verbos possuem também um significado derivado somente da soma das partes que os compõem, como o próprio verbo *tirarsela*, que pode significar também “puxar algo (substantivo feminino) para si”: *tirare* + *se* + *la* = *tirare*: puxar + *se*: para si + *la*: algo feminino = puxá-la, puxar algo (s.f.) para si. A seguir, exemplos de *tirarsela* com os dois significados, o primeiro, resultante da soma das partículas unidas ao verbo e o segundo, com significado sintagmático: 1) *Resta un momento perplessa, in agguato; poi, con uno scrollo iroso, apre la porta, se la tira dietro, scende a precipizio la prima rampa.*<sup>44</sup> 2) *Ero piena di pregiudizi, pensavo fosse il classico attore posato, che se la tira perché vive a Parigi con Laetitia Casta. Invece è simpatico, brillante*<sup>45</sup>.

Para os propósitos desta pesquisa, denominamos este fenômeno, que também produz um verbo conjugado com mais de uma partícula pronominal, mas que não tem significado sintagmático, de **Falsos VPMs**. Embora, para fins de decodificação, deva-se conhecer o

<sup>43</sup> Definição de *tirarsela* no *GRADIT*. “Dar-se ares, atribuir-se importância, assumir um comportamento altivo ou de superioridade.” (tradução nossa)

<sup>44</sup> <[http://www.classicalitaliani.it/pirandel/novelle/12\\_168.htm](http://www.classicalitaliani.it/pirandel/novelle/12_168.htm)>. “Por um instante fica perplexa, à espreita; então, com um empurrão furioso, abre a porta, puxa-a atrás de si, desce impetuosamente a primeira rampa.” (tradução nossa)

<sup>45</sup> <[http://archivistorico.corriere.it/2011/gennaio/17/barbarica\\_contro\\_noia\\_televisiva\\_\\_co\\_9\\_110117054.shtml](http://archivistorico.corriere.it/2011/gennaio/17/barbarica_contro_noia_televisiva__co_9_110117054.shtml)>. “Eu estava cheia de preconceitos, pensava que fosse o típico ator sério, que se acha, porque mora em Paris com Laetitia Casta. Mas é simpático e brilhante.” (tradução nossa)

significado dos três componentes do verbo e isto nem sempre representar uma tarefa fácil, especialmente para o aprendiz de italiano LE/L2, a questão previsível que vem a seguir é simples: como saber se o significado do verbo é sintagmático ou não, isto é, se ele pode ou não ser dedutível dos seus componentes?

Viviani aponta para a problemática em relação ao reconhecimento e distinção dos *verbi procomplementari* (incluindo os VPMs) como tais ou como somatório de suas partes componentes.

In alcuni casi la distinzione tra questi verbi e quelli pronominali è assai complessa a determinarsi, essendo piuttosto sfumati, in molti casi di realizzazioni concrete in enunciato, i contorni tra l'una e l'altra.<sup>46</sup> (VIVIANI, 2006:258)

Utilizando o exemplo *non ho più incontrato quello scocciatore, sono riuscito a liberarmene*, o autor afirma que se não formos atentos, corremos o risco de associar o *ne* ao verbo, cujo infinitivo hipotético seria *liberarsene*. Neste caso, porém, o clítico não passa de uma retomada anafórica de *lo scocciatore*. O verbo, na realidade, é o pronominal *liberarsi*, e a locução, *liberarsi di qualcuno*. Não há, portanto, um *verbo procomplementare* (ou um VPM verdadeiro) e a prova disto é a possibilidade de substituição de *sono riuscito a liberarmene* por *sono riuscito a liberarmi di quello scocciatore*.

O fenômeno citado acima não ocorre em relação aos *procomplementari* e VPMs verdadeiros e às *polirematiche* originadas por eles. Um exemplo como *dovresti smettere di prendertela comoda quando si deve uscire al mattino* não pode ser substituído por *\*dovresti smettere di prendere comoda quando si deve uscire al mattino*<sup>47</sup>, o que tornaria a *polirematica prendersela comoda* agramatical e obscura no seu significado.

Do mesmo modo, Simone (1996) indica em seu trabalho esta impossibilidade de substituição, porém com maior ênfase em relação aos *verbi sintagmatici* (mas que incluem os VPMs) formados por verbo + advérbio, cujas propriedades foram extensamente descritas em

<sup>46</sup> “Em alguns casos, a distinção entre estes verbos e os verbos pronominais é bastante complexa de ser determinada, e em muitos casos de realizações concretas na enunciação, os limites entre eles são bem suaves e difíceis de determinar”. (tradução nossa)

<sup>47</sup> No caso dos VPMs, não se pode omitir nenhum dos elementos pronominais sem prejuízo no significado e na gramaticalidade. Portanto, nem mesmo *\*dovresti smettere di prenderti comoda quando si deve uscire al mattino* ou *\*dovresti smettere di prenderla comoda quando si deve uscire al mattino* produzem enunciados aceitáveis em italiano.

seu trabalho. Utilizando os critérios semânticos, sintáticos, de nominalização e fonológicos, o autor demonstra como esta categoria verbal constitui-se como uma classe autônoma e característica, a exemplo dos *phrasal verbs*.

Dentre estes critérios, o semântico é aquele que mais relevo tem em relação aos VPMs. Simone (1996:54) afirma que “o significado do conjunto não pode ser deduzido do significado dos seus componentes”. A presença das partículas pronominais pode intensificar o significado do verbo ou conferir a este um significado totalmente diferente e imprevisível, como em *sentirsela* (ter ânimo ou vontade para realizar alguma coisa).

A propósito de VPMs verdadeiros e falsos, realizamos uma experiência<sup>48</sup> com a edição de 1840 de *I Promessi Sposi*<sup>49</sup>, de Alessandro Manzoni, na qual pesquisamos a presença desta categoria verbal. Como resultado, obtivemos uma lista de VPMs verdadeiros presentes na obra, dentre os quais selecionamos, a título de ilustração, os da tabela abaixo, juntamente com a sua localização na obra<sup>50</sup>.

Tabela 4 – Exemplos de VPMs verdadeiros em *I Promessi Sposi*

	<b>Página</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>Forma infinitiva do VPM</b>
1.	60	andarsene	andarsene
2.	88	me n'intendo	intendersene
3.	103	iscapolarsene	iscapolarsene
4.	146	se la batte	battersela
5.	339	prendersela	prendersela
6.	340	se la ride	ridersela
7.	431	se la piglia	pigliarsela
8.	678	se la godeva	godersela
9.	688	se la passasse	passarsela

O significado sintagmático, porém, e a consequente classificação e denominação destas construções verbais como *verbi procomplementari* ou VPMs, pode ser atribuído ou descartado somente na análise de cada frase, cada parágrafo, cada contexto, visto que uma

<sup>48</sup> A análise realizada foi apresentada em forma de monografia para a disciplina FLM5325-1/1- A Questão da Língua na Itália entre o Século XVIII e o Século XIX, até a Unidade Política (1861): Mudanças Políticas e Linguísticas, no segundo semestre de 2009, ministrada pela Prof.ª Dr.ª Maria Cecilia Casini.

<sup>49</sup> <[http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume\\_8/t337.pdf](http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_8/t337.pdf)>.

<sup>50</sup> Optamos por apresentar um número reduzido de VPMs dentre o total de 78 ocorrências encontradas em *I Promessi Sposi*, por serem em grande número e por não ser o principal objetivo desta dissertação determinar a ocorrência de VPMs na obra.

construção semelhante pode ser obtida pela simples união de um verbo com duas partículas pronominais, no qual cada elemento componente possui significado próprio.

Denominamos, por conseguinte, de **Falsos VPMs**, os verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal que não possuem significado sintagmático, cujo significado pode ser reconstruído a partir da soma do verbo e das partículas pronominais que o compõem.

Em *I Promessi Sposi* podem ser encontrados alguns Falsos VPMs, que indicaremos aqui a título de ilustração:

Tabela 5 – Exemplos de VPMs falsos em *I Promessi Sposi*

	<b>Página</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>Forma infinitiva do VPM</b>
1.	128	godersela	godersela
2.	136	tirandosela	tirarsela
3.	201	vedersela	vedersela
4.	314	se la sentiva	sentirsela
5.	575	se ne venisse	venirsene
6.	704	ce ne vorrebbe	volercene
7.	544	intendetela	intendersela

Em nossa pesquisa observamos que na obra analisada há mais VPMs verdadeiros do que falsos, fato que corrobora a datação antiga de alguns deles, como *andarsene* (1294) e que se opõe à pouca presença desta categoria verbal em gramáticas e dicionários.

Embora o significado possa ser determinado apenas pelo contexto no qual a UL se insere, percebemos que alguns dos VPMs já não possuem significado denotativo ou o uso e a frequência deste significado encontram-se diminuídos em detrimento do significado conotativo. Como exemplos destes VPMs, podemos citar: *passarsela*, *avercela* e *farcela*.

Esse tipo de fenômeno (a formação de Falsos VPMs) pode ainda ocorrer por meio da construção chamada em italiano de *costruzione riflessiva apparente o di affetto*<sup>51</sup>, comum no italiano de uso médio ou *neostandard*. Tais construções se caracterizam pela formação de

<sup>51</sup> A *costruzione riflessiva apparente o di affetto* parece ter um correspondente em português, também de elucidação extenuante para os aprendizes do nosso idioma como LE. É o uso de certos diminutivos, como no caso de “vou beber uma cervejinha”, ou “vou comer um peixinho”, que não indicam necessariamente que a cerveja ou o peixinho é pequeno, mas sim que se tem prazer, vontade ou benefício realizando estas ações.

verbos com forma pronominal para indicar maior participação afetiva ou de interesse. São exemplos deste tipo de construção frases como: *Verso le undici mi bevo un caffè, Valerio si vede um film in televisione*. Em consequência destas construções, podem ocorrer outras que retomem o enunciado anterior, desta vez, substituído por um pronome, o que pode originar a aparência de um VPM, como em: *Mario si sente la nuova canzone del suo cantante preferito. Se la sente ad alto volume in camera sua*. A última frase poderia nos levar a pensar, se considerada isoladamente ou fora de contexto, que *sentirsela*, nesse caso específico, é um VPM. Na verdade, se analisado mais detidamente, verifica-se que *sentirsela* é realmente um VPM, mas com o significado de ter ânimo ou disposição para fazer algo, significado que não se aplica a este contexto, oriundo de uma *costruzione riflessiva apparente o di affetto*, tendo como base o verbo *sentire*, mas aqui significando “escutar”.

Apresentamos um breve glossário sobre as diferentes denominações referentes aos verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal, para que se possa melhor caracterizá-los e distingui-los:

1. *verbi sintagmatici* (Simone, 1996) – sintagmas formados por um núcleo verbal e por um complemento constituído de uma partícula (originalmente um advérbio), unidos por uma coesão sintática de grau elevado a tal ponto que não se pode comutar o verbo sintagmático inteiro por apenas uma de suas partes. Exemplos: *fare fuori, vederci, prendersela*.
2. *verbi procomplementari* a) (De Mauro, 2000) – verbos dotados de um significado próprio ou que está muito cristalizado e que não pode ser atribuído ao verbo principal. Exemplos: *avercela, cavarsela, fregarsene*. b) (Viviani, 2006) – Verbos que aceitam um ou dois elementos pronominais como complemento de significado. Exemplos: *piantarla, curarsene*.
3. *verbi pronominali multipli* (Simone, 1996) – verbos sintagmáticos compostos por um verbo unido a mais de um pronome, com significado que não pode ser deduzido da soma das partes que os compõem. Exemplos: *prendersela, farsela, intendersela*.
4. verbos reflexivos: (Dardano; Trifone, 1997) – verbos nos quais o sujeito e o objeto coincidem. O fato expresso pelo verbo reflexivo se reflete sobre o próprio sujeito. Exemplos: *lavarsi, pettinarsi, vestirsi*. Pode também expressar uma reciprocidade de ação entre dois sujeitos. Exemplos: *amarsi, odiarsi, abbracciarsi*.
5. verbos pronominais: (Dardano; Trifone, 1997) – verbos intransitivos não reflexivos, mas que são conjugados com as mesmas partículas pronominais que os verbos



reflexivos (*mi, ti, si, ci, vi*). Tais verbos, caso seja retirada a partícula pronominal *si* de sua formação, não produzem uma forma verbal existente no léxico italiano. Exemplos: *pentirsi, ribellarsi*.

6. *verbi pronominali semplici* (Simone, 1996) – Por oposição aos *verbi pronominali multipli*, são aqueles formados por um verbo unido a uma só partícula, formando com esta uma unidade de significado sintagmático. Exemplos: *piantarla, pensarla*.
7. *falsi verbi pronominali multipli* / Falsos VPMs – estruturas formadas por mais de uma partícula pronominal unidas a um verbo, mas que não possuem significado sintagmático, isto é, cujo significado pode ser deduzido da soma dos significados de seus componentes. Exemplo: a estrutura *se la tira* na frase: *Maria apre la porta, esce e se la tira dietro*. (Maria abre a porta, sai e puxa-a atrás de si).
8. *polirematiche* (De Mauro, 2000) – também chamadas de locuções ou lexemas complexos, é um grupo de palavras que possui significado unitário, não dedutível do significado das palavras que o compõem, seja no uso corrente ou na linguagem técnica ou setorial. Exemplos: *vedere rosso* “irritar-se” ou *scala mobile* “aumento dos salários com o aumento da inflação”.

## 2. OS VPMs E AS VARIANTES LINGUÍSTICAS DO ITALIANO

*O povo faz bem as línguas. Fá-las imaginosas e claras, vivas e expressivas. Se fossem os sábios a fazê-las, elas seriam baças e pesadas.*

Anatole France

No ensino de língua italiana como LE, frequentemente nos questionamos sobre “qual italiano” ensinar. O italiano apresentado nos manuais de ensino para estrangeiros representa a(s) variante(s)<sup>52</sup> real (is) de comunicação entre os italianos? Os professores de italiano no Brasil, que não o possuem como LM, conseguem apreender as características e diferenças existentes entre o italiano *standard*<sup>53</sup> e o *neostandard*<sup>54</sup>, por exemplo? Onde e como os aprendizes e professores podem buscar noções de registro, uso, regionalismos e dialetismos das palavras que estão aprendendo e ensinando?

Questões como esta não têm uma resposta simples, embora assim possa parecer. A noção de qual registro usar, qual palavra ou expressão escolher em uma determinada situação ou contexto social muitas vezes só é aprendida por tentativa e erro, no país (ou países) da língua estudada, no contato com as pessoas no dia a dia, em situação de imersão linguística.

Em italiano existe a expressão *parlare come un libro stampato*, que embora pareça elogiosa, identifica a pessoa que fala de modo excessivamente formal, rebuscado. Para um falante nativo, falar de maneira demasiadamente formal pode ser uma questão de opção, para um falante LE, pode ser uma questão de desconhecimento de outras variantes linguísticas.

Para refletir sobre estas questões, devemos ter em mente a pluralidade linguística italiana e a relação desta pluralidade com o ensino da língua.

A pluralidade linguística italiana já era objeto das reflexões de Dante Alighieri, no ano de 1303, em *De volgari eloquentia*, na qual o autor já apontava para a grande variedade do falar italiano, sobretudo em relação à variação geográfica.

<sup>52</sup> Variante entendida como cada uma das modalidades em que uma língua se modifica, em relação ao vocabulário, pronúncia ou sintaxe, nos âmbitos diastrático, diafásico e diatópico.

<sup>53</sup> Entendido como o italiano não marcado do ponto de vista fonológico, sintático e lexical, como o italiano ensinado nos manuais de gramática italiana.

<sup>54</sup> Entendido como o italiano mais influenciado pelas construções, formas e realizações não admitidas pelas gramáticas e manuais, com influências do italiano popular e regional, estruturalmente mais simples, mais variado e mais próximo ao coloquial. (BERRUTO, 1987:62).

La sola Italia appare dunque differenziata in almeno quattordici volgari. Ora, anche questi volgari variano a loro volta (come, per esempio, i Senesi e gli Aretini in Toscana, i Ferraresi e i Piacentini in Lombardia); abbiamo inoltre notato che nella stessa città esiste un certo mutamento, come si è stabilito nel capitolo precedente. Pertanto, se volessimo contare le prime, seconde e ulteriori variazioni del volgare d'Italia, anche in questo piccolissimo angolo del mondo ci toccherebbe di giungere non solo a mille, ma anche a un numero maggiore di varietà linguistiche.<sup>55</sup>

Embora as questões sobre as variantes linguísticas e o ensino de italiano se tornem mais problemáticas após a constatação da grande *varietà del parlato* na Itália já no século XIV, e da fácil observação, nos dias atuais, da gama de variantes linguísticas encontradas na península, mesmo por observadores não especialistas, procuramos, neste capítulo, traçar um breve perfil das características do repertório linguístico dos italianos e das variedades que o constituem, abordando a questão da presença dos VPMs nestas variantes e a sua relação com o ensino/aprendizagem da língua italiana, e mais adiante, sobre o papel do dicionário como meio de contato entre o aprendiz e a língua “viva”.

Provavelmente esta reflexão tenha maior relevância no ensino de italiano como LE, já que ao estudar a língua italiana na Itália (situação de L2), os aprendizes estão naturalmente expostos ao contato com diversos níveis de registros, dialetos, falares regionais e outras variações do idioma, e o *input* não é (e não pode ser) controlado pelo professor.

Acreditamos, porém, que para aprender o italiano contemporâneo, mesmo como LE, é importante conhecer melhor as mudanças pelas quais a língua passa, já que frequentemente o italiano que se estuda fora da Itália (ou seja, como LE), nem sempre espelha a variedade de registros linguísticos atuais.

---

<sup>55</sup> <[http://www.classicalitaliani.it/dante/prosa/vulgari\\_ita.htm](http://www.classicalitaliani.it/dante/prosa/vulgari_ita.htm)>. Acesso em 04/06/2009. “Só a Itália aparece, portanto, diferenciada em quatorze tipos de línguas vulgares, pelo menos. Ora, estas línguas vulgares por sua vez, também variam (como por exemplo, os seneses e os aretinos na Toscana, os ferrareses e os piacentinos na Lombardia); além disso, notamos certa mutação, como foi estabelecido no capítulo precedente. Por isso, se quiséssemos contar as primeiras, segundas e posteriores variações da língua vulgar na Itália, mesmo nesse pequeno cantinho do mundo chegaríamos não só a mil, mas até a um número maior de variedades linguísticas.” (tradução nossa)

## 2.1. AS VARIANTES DA LÍNGUA ITALIANA

As variantes de uma língua se distribuem segundo quatro eixos fundamentais que representam as dimensões das variações. (CORBUCCI, 2007)

- a) dimensão diatópica, relativa ao espaço geográfico
- b) dimensão diastrática, relativa à estratificação em classes e grupos sociais
- c) dimensão diafásica, relativa à situação comunicativa, ao tema da comunicação e ao relacionamento entre os interlocutores
- d) dimensão diamésica, relativa ao modo de comunicação (escrito, falado ou transmitido pela televisão ou rádio)

Não existem limites definidos entre as variantes, entretanto existem áreas de sobreposição entre elas. Muitas características linguísticas estão presentes em mais de uma variante e as características típicas e peculiares a uma só variante são muito reduzidas. É difícil distinguir características nas áreas vizinhas ou sobrepostas, ao passo que as seções das extremidades têm as suas características mais facilmente identificadas.

Além disso, na Itália ocorre também uma relação de inclusão entre as diversas dimensões de variações: podemos dizer que a variação diamésica está incluída na variação diafásica, que está contida na variação diastrática, que por sua vez está incluída na variação diatópica. (CORBUCCI, 2007)

Dentro de cada dimensão de variação, temos os seguintes extremos:

- a) variação diatópica: do dialeto local ao italiano
- b) variação diastrática: do italiano popular ao italiano culto
- c) variação diafásica: do italiano informal ao italiano áulico
- d) variação diamésica: italiano falado, escrito e transmitido.

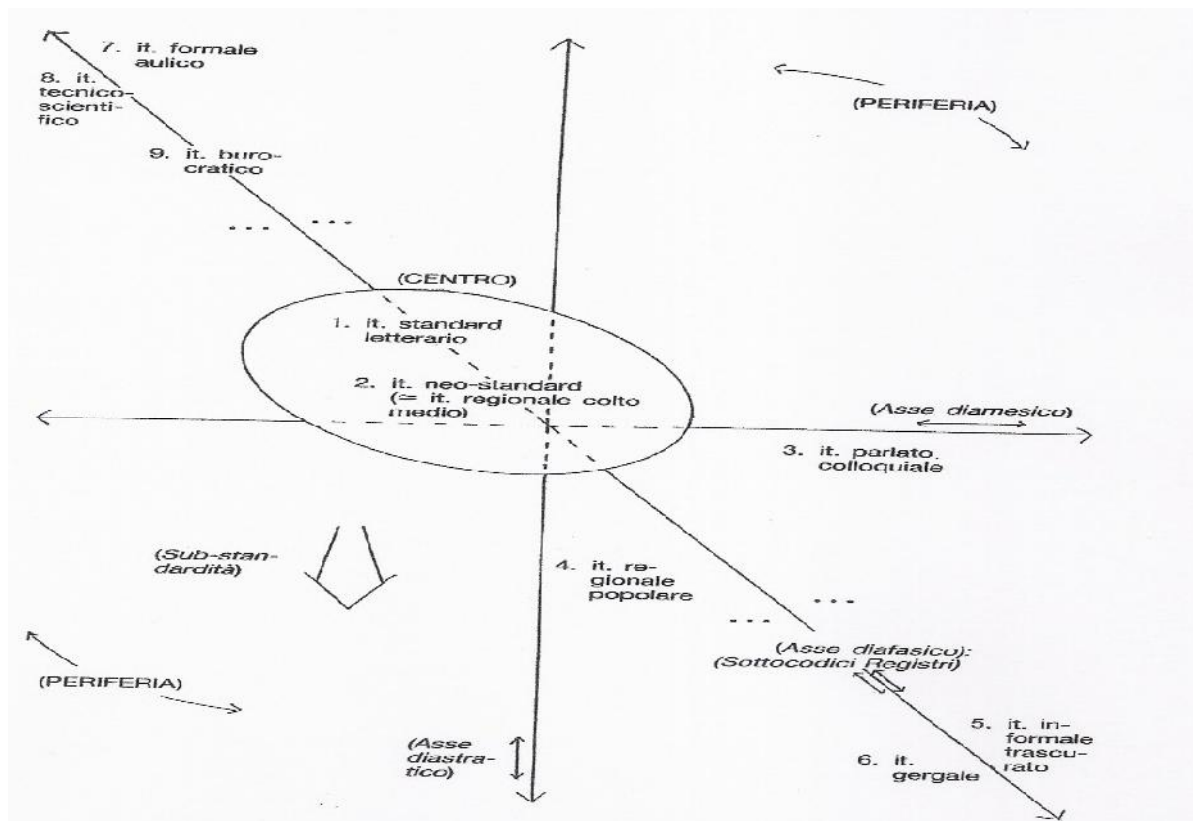
A variação que vem ocupando lugar de destaque nos últimos estudos sobre a sociolinguística do italiano falado na Itália é a variação diastrática, referente às alterações no idioma provenientes do grupo ou classe social dos interlocutores. É oportuno ressaltar que na Itália os fatores que preferencialmente determinam a classe social são o nível cultural e o modelo de comportamento, mais do que a renda. (CORBUCCI, 2007)

Observe-se o gráfico abaixo, onde Berruto esquematiza a arquitetura da língua italiana, mostrando como as variantes se apresentam em relação às dimensões diastráticas,

diamésicas e diafásicas. O autor representa no esquema “uma síntese do tipo e da colocação recíproca das variantes, cuja soma constitui a língua contemporânea.” (BERRUTO, 1987: 21)

1. italiano *standard* literário
2. italiano *neostandard* que se aproxima do italiano regional culto-médio
3. italiano falado coloquial
4. italiano regional popular
5. italiano informal distenso
6. italiano de gíria ou gergesco
7. italiano formal áulico
8. italiano técnico-científico
9. italiano burocrático

Gráfico 5 – Variantes da língua italiana<sup>56</sup>



<sup>56</sup> Retirado de BERRUTO, Gaetano. Sociolinguistica dell'italiano contemporaneo. Roma, Carocci, 1987

A área central do diagrama, abrangendo o ponto de intersecção dos eixos diamésico, diastrático e diafásico, é ocupada pelas variantes *standard* e *neostandard*, das quais nos ocuparemos mais detidamente, e nas quais a presença de VPMs pode ser mais facilmente observada.

Corbucci (2007) reforça a afirmação de Berruto (1987) sobre a relação das variantes linguísticas e a variação diastrática, afirmando que no panorama linguístico italiano é o nível de instrução a determinar a distinção entre o italiano *standard* literário, o italiano *neostandard* e o italiano popular. Corbucci enfatiza também o fato de o italiano *standard* ser atualmente relegado a usos muito formais e quase exclusivamente escritos, enquanto o italiano *neostandard* é usado por pessoas cultas e de instrução média e, além de tudo, é a variante usada pelos meios de comunicação de massa.

Outra questão importante diz respeito à variação diafásica da comunicação, aquela que tem relação com a situação comunicativa. No âmbito da variação diafásica, a língua da conversação quotidiana tem caráter relevante, isto é, o italiano coloquial, que é usado em situações informais e sobre temas de uso comum.

No panorama linguístico italiano, o italiano coloquial representa uma variante situacional, não ligada à variação diastrática, visto que independe da camada social à qual o interlocutor pertence e também é bastante independente da variação diatópica, pelo fato de apresentar traços suprarregionais.

Muito mais presente no falado do que no escrito (apesar de modernamente estar presente em blogs e escritos informais), o italiano coloquial é descrito por Berruto (1987:139) como um super-registro e é importante por caracterizar algumas marcas de uso dos VPMs nos dicionários do *corpus*, como pode ser visto no capítulo 4.

## 2.2. CARACTERÍSTICAS DO ITALIANO STANDARD, NEOSTANDARD E DO ITALIANO COLOQUIAL

Não é nosso objetivo neste trabalho recapitular a história da língua italiana até os dias de hoje, dado que o nosso recorte não é histórico. Pretendemos, porém, sublinhar alguns pontos relativos às características das principais variantes linguísticas desse idioma e, para tanto, alguns acenos históricos se fazem necessários.

A língua *standard* é uma variedade linguística particularmente apreciada na escala dos valores sociais. É baseada, sobretudo, na fala de pessoas cultas provenientes de um centro cultural ou politicamente relevante. Em uma comunidade linguística esta variante de prestígio é considerada como modelo para o falar formal e para a língua escrita. (DARDANO; TRIFONE, 1997:759)

O italiano *standard* serve como modelo de referência para toda a população e é a língua descrita nas gramáticas e nos dicionários. Na Itália, é derivada da língua literária que se fixou no século XVI, baseada no dialeto florentino de século XIV, trazendo ainda hoje traços daquela época, tendo-se, com o tempo, afastado do modelo literário.

Entre os traços característicos do italiano *standard*, a nível fonético, herdados do dialeto florentino do século XIV e que não estavam presentes nos outros *volgari* italianos, podem ser citados:

- Os "ditongos espontâneos" *ie* e *uo* (*piede* e *nuovo* ao invés de *pede* e *novo*)
- A anafonese (*tinca* ao invés de *tenca*)
- O fechamento do *e* pré-tônico (*di* ao invés de *de*)
- A evolução do grupo *ri* em *i* ao invés de em *r* (*febbraio* ao invés de *febraro*)
- A passagem de *ar* átono para *er* (*gambero* ao invés de *gambaro*)

Idealmente é uma variante neutra e não marcada foneticamente, destituída de regionalismos e de características típicas do falar coloquial.

Apesar de ser a variante de maior prestígio e possuir grande importância na forma escrita, na língua oral perde espaço para outras variantes que co-atuam na comunicação quotidiana italiana, tais como a variante *neostandard* e o italiano regional.

Do ponto de vista fonético é realizado apenas de maneira parcial na comunicação oral, predominantemente pelos locutores e apresentadores de TV (italiano transmitido). De fato, Berruto (1987:59) afirma que do ponto de vista fonético não existiriam falantes nativos de italiano *standard*, e que a pronúncia *standard* é o fruto artificial de um adestramento específico.

Do ponto de vista lexical, a caracterização do *standard* é feita pela diferenciação das características do *neostandard*, como se verá logo abaixo.

Para sintetizar, Berruto define o italiano *standard* como o italiano normativo ensinado nas gramáticas, usado em ocasiões formais, especialmente escritas, e também como a variante menos marcada em todas as dimensões de variabilidade e que, portanto, torna mais difícil a identificação da proveniência sócio-geográfica do falante.

Já o italiano *neostandard* é a variante linguística usada pelas pessoas cultas ou medianamente cultas tanto em situações de fala quanto na escrita, e que está relegando a variante *standard* a usos muito formais e quase exclusivamente escritos.

A variante *neostandard* (BERRUTO, 1987) também é denominada de “italiano de uso médio” (SABATINI, 1985:178 [*apud* BERRUTO, 1987])<sup>57</sup> e “italiano tendencial” (MIONI, 1983 [*apud* BERRUTO, 1987])<sup>58</sup>.

Segundo Berruto (1987:62), nos anos 80 do século passado iniciou-se um processo de remodelação do italiano, no qual alguns traços exclusivos da fala começaram a ser introduzidos também na variante escrita e traços que antes eram considerados como *sub-standard* começaram a aparecer na variante *standard*, produzindo, assim, a nova variante linguística.

Entre as muitas características da variante *neostandard*, (BERRUTO, 1987; SABATINI, 1985)<sup>59</sup> podemos citar, *grosso modo*:

- Uso de *codesto* somente em contextos burocráticos escritos e não mais na fala.
- Uso das formas aferéticas *'sto*, *'sta*, ao invés de *questo*, *questa*.
- Uso do pronome *gli* em detrimento de *loro* para a terceira pessoa do plural, como dativo.
- As formas *lui*, *lei*, *loro* em função de sujeito, no lugar de *egli*, *ella*, *essa*, *essi*, *esse*.
- *Dislocazione a sinistra* como em *A Giancarlo non gli ho detto niente*.
- *Dislocazione a destra* como em *Le mangio le mele*.
- *C'è presentativo* como em *C'è un gatto che gioca in giardino*.
- *Frase scissa* como em *È Mario che ha tirato la coda al gatto*.
- *O che polivalente* como em *Tu vai avanti, che sai la strada*.

<sup>57</sup> SABATINI, F. L'italiano dell'uso medio: una realtà tra le varietà linguistiche italiane, in *Gesprochenes Italienisch in Geschichte und Gegenwart*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, p. 154-184, 1985

<sup>58</sup> MIONI, A. Italiano tendenziale. Osservazione su alcuni aspetti della standardizzazione, in *Scritti linguistici in onore di Giovan Battista Pellegrini*, Pisa, Pacini, 1983, pp. 495-517.

<sup>59</sup> Para conhecer melhor os 35 fenômenos fonológicos, sintáticos e morfológicos relativos ao neostandard, cf. Sabatini (1985).



- *O ci attualizante.*

Berruto (1987:74) discorre de modo aprofundado sobre as mudanças ocorridas em relação ao *neostandard* com respeito aos pronomes, afirmando que “é no setor dos pronomes que estão acontecendo os maiores fenômenos de reestruturação do italiano atual”.

Ressalta também que os clíticos estão sofrendo grandes mudanças, principalmente *ci* e *ne*, acenando especialmente, para a questão da união destas partículas com verbos:

Ma il caso più lampante è costituito dal fissarsi, almeno nel parlato (anche colto e piuttosto formale), di *ci* come morfema casuale legato, valenza fissa al verbo, con valore rafforzativo e attualizzante (in via di indebolimento, ovviamente, diventando l'uso sempre meno marcato) in tutta una serie di verbi che tendono addirittura a configurarsi, talora, come entrate lessicali autonome rispetto al corrispondente verbo non pronominale<sup>60</sup>. (BERRUTO, 1987:76)

Berruto se refere especialmente a verbos como *averci*, *starci*, *volerci*, *entrarci*, *crederci*, nos quais ocorre uma especialização semântica em relação ao seu correspondente não pronominal; e verbos como *vederci*, *tenerci*, *capirci*, *pensarci*, aos quais *ci* confere uma nuance reforçativa e intensificadora.

Em relação à partícula *ne*, Berruto afirma que esta possui uma “tendência progressiva a automatizar-se como retomada clítica redundante” (1987:77).

Essas considerações não são direcionadas aos verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal, que o autor não aborda de modo explícito em sua obra. No entanto, os verbos citados como exemplo são *verbi procomplementari*, pertencentes à mesma categoria gramatical, segundo De Mauro, e para os quais se aplicam os mesmos princípios.

É curioso notar, porém, que alguns VPMs são utilizados ou como exemplo ou na redação do texto sobre o *neostandard*.

---

<sup>60</sup> “Mas o caso mais evidente é constituído pela fixação, pelo menos na linguagem oral (também a linguagem culta e bastante formal), de *ci* como morfema casual unido ao verbo e valência fixa deste, com valor reforçativo e atualizador (em vias de enfraquecimento, obviamente, tornando o seu uso cada vez menos marcado), em uma série de verbos que tendem até mesmo a constituir, às vezes, entradas lexicais autônomas em relação ao verbo correspondente não pronominal.” (tradução nossa)

Berruto, ao comentar sobre a mudança no costume linguístico italiano, cita as observações feitas por Maraschio (1982 [apud BERRUTO (1987:93)])<sup>61</sup> a respeito das mudanças ocorridas na dublagem cinematográfica. Maraschio estudou as mudanças ocorridas na dublagem de *Fúria*, de Fritz Lang, de 1936 e uma nova dublagem com cerca de 40 anos de intervalo.

No filme, na primeira dublagem, em um diálogo entre um policial e um personagem, a frase dita pelo policial “*andavate a tutta velocità, vero?*” foi substituída na segunda dublagem por “*te la stavi filando a tutta birra, a quanto pare.*”, na qual se observa o uso do VPM *filarsela*, que torna o enunciado mais coloquial e atual.

Do mesmo modo Corbucci (2007:6), ao explicar a *frase scissa* característica do *neostandard*, utiliza a seguinte frase: *Non ce l’ho con te: è che mi sento male e voglio tornare a casa*, na qual se observa o VPM *avercela*.

É importante ressaltar que alguns VPMs parecem estar presentes nas duas variantes, *standard* e *neostandard*. O VPM *andarsene*, por exemplo, com datação do século XIII está presente em *I Promessi Sposi*, de Manzoni. Observa-se, porém, a partir do século XX, um grande aumento na quantidade de VPMs, como pode ser verificado no gráfico 4, acompanhado por uma maior lexicalização e gramaticalização dos clíticos envolvidos, produzindo VPMs de significado sintagmático mais distante do significado do verbo original.

Arcangeli (2005:75) no capítulo intitulado *L’Italiano che verrà: I possibili scenari*, alude à “progressiva difusão em italiano de formas verbais ‘complexas’” e cita como exemplos de tais formas os VPMs *farcela, darsela, intendersela, prendersela*.

Leone (2007:381), nos Anais do VIII Congresso de Italianistas Escandinavos, apresenta um trabalho intitulado “Italiano neostandard e letteratura”, no qual cita vários aspectos da variante *neostandard* presentes em obras literárias, distinguindo entre aspectos mais e menos relevantes. Em ambos os casos, cita VPMs como exemplo destes aspectos: *avercela, farcela, squagliarsela, fregarsene e fottersene*.

Não parecem faltar evidências sobre o fato de os *procomplementari* (e os VPMs) exercerem um importante papel na variante *neostandard* e sobre o fato desta variante

---

<sup>61</sup> MARASCHIO, N. L’italiano del doppiaggio, in AA.VV., *La lingua italiana in movimento*, Accademia della Crusca, Firenze, 135-158, 1982.

constituir aquela mais usada na comunicação cotidiana. Esta constatação faz despertar mais reflexões e indagações sobre a presença desta variante no ensino de italiano LE no Brasil, tema que será tratado na próxima seção.

### 2.3. PRESENÇA DAS VARIANTES LINGUÍSTICAS NO ENSINO DE ITALIANO LE

Já estava presente em Sabatini (1985) a preocupação com o fato de que as gramáticas e manuais de ensino não refletiam a realidade linguística italiana e não ofereciam subsídios para que a variante *neostandard* fosse apresentada aos aprendizes como modelo de referência de uma língua viva.

Sabatini (1985:180) afirma que o ensino de italiano, na Itália ou no exterior, não pode ser mantido protegido das questões relativas à variante de uso médio falado e escrito (ou *neostandard*), tanto no que concerne ao reconhecimento da sua existência quanto à distinção entre essa variante e a variante *standard* para o uso escrito formal. Ressalta também que as características das diversas variantes deveriam ser ensinadas especialmente se o objetivo é a aquisição de competências linguísticas ativas e passivas em relação ao italiano falado e escrito.

Contudo, ainda segundo Sabatini, muitas dessas características do italiano de uso médio ou *neostandard* são ignoradas nos instrumentos didáticos voltados aos aprendizes estrangeiros ou nativos. Entre essas características, o autor lista a seguinte:

16) La particella *ci* (o *ce*, se in unione con altre particelle atone), originariamente con valore di avverbio di luogo 'qui' [...], ha un uso larghissimo in unione con i verbi essere e avere (non con valore di ausiliari) e con altri verbi. Essa ha in gran parte perduto il suo significato originario: la sua funzione è quella di rinforzo semantico e fonico alle forme verbali.<sup>62</sup>  
(SABATINI, 1985: 160)

Nessa descrição se enquadram os VPMs nos quais esteja presente a partícula pronominal *ci* associada a outras partículas, como *volercene* e *farcela*, entre outros.

---

<sup>62</sup> “16) A partícula *ci* (ou *ce*, se estiver unida com outras partícula átonas), originalmente com valor de advérbio de lugar “aqui” [...], apresenta um uso enorme em união com os verbos *essere* e *avere* (quando não têm valor de auxiliares) e com outros verbos. Essa partícula perdeu muito do seu valor original: sua função é de reforço semântico e sonoro às formas verbais.” (tradução nossa)

Segundo Sabatini (1985: 180), constata-se facilmente que nos instrumentos didáticos (e aqui poderíamos incluir também os dicionários) há uma carência de atenção em relação às diversas variantes da língua, e que muitos dos 35 fenômenos do italiano de uso médio ou *neostandard* citados por ele são simplesmente ignorados nestes instrumentos (dentre eles o número 16, supracitado). Outros fenômenos são tratados de forma “anormal ou ruim” e “outros são mencionados, mas sem explicações suficientes e sem nenhuma indicação sobre a sua ligação com esta ou aquela variedade da língua”.

E acrescenta:

Molti manuali, in verità, guardano ancora a un modello che non è neppure "superiore", ma semplicemente "astratto" della lingua. A volte, più che la censura, nuoce l'omissione: anche questa rivela la mancanza di spessore nella considerazione della lingua.<sup>63</sup> (SABATINI, 1985: 180)

Mais de vinte anos após a afirmação de Sabatini, pouco parece ter mudado no campo dos instrumentos didáticos da língua italiana para estrangeiros, como LE e L2, em relação à presença e uso de outras variantes linguísticas na Itália, pois ainda em 2007, Corbucci previne:

E' invece importante che l'insegnamento dell'italiano come lingua straniera assuma la grammatica del *neostandard* come punto di riferimento che possa indicare l'uso vivo della lingua, riservando allo standard il ruolo di modello per lo scritto formale.<sup>64</sup> (CORBUCCI, 2007)

Abordaremos mais detalhadamente no próximo capítulo de que modo a ausência ou pouca visibilidade da variante *neostandard* nos instrumentos didáticos (incluindo dicionários) e suas implicações em relação aos VPMs podem afetar o aprendizado desta categoria verbal por parte de estudantes de italiano LE/L2.

---

<sup>63</sup> “Muitos manuais, na verdade, observam um modelo que não é nem mesmo ‘superior’, mas simplesmente ‘abstrato’ da língua. Às vezes, mais do que a censura, o que prejudica é a omissão: esta também revela a falta de consistência na observação da língua.” (tradução nossa)

<sup>64</sup> “Mas é importante que o ensino de italiano como língua estrangeira assuma a gramática do *neostandard* como ponto de referência que possa indicar o uso vivo da língua, reservando ao *standard* o papel de modelo para a escrita formal”. (tradução nossa)

### 3. OS APRENDIZES DE ITALIANO E OS VPMs

*A palavra torna-se berço para  
aprendermos a espontaneidade do dizer.*

*Joseph Sayegh*

No presente capítulo procuramos investigar as principais dificuldades encontradas pelos aprendizes no processo de compreensão e aprendizagem desta categoria verbal através do ponto de vista dos professores. Do mesmo modo procuramos explorar, de forma preliminar e não exaustiva, o grau e tipo de exposição dos aprendizes em relação aos VPMs, tecendo considerações sobre a forma como os aprendizes entram em contato com os VPMs e de que forma estes são abordados em diferentes materiais didáticos e paradidáticos.

Como vimos no capítulo anterior, a falta de atenção, e por vezes a negligência nos instrumentos didáticos em relação aos fenômenos da variante *neostandard* afeta diretamente o modo como os VPMs são tratados nestes instrumentos, o modo como são abordados nas aulas de italiano e o modo como são tratados nos dicionários, sobretudo os bilíngues. Esta situação de quase “invisibilidade” dos VPMs é agravada quando pensamos em classes de italiano LE nas quais ocorre uma situação paradoxal: o aprendiz não está imerso linguisticamente no idioma a ser aprendido, entretanto, pode ter acesso a outras fontes de *input* linguístico, se assim desejar.

Para compreender esse processo, primeiramente precisamos conhecer as diferenças entre o ensino de italiano L2 e o ensino de italiano LE, e quais implicações podem advir dessas diferenças em relação ao contato dos aprendizes com os VPMs.

Santoro (2004) distingue os contextos de aprendizado de LE/L2, afirmando que no caso da L2, o contato do aprendiz com a língua de aprendizado ocorre também fora da sala de aula (como ocorre normalmente quando se aprende a língua no(s) país(es) onde ela é falada) e que o *input* linguístico que provém do mundo externo não é selecionado pelo professor. Em contrapartida, em contextos de aprendizado de um idioma como LE, a língua de aprendizado não é tão facilmente encontrada fora da situação de aula, e o *input* linguístico é mais controlado pelo professor, já que é fornecido quase que exclusivamente por este.

Outras fontes de *input* linguístico em situações de aprendizado LE são menos frequentes em comparação àquelas provindas do ambiente de sala de aula e dependem da escolha pessoal do aprendiz no que diz respeito a realizá-lo ou não, das condições de acesso a estas fontes e do tempo de exposição a elas.

Portanto, é razoável afirmar que o *input* “garantido” que os aprendizes de LE recebem com respeito à língua italiana ocorre, essencialmente, de três modos: através do manual de ensino (que geralmente privilegia o italiano *standard*, como mencionado no capítulo anterior), através do dicionário bilíngue e através do professor.

Entretanto, no mundo globalizado, o acesso ao idioma estrangeiro pode ocorrer por meio da internet, de filmes, livros, músicas e pela televisão. Isto significa que, na prática, o professor acredita controlar o *input* linguístico recebido pelos aprendizes, mas na realidade, consegue apenas controlar o *input* linguístico que ele próprio fornece durante as aulas. São comuns os questionamentos dos aprendizes sobre o significado de palavras e expressões que não foram abordadas em classe, mas que foram obtidas por outras fontes externas de *input* linguístico, fora do ambiente de aula, de maneira independente, isto é, fora do controle do professor.

Para obterem respostas às suas dúvidas, tais palavras ou expressões podem ser pesquisadas pelos aprendizes nos dicionários e manuais de italiano, mas nem sempre são encontradas, ou então a informação presente no dicionário ou manual nem sempre é satisfatória. Ocorre também de estas expressões não serem utilizadas com frequência pelo professor, ou porque ele as desconhece ou porque está controlando o *input* linguístico, selecionando as estruturas às quais expõe os aprendizes.

No que diz respeito especificamente aos dicionários bilíngues usados no Brasil, as informações acerca do registro e do uso de ULs (incluindo os VPMs) nem sempre estão presentes e quando estão, nem sempre são homogêneas ou corretas. Nos manuais de italiano, este tipo de informação é frequentemente negligenciado<sup>65</sup>. Resta o professor, que muitas vezes é o único depositário da informação (quando a possui), situação bastante discutível sob vários pontos de vista.

Uma das principais queixas dos aprendizes em relação aos dicionários diz respeito à ausência de palavras e expressões e à dificuldade em encontrar as informações pertinentes nos

---

<sup>65</sup> Uma abordagem mais detalhada deste tema encontra-se na seção 3.2.3.

verbetes. Refletindo sobre essas questões, é necessário ter em mente três aspectos fundamentais da lexicografia: a identificação do público-alvo, as necessidades dos consulentes e os critérios de lematização. No caso de o dicionário bilíngue não apresentar lexias pertencentes a mais de uma variante linguística, tanto os consulentes aprendizes como os usuários do dicionário que já possuem familiaridade com a língua podem ser prejudicados em relação ao acesso à informação semântica e de uso a respeito da lexia em questão.

### 3.1. DIFICULDADES LEVANTADAS

No decorrer do período de dezesseis anos no qual ministramos aulas de italiano como LE, foram muitas as ocasiões em que os aprendizes demonstraram possuir algum grau de dificuldade em relação aos VPMs, tanto no que concerne à interpretação e entendimento dos significados e das formas apresentadas quanto em relação à utilização dos mesmos em seu vocabulário ativo.

Essa dificuldade em relação aos VPMs abrangia também os professores, que se queixavam das dificuldades dos alunos e também de não poderem contar com material idôneo que lhes servisse de apoio nas aulas. A queixa comum era que os manuais apresentavam esta categoria verbal de forma casual e sem aprofundamento, gerando perplexidade nos aprendizes. Para agravar a situação, os dicionários ofereciam pouca ou nenhuma informação a respeito do significado e uso dos VPMs. Quando havia alguma informação nos dicionários, geralmente estava inserida ao longo do verbete e era de difícil localização.

Como as queixas dos alunos em geral eram inespecíficas e relatavam somente a dificuldade de entender e utilizar os VPMs, decidimos fazer uma pesquisa com os professores com o objetivo de especificar as dificuldades apresentadas pelos aprendizes.

Em uma pesquisa<sup>66</sup> enviada a professores de italiano<sup>67</sup>, investigamos as razões pelas quais os aprendizes têm dificuldade em relação aos VPMs, sob a ótica daqueles que devem ensiná-los.

---

<sup>66</sup> O modelo do questionário encontra-se nos anexos.

<sup>67</sup> A pesquisa foi enviada por e-mail através da lista de distribuição da Associação Brasileira de Professores de Italiano (ABPI).

As questões da pesquisa tratavam sobre as dificuldades em compreender o significado, em conjugar os verbos, em reconhecê-los como ULs autônomas, além de explorar a questão da apresentação dos VPMs como entrada em dicionários bilíngues.

Recebemos apenas 11 questionários com as respostas, porém estas vieram confirmar, em maior ou menor grau, as nossas hipóteses a respeito.

Apresentamos a seguir os resultados obtidos:

1. 11/11 dos entrevistados acredita que os aprendizes de italiano como LE apresentam algum tipo de dificuldade em relação ao aprendizado de verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal, tais como: *farcela*, *avercela*, *fregarsene*, *andarsene*.

Em relação às dificuldades específicas apresentadas pelos aprendizes:

2. 5/11 dos entrevistados acreditam que os aprendizes têm dificuldade em compreender o significado dos VPMs.
3. 8/11 dos entrevistados acreditam que os aprendizes têm dificuldades em conjugar os VPMs.
4. 4/11 dos entrevistados acreditam que os aprendizes têm dificuldade em compreender que se trata de uma unidade lexical.
5. 10/11 dos entrevistados acreditam que os aprendizes têm dificuldade em organizar e posicionar as partes componentes destes verbos em uma frase.
6. 10/11 dos entrevistados acreditam que os aprendizes têm dificuldades em lematizar um verbo conjugado (como em “*ce l’ha fatta*” → *farcela*)
7. 7/11 dos entrevistados acreditam que os aprendizes têm dificuldade em desvincular o significado real do significado da soma das partes (como em *avercela*)
8. 8/11 dos entrevistados acreditam que os aprendizes têm dificuldade em compreender quais partes dos verbos podem ser conjugadas, flexionadas e/ou elididas.



9. 2/11 dos entrevistados acreditam que os aprendizes têm dificuldade em compreender a qual categoria gramatical pertence o verbo.

10. 10/11 dos entrevistados acreditam que a presença desses verbos como entrada de verbete em dicionários bilíngues ajudaria na sua compreensão e utilização.

É oportuno refletir sobre algumas questões que transparecem das respostas dos entrevistados. Duas questões obtiveram respostas unânimes ou quase: a primeira questão, na qual todos os entrevistados afirmaram que os aprendizes têm algum tipo de dificuldade com os VPMs e a décima questão, na qual os entrevistados afirmam que a presença dos VPMs como entrada em dicionários bilíngues ajudaria na sua compreensão e utilização. A esta última questão somente um entrevistado respondeu “não sei”, 10 de 11 responderam “sim” e nenhum entrevistado respondeu “não”.

Estes dados parecem corroborar as nossas hipóteses sobre as dificuldades de se localizar, dentro do verbete, informações concernentes aos VPMs, separá-las das demais informações do verbo original e, muitas vezes, desvincular o significado do VPM do significado do verbo em cujo verbete ele está inserido, nos casos em que o significado do VPM seja muito distante de qualquer acepção do verbo original.

O alto número de respostas positivas em relação ao item “d” e “e” do questionário (itens 5 e 6 acima) e o número relativamente baixo em relação ao item “a” (item 2 acima) podem parecer um pouco contraditórios, mas, em nossa opinião, poderiam confirmar a hipótese do professor como um fornecedor de *input* linguístico privilegiado em classe, neste caso específico, em relação ao significado. Já cômicos da pouca presença dos VPMs nos dicionários utilizados pelos aprendizes, são os próprios professores que se encarregam de fornecer a informação essencial, o significado, relegando a um segundo plano informações adicionais que nem sempre têm a oportunidade de desenvolver em classe.

Expomos a seguir alguns dos comentários livres recebidos em relação ao tema na pesquisa:

- “Marquei vários porque achei que todas [as dificuldades citadas acima] acabam caracterizando a mesma dificuldade para um aprendiz brasileiro: a inexistência no português destas partículas ou deste tipo de verbo faz com que as dificuldades sejam realmente muito importantes.”

- “Frequentemente os manuais usados tratam indiscriminadamente de tais verbos e os professores não aprofundam a categoria. Como na língua portuguesa não há uma categoria de verbos assim (com pronomes e partículas adverbiais acopladas a eles) – embora existam os verbos reflexivos/pronominais comuns – esse aspecto torna-se de difícil compreensão aos alunos, principalmente aos principiantes.”
- “Em minha opinião os dicionários deveriam apresentar estes verbos como entrada de verbete sim, isto facilitaria muito para o aluno.”
- “Acho que ajudaria muito na compreensão desse tipo de verbos uma boa atividade de leitura e de contextualização das situações de uso.”
- “Uma entrada independente desses verbos em dicionário bilíngue seria de imensa utilidade.”
- “Acredito que seria muito interessante organizar entradas pelos usos mais frequentes no italiano escrito e falado, em contextos frasais, como ocorre na maioria dos verbetes dos dicionários tipo Parola Chiave, ou seja, *Key Word*. Tratando-se de um verbo, um levantamento dos usos mais frequentes em língua padrão, ou até neo-padrão (*neo-standard*) seria realmente bem-vindo.”
- “O que se percebe é que os verbos com mais de uma partícula gramatical raramente [estão] presentes nos livros didáticos de maneira sistematizada. Nas raras vezes em que se encontram sistematizados, apresentam-se apenas as formas no tempo presente ou, no máximo, no *passato prossimo*. Além disso, percebe-se que os alunos, quando tentam usar as formas, não conseguem conjugar no tempo em que desejam.”
- “Realmente é bastante difícil que os nossos alunos, apesar das inúmeras explicações, consigam usar tais tipos de verbos de forma correta. Eu acho que a presença destes verbos em dicionários bilíngues ajudaria muito para que eles se acostumassem a usá-los.”

Dadas as respostas obtidas e os comentários elaborados pelos professores, acreditamos, portanto, que todas as dificuldades apontadas no questionário, poderiam ser

atenuadas por uma presença maior dos VPMs nos dicionários bilíngues, por um tratamento lexicográfico mais acentuado e pela presença dos VPMs como entrada.

### 3.2. O CONTATO DOS APRENDIZES COM OS VPMs

#### 3.2.1. OS VPMs NA LITERATURA

O interesse em relação à presença dos VPMs na literatura italiana e às equivalências ou traduções utilizadas nas obras em língua portuguesa justifica-se por dois motivos. A leitura de textos clássicos em sala de aula, especialmente nas aulas de literatura e de tradução dos cursos de graduação em Língua e Literatura Italiana, coloca os aprendizes em contato direto com os VPMs. Textos literários clássicos e contemporâneos fazem parte das leituras das disciplinas que envolvem tanto a literatura italiana quanto a língua, já que este gênero textual é usada também como meio para aprender a gramática, por exemplo<sup>68</sup>. Contudo, o entendimento dos VPMs diretamente em LE nem sempre é fácil ou imediato.

Embora os VPMs sejam às vezes considerados um fenômeno recente na língua italiana, vimos na seção referente à datação, que existem registros de alguns VPMs na literatura há muito tempo. O VPM *andarsene*, como já citado anteriormente, possui datação de 1294 no *GRADIT* e pode ser encontrado no *Decameron*<sup>69</sup> de Giovanni Boccaccio.

Conforme relatado na seção 1.2.3., realizamos uma experiência em relação a *I Promessi Sposi*, de Alessandro Manzoni, procurando no romance a presença de VPMs. A análise revelou a presença de VPMs verdadeiros e de falsos VPMs, os últimos sendo constituídos por verbos unidos a mais de uma partícula pronominal, mas que não possuem significado sintagmático.

Após um levantamento preliminar nos programas de graduação em italiano de algumas universidades brasileiras, constatamos que alguns autores italianos fazem parte das leituras nas disciplinas de literatura. Dentre outros, podemos citar: Ugo Foscolo, Giacomo

<sup>68</sup> Cf. SANTORO, E. Da indissociabilidade entre o ensino de língua e de literatura: uma proposta para o ensino do italiano como língua estrangeira em cursos de Letras. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

<sup>69</sup> *Decameron*, di Giovanni Boccaccio; a cura di Vittore Branca; correzioni di Natalino Sapegno (Utet Torino 1956); Le Monnier; Firenze, 1951 – 1952.

Disponível em: <<http://www.liberliber.it/biblioteca/b/boccaccio/index.htm>>.

Leopardi, Alessandro Manzoni, Giovanni Verga, Pier Paolo Pasolini, Italo Calvino, Eugenio Montale, Carlo Goldoni, Gabriele D'annunzio, Luigi Pirandello, Italo Svevo, Alberto Moravia, Cesare Pavese, Primo Levi, Carlo Emilio Gadda, Leonardo Sciascia.

Foram encontrados VPMs em diversas obras dos autores supracitados, das quais citaremos trechos<sup>70</sup>, a título de ilustração e de exemplificação:

«Alberto, stammi a sentire... Da qualche tempo **ce l'hai**<sup>71</sup> con me!»

- «Io?» disse Alberto senza guardarlo.

Sì, tu, e non so perché. Cosa t'ho fatto?»

«Nulla, t'inganni. Perché dovrei **avercela** con te?»

Giovanni Verga, Eros.<sup>72</sup>

La fiducia della fanciulla divenne maggiore e gli dichiarò che avrebbe voluto un suo consiglio. Già egli doveva **intendersene** anche di legge.

Italo Svevo, La novella del buon vecchio e della bella fanciulla.<sup>73</sup>

No, è che... scusi, mi... mi pare troppo, ecco, che per questo lei debba **pigliarsela** con la sua signora.

Luigi Pirandello, L'uomo, la bestia e la virtù.<sup>74</sup>

Procuramos, então, textos literários que já tivessem tradução no Brasil, preferencialmente uma tradução atual. O ponto de interesse, desta vez, foram as equivalências utilizadas pelos tradutores na edição em língua portuguesa do Brasil, já que o cotejo entre a tradução da obra e o original em italiano pode constituir uma fonte de enriquecimento e regulação para a produção dos verbetes dos VPMs na direção italiano – português.

Em relação à equivalência em português, muitos VPMs jamais receberam equivalentes em dicionários bilíngues italiano – português, considerando-se que a própria presença destes verbos não é constante nesse tipo de obra lexicográfica.

Analizamos algumas obras literárias dos autores supracitados cuja tradução estava disponível em português, para averiguar que tipo de equivalência o tradutor havia escolhido para determinados VPMs.

<sup>70</sup> Todos os exemplos podem ser encontrados no site <www.classicaliani.it>. Acesso em 13/06/2010.

<sup>71</sup> Os grifos desta seção são nossos.

<sup>72</sup> Giovanni Verga, *I romanzi brevi e tutto il teatro*, Newton Compton Editori, Roma, 1996.

<sup>73</sup> Italo Svevo, *Tutte le opere*, edizione diretta da Mario Lavagetto, vol. II "Racconti scritti e autobiografici", Arnoldo Mondadori editore, Milano 2004.

<sup>74</sup> Luigi Pirandello, *Maschere nude*, a cura di Alessandro D'Amico, vol. secondo, I Meridiani, Arnoldo Mondadori editore, Milano 1993, III edizione 1999

Dentre as obras que foram analisadas preliminarmente podemos citar *Il Cavaliere inesistente*, de Italo Calvino e *L'uomo, la bestia e la virtù*, di Luigi Pirandello.

A título meramente ilustrativo, expomos alguns trechos dos originais onde há ocorrência de VPMs e a respectiva tradução em português.

Ogni parola, ogni gesto era prevedibile ormai, e così tutto in quella guerra durata da tanti anni, ogni scontro, ogni duello, condotto sempre secondo quelle regole, cosicché si sapeva già oggi per domani chi avrebbe vinto, chi perso, chi sarebbe stato eroe, chi vigliacco, a chi toccava di restare sbudellato e chi **se la sarebbe cavata**<sup>75</sup> con un disarcionamento e una culata in terra.

Italo Calvino – Il Cavaliere Inesistente<sup>76</sup>

Cada palavra, cada gesto era perfeitamente previsível, como tudo naquela guerra que durava tantos anos, cada embate, cada duelo conduzido sempre conforme as mesmas regras, de tal modo que se sabia na véspera quem havia de ganhar, perder, tornar-se herói, velhaco, quem acabaria com as tripas de fora e quem **se safaria** com uma queda do cavalo.

Italo Calvino – O Cavaleiro Inexistente<sup>77</sup>

Grazia: Che ha fatto!?! Ha fatto che...  
 Marinajo: Dite, dite...  
 Grazia: (facendo gli occhiacci) Non lo so!  
 Marinajo: Maltratti alla signora, mi figuro! sgarbi al ragazzo!  
**Se l'è presa** anche con voi?

Luigi Pirandello - L'uomo, la bestia e la virtù<sup>78</sup>

Grazia: O que fez? Fez que...  
 Marinheiro: Conte, conte...  
 Grazia [olhando de cara feia.]- Eu não sei de nada!  
 Marinheiro: Maltratou a patroa, imagino; foi estúpido com o garoto!  
 Chegou a **implicar** com você?

Luigi Pirandello – O homem, a besta e a virtude<sup>79</sup>

Este tipo de análise e o cotejo são, geralmente, processos complexos e morosos, visto que na maioria das vezes o cotejo deve ser feito “página a página”, no caso em que não se encontrem disponíveis versões *on-line* das referidas obras. Mesmo nesse caso, as dificuldades se agigantam quando se reflete sobre todas as possibilidades de conjugação verbal,

<sup>75</sup> Grifos nossos, no original e na tradução.

<sup>76</sup> Italo Calvino, *Il cavaliere inesistente*, Arnoldo Mondadori Editore, Milano, 1993.

<sup>77</sup> Italo Calvino, *O Cavaleiro Inexistente*, São Paulo, Companhia das Letras (edição de bolso), 2005, tradução de Nilson Moulin.

<sup>78</sup> Luigi Pirandello, *Innesto - la patente - l'uomo, la bestia e la virtù; con la cronologia della vita di Pirandello e dei suoi tempi*, Milano, Arnoldo Mondadori, 1970.

<sup>79</sup> Luigi Pirandello, *O Enxerto; O homem, a besta e a virtude*, 2003, tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade.

combinação de pronomes e elisão que podemos encontrar como forma de apresentação dos VPMs. Por esse motivo, o recurso do cotejo não foi usado sistematicamente para encontrar equivalentes para as amostras dos verbetes, mas apenas eventualmente, de modo a complementar os resultados obtidos pela análise dos dicionários, como se verá na seção 5.3. Entretanto, consideramos uma excelente estratégia para a obtenção de equivalentes de VPMs que ainda não se encontram presentes em dicionários bilíngues, de menor frequência ou de entendimento ou tradução mais complexos.

Outro fator que dificulta esse tipo de análise é o fato (já citado no ponto 1.2.3) de os VPMs só poderem ser identificados numa leitura atenta para a comprovação do seu significado sintagmático, visto que tal caráter se expressa, ou não, no contexto no qual se encontra inserido o VPM em questão.

Um levantamento mais aprofundado será realizado futuramente, por ocasião da elaboração do dicionário completo, mas algumas questões significantes merecem reflexões mais aprofundadas.

O VPM *impiparsene*, por exemplo, parece ter tido como primeira datação a obra *I promessi sposi*, di Alessandro Manzoni, na edição de 1840, conhecida como *Quarantana*.

L'irrisolutezza del comandante e l'immobilità de' soldati parve, a diritto o a torto, paura. La gente che si trovavan vicino a loro, si contentavano di guardargli in viso, con un'aria, come si dice, di **me n'impipo**<sup>80</sup> [...]

Do mesmo modo, o VPM *iscapolarsene* apresenta a mesma datação, mas ainda na forma mais primitiva, com o “i” protético ou eufônico<sup>81</sup> do italiano antigo, como verificado na obra de Manzoni. Mais tarde, em 1857, ocorre a primeira datação de *scapolarsene*, desta vez já em sua forma atual.

[...] e, quando un d'essi venisse pure sorpreso da una di quelle coppie, accompagnata da testimoni, faceva di tutto per **iscapolarsene**<sup>82</sup>, come Proteo dalle mani di coloro che volevano farlo vaticinare per forza.

---

<sup>80</sup> Grifo nosso.

<sup>81</sup> Prótese: acréscimo de um segmento fonético em posição inicial de palavra. Eufonia: Qualidade dos sons que são agradáveis ao ouvido. A eufonia explica certas mudanças fonéticas devidas à influência de fonemas contíguos ou próximos. Cf. Dicionário de Termos Linguísticos. Disponível em: <[http://www.ait.pt/recursos/dic\\_term\\_ling/index2.htm](http://www.ait.pt/recursos/dic_term_ling/index2.htm)>.

<sup>82</sup> Grifo nosso.

Curiosamente, o VPM *iscapolarsene* com o “i” eufônico parece estar presente somente na obra *I Promessi Sposi* de Alessandro Manzoni, segundo os dados levantados na internet, constituindo, provavelmente, um hápax.

Pode ocorrer, ainda, de os VPMs se encontrarem inseridos em textos de literatura italiana moderna, que por sua vez, podem estar inseridos nos manuais de italiano ou ainda constituírem atividades propostas pelos professores, a serem realizadas em classe ou fora dela.

Um recurso bastante usado no ensino de LE é a leitura de livros de “leitura facilitada”, que são divididos em estágios de acordo com o nível de aprendizado no qual o aluno se encontra. Esse recurso pode ser desenvolvido em sala de aula, como atividade complementar àquela desenvolvida em classe ou também como simples indicação de leitura, com ou sem recuperação do tema em classe, na forma de um questionário, relatório ou exposição oral.

Uma das séries de “leitura facilitada” mais conhecidas em relação à língua italiana é publicada pela *Alma Edizioni*, chamada *Italiano Facile*, na qual cada livro é catalogado de acordo com o nível de referência adotado pelo *Quadro Comune Europeo*, partindo do mais elementar (A1) e chegando ao nível do usuário proficiente (C2), e também de acordo com a quantidade de palavras utilizadas no livro.

De modo geral os livros são compostos de texto, de exercícios e de atividades didáticas e são acompanhados de um CD (audiolivro).

Ao pé de algumas páginas dos livros há uma espécie de nota com a explicação, em italiano, do significado de algumas palavras, mas nem sempre todas as palavras de maior dificuldade para o aprendiz são explicadas nas referidas notas.

Ilustramos com um exemplo retirado de um dos livros da coleção, *Un'altra vita* (Nível B1 e B2: 2500 palavras) de Ivana Fratter<sup>83</sup>:

Cara mamma,  
spero che tu capirai ma devo andare via, ho bisogno di respirare aria pulita, di incontrare persone nuove. La vita qui, la gente, i luoghi, ogni immagine, ogni strada di questa città mi ricordano quello che ero. Non **ce la faccio più!** Anche se sarà difficile, preferisco **andarmene**<sup>84</sup> e ricominciare di nuovo, voglio una vita che sia mia. Qui tutto ormai è solo un triste ricordo. La vita non può essere vissuta nei ricordi dei tempi passati. La vita è quello che è oggi, la vita è quello che sarà domani.

<sup>83</sup>Disponível em <[http://www.almaedizioni.it/\\_uprooot/preview/ALT5%20Capitoli%201-3.pdf](http://www.almaedizioni.it/_uprooot/preview/ALT5%20Capitoli%201-3.pdf)>. Acesso em 21/10/2010.

<sup>84</sup>Grifos nossos.

Addio!  
Ti voglio molto bene.  
Tuo Giacomo

Ao pé da página não há explicação referente aos VPMs *andarsene* e *farcela*, presentes no trecho.

Pode-se inferir que o aprendiz já tenha conhecimento destas ULs, mas se pensarmos que, apesar de a obra fazer parte de uma série, não há ligação entre as leituras, que podem ser realizadas de modo independente, far-se-ia necessário ou o uso de um dicionário bilíngue no qual houvesse a inserção destas lexias, ou a intervenção do professor, transformando-o, novamente, no controlador dos *inputs* linguísticos em relação ao aprendiz.

Analogamente, aprendizes de nível mais avançado, especialmente aqueles que frequentam as disciplinas de tradução dos cursos de graduação em Língua e Literatura Italiana, podem ter de lidar com situações semelhantes, ao lerem obras de literatura contemporânea nas quais estão presentes VPMs de significado mais complexo e mais semanticamente distante do significado original do verbo.

Autores contemporâneos, como Enrico Brizzi, Stefano Benni e Paolo Giordano, que escrevem utilizando a variante *neostandard* ou italiano de uso médio, fazem uso abundante de verbos dessa categoria, como se pode notar neste parágrafo de *La solitudine dei numeri primi* (2008) di Paolo Giordano:

Mattia aspettò che Alice dicesse qualcosa, che si disperasse e **se la prendesse** con lui. Sentiva che doveva scusarsi, ma in fondo era lei che aveva insistito tanto per quella scemenza. **Se l'era cercata**. Alice fissò lo strappo senza espressione. «**Chissenefrega**» disse infine. «Tanto non serve più a nessuno.»

Em um único parágrafo, temos a ocorrência de três VPMs, *prendersela*, *cercarsela* e *fregarsene*, esse último numa forma de interjeição na qual o VPM se apresenta unido nas suas partes componentes e ao pronome interrogativo *chi* (quem), demonstrando de maneira bastante clara o significado sintagmático do VPM<sup>85</sup>.

<sup>85</sup> A interjeição “chissenefrega” apresenta 143.000 ocorrências no Google. (Acesso em 21/06/2010)



### 3.2.2. OS VPMs NOS JORNAIS

A leitura de textos jornalísticos, inseridos ou não em manuais de italiano, é um recurso didático muito utilizado nas aulas de italiano LE e L2.

A despeito de a variante *neostandard* ser mais frequentemente relacionada à língua falada e muitas formas do italiano escrito ainda seguirem os modelos relacionados ao italiano *standard*, traços característicos da variante *neostandard* são identificados nos documentos escritos de formalidade média, como os jornais, conforme apontado por Corbucci (2007):

L'italiano scritto contemporaneo dovrebbe coincidere con lo standard tradizionale descritto dalle grammatiche; in realtà, è molto meno legato, rispetto al passato, ai modelli offerti dalla lingua letteraria. Una serie di tratti innovativi, spesso condivisi con il parlato, caratterizza anche sul piano dello scritto l'italiano "dell'uso medio" o "neostandard". L'italiano contemporaneo presenta, inoltre, notevoli differenze linguistiche legate alle diverse tipologie testuali, che nella lingua scritta sono particolarmente numerose: i testi letterari, i giornali, le leggi e i testi scientifici utilizzano un tipo d'italiano con caratteristiche particolari e ben diverse tra loro.<sup>86</sup>

Corbucci (2007:13) afirma que a razão dessa mudança é que no início dos anos 70, os jornais italianos foram criticados por intelectuais italianos de renome como Tullio de Mauro e Umberto Eco, no que concerne à linguagem obscura e pouco legível dos jornais. Esta crítica continha duas questões: o fato de os jornais pertencerem a grupos de poder que se dirigem a outros grupos de poder e de não terem intenção de transmitir informações para a maioria do público, segundo Eco; e o fato de a língua utilizada nos jornais ser um produto de uma má instrução escolar, que propõe um tipo de italiano complexo e desconectado da língua real e usada na comunicação quotidiana.

Ainda segundo a autora, com a perda do monopólio da notícia para a TV em detrimento dos jornais, a partir da segunda metade dos anos 70, os jornais testemunharam uma renovação da linguagem empregada nas publicações, que se tornou mais viva,

---

<sup>86</sup> "O italiano contemporâneo escrito deveria coincidir com o [italiano] *standard* tradicional, descrito pelas gramáticas. Na verdade, ele está muito menos associado aos modelos oferecidos pela língua literária do que no passado. Uma série de traços inovadores, frequentemente compartilhados com a língua oral, caracteriza o italiano 'de uso médio' ou '*neostandard*' também no plano da língua escrita. O italiano contemporâneo apresenta, além disso, diferenças linguísticas notáveis ligadas a diversas tipologias textuais, que na língua escrita são particularmente numerosas: os textos literários, os jornais, as leis e os textos científicos utilizam um tipo de italiano com características particulares e bem distintas entre elas. (tradução nossa)

influenciada pelo mundo do esporte e por livros e filmes da moda, e mais próxima aos moldes do *neostandard* do que do *standard*.

Conforme demonstrado precedentemente, os VPMs são mais frequentes na variante *neostandard*, e essa característica pode ser evidenciada atualmente nos jornais italianos *on-line*.

Uma busca preliminar dos VPMs nas páginas de jornais *on-line*, na forma infinitiva ou conjugada, revelou que muitos estão presentes tanto nas notícias e artigos divulgados pelo *site* do jornal quanto nos comentários dos leitores.

Os VPMs encontrados nos jornais italianos encontram-se na tabela abaixo. Os jornais avaliados são: *Il Giornale*, *La Repubblica* e *Corriere della Sera*, que se encontram entre os jornais de maior circulação na Itália.

A investigação foi feita em 29/06/2010, considerando-se pelo menos uma ocorrência no jornal *on-line* e excetuando-se os comentários dos leitores. Foi considerada a questão dos VPMs verdadeiros e falsos, tendo sido feita a leitura e análise da notícia ou artigo para a comprovação do significado sintagmático do VPM no contexto. A pesquisa, porém, não foi exaustiva, dada a grande possibilidade de variação das formas conjugadas e elididas dos VPMs. No caso em que após algumas tentativas não tivesse sido encontrada uma ocorrência verdadeira (com significado sintagmático) do VPM buscado, este foi considerado ausente do jornal. Isso aconteceu, por exemplo, em relação ao VPM *togliersela*, que embora não seja considerado BU (de baixo uso, em relação à frequência, segundo De Mauro) e sim CO (comum), por não ter sido possível evidenciar com facilidade o seu uso sintagmático (uso não reflexivo e referido a um substantivo feminino na frase), foi, portanto, considerado ausente no jornal.

Abaixo, os resultados obtidos em relação aos 80 VPMs arrolados anteriormente na seção 1.2.1.:

Tabela 6 – Lista de VPMs encontrados em jornais *on-line* italianos

	VPM	Il Giornale <sup>87</sup>	La Repubblica <sup>88</sup>	Corriere della Sera <sup>89</sup>
1.	andarsene	✓	✓	✓
2.	approfittarsene	✓	✓	✓
3.	avercela	✓	✓	✓
4.	aversela	✓	✓	✓
5.	aversene	✓	✓	✓
6.	battersela	✓	✓	✓
7.	bersela	✓	✓	✓
8.	cavarsela	✓	✓	✓
9.	cercarsela	✓	✓	✓
10.	contarsela	✓	✓	✓
11.	corrercene	✓	✓	✓
12.	credersela	∅	✓	✓
13.	darsela	✓	✓	✓
14.	darsele	✓	✓	✓
15.	dirsela	∅	✓	✓
16.	dormirsela	✓	✓	✓
17.	farcela	✓	✓	✓
18.	farsela	✓	✓	✓
19.	farsene	✓	✓	✓
20.	filarsela	✓	✓	✓
21.	fottersene	✓	✓	✓
22.	fregarsene	✓	✓	✓
23.	fumarsela	✓	✓	∅
24.	giocarsela	✓	✓	✓
25.	giostrarsela	∅	∅	✓
26.	godersela	✓	✓	✓
27.	guardarsene	✓	✓	✓
28.	guazzarsela	∅	∅	∅

<sup>87</sup> <[http://www.ilgiornale.it/?SS\\_ID=-1](http://www.ilgiornale.it/?SS_ID=-1)>.

<sup>88</sup> <<http://www.repubblica.it/>>.

<sup>89</sup> <<http://www.corriere.it/>>.

29.	impiparsene	✓	✓	✓
30.	infischiarsene	✓	✓	✓
31.	infottersene	∅	∅	∅
32.	intendersela	✓	✓	✓
33.	intendersene	✓	✓	✓
34.	iscapolarsene	∅	∅	∅
35.	menarsela	✓	✓	✓
36.	menarselo	∅	∅	∅
37.	meritarsela	∅	∅	✓
38.	morirsene	∅	✓	✓
39.	passarsela	✓	✓	✓
40.	pigliarsela	✓	✓	✓
41.	prendersela	✓	✓	✓
42.	riandarsene	∅	✓	✓
43.	ridacchiarsela	∅	✓	✓
44.	ridersela	✓	✓	✓
45.	ridersene	∅	✓	✓
46.	rifarsela	∅	✓	✓
47.	rigirarsela	∅	✓	∅
48.	riprendersela	✓	∅	✓
49.	ritornarsene	✓	✓	✓
50.	sbarcarsela	∅	∅	∅
51.	sbattersene	✓	✓	✓
52.	sbirbarsela	∅	∅	∅
53.	sbolognarsela	∅	∅	∅
54.	sbrigarsela	✓	✓	✓
55.	sbroccolarsela	∅	∅	∅
56.	sbrogliarsela	✓	✓	✓
57.	sbucciarsela	∅	∅	∅
58.	scapolarsela	∅	∅	∅
59.	scialarsela	∅	✓	∅
60.	sentirsela	✓	✓	✓
61.	sfangarsela	✓	✓	✓

62.	sgabellarsela	∅	∅	∅
63.	sgattaiolarsela	∅	∅	∅
64.	sgiulebbarsela	∅	∅	∅
65.	spassarsela	✓	✓	✓
66.	spasseggiarsela	∅	∅	∅
67.	squagliarsela	✓	✓	✓
68.	strabattersene	∅	✓	✓
69.	strafottersene	✓	✓	✓
70.	strafregarsene	✓	✓	✓
71.	strigarsela	∅	∅	∅
72.	stropicciarsene	∅	✓	✓
73.	suonarsele	✓	✓	✓
74.	svignarsela	✓	✓	✓
75.	tirarsela	✓	✓	✓
76.	togliarsela	∅	∅	∅
77.	tornarsene	✓	✓	✓
78.	vedersela	✓	✓	✓
79.	venirsene	✓	✓	✓
80.	volercene	✓	✓	✓

Legenda: ✓ = presente ∅ = ausente

Do total de 80 VPMs arrolados acima, dezesseis não foram encontrados em nenhum dos três jornais *on-line*, provavelmente por possuírem baixa frequência no idioma, serem de uso literário, obsoletos, regionais ou ainda considerados vulgares. São eles *guazzarsela*, *infottersene*, *iscapolarsene*, *menarselo*, *sbarcarsela*, *sbirbarsela*, *sbolognarsela*, *sbroccolarsela*, *sbucciarsela*, *scapolarsela*, *sgabellarsela*, *sgattaiolarsela*, *sgiulebbarsela*, *spasseggiarsela*, *strigarsela* e *togliarsela*.

Viviani (2006) já havia indicado essa condição em relação a alguns dos VPMs acima citados, decidindo, portanto, não incluí-los na sua análise, por julgar não serem úteis ou por julgar improvável que tais verbos ocorressem em discursos orais ou escritos pelos aprendizes.

Em relação aos VPMs com a marca de uso “vulgar” (*fottersene, menarselo, sbattersene, strabattersene, strafottersene*), Viviani (2006:285) explica porque não considera proveitoso para o aprendiz fazer uso ativo deste tipo de lexia:

Il trattamento riservato a questo procomplementare<sup>90</sup> permite di esprimere qualche perplessità anche in merito alla presenza in elenco di elementi marcatamente volgari e scurrili, inaccettabili all’uso medio italiano perché davvero connotati al fondo infimo della varietà diastratica: è lecito domandarsi quale utilità ne ricaverebbe un apprendente, al di là della competenza passiva, ad integrarli nel proprio vocabolario d’uso attivo.<sup>91</sup>

Mais adiante, em uma nota de rodapé, o autor afirma que, segundo a sua experiência didática, não há nenhuma utilidade nisto, e que o uso do turpilóquio por parte do discente estrangeiro é constante fonte de embaraço.

Em nossa opinião, o autor parece misturar um pouco duas questões paralelas, o fato de a palavra constar do dicionário e o uso que o aprendiz fará dela.

Não concordamos totalmente com a posição do autor, dado que um dicionário, em nossa opinião, deveria ser como um espelho que reflete a realidade linguística de um determinado idioma, e como tal, deveria oferecer a quem o consulta uma imagem o mais próximo possível da realidade, sem filtros de censura. O uso que o consulente fará das palavras encontradas na obra lexicográfica é uma escolha individual, como acontece com outras palavras e expressões que utilizamos no nosso vocabulário pessoal, geralmente levando em consideração questões como a diastratia, diafasia, diamesia e diatopia. Mesmo que seja para enriquecer a competência passiva de um aprendiz em relação a uma determinada lexia, é importante que esta conste em uma obra lexicográfica bilíngue, para que o consulente, ao buscá-la, tenha conhecimento da sua frequência de uso, da nota de uso correspondente, do registro e outras informações de âmbito semântico.

A despeito disso, temos consciência de que toda obra lexicográfica é resultado do trabalho de um ou mais lexicógrafos, que optam por determinadas características nas suas

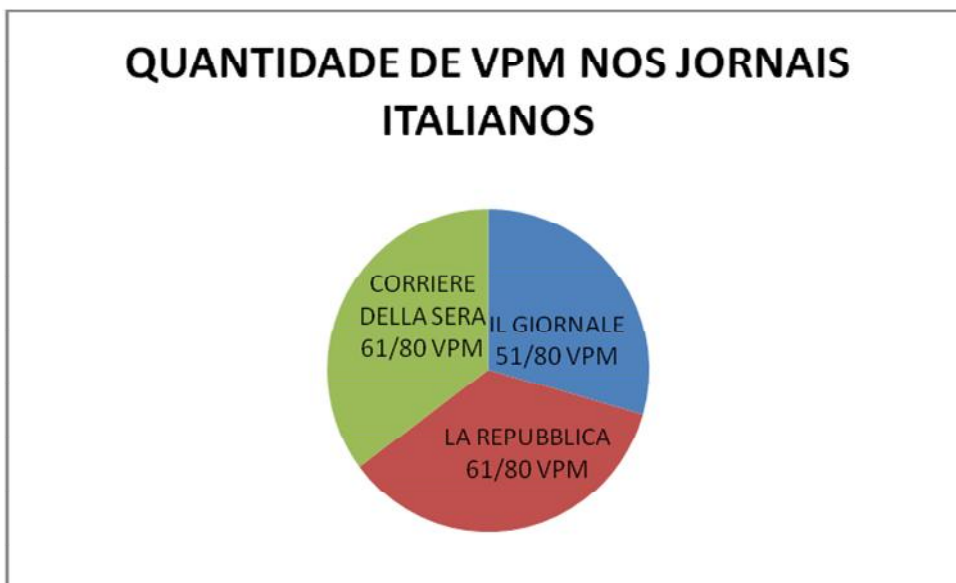
<sup>90</sup> *Provarci*, citado anteriormente no texto pelo autor.

<sup>91</sup> “O tratamento reservado a este *procomplementare* nos permite expressar certa perplexidade também sobre a presença (na lista) de elementos marcatamente vulgares e obscenos, inaceitáveis no uso médio [da língua] porque são realmente conotados com a camada mais baixa da variedade diastrática. É pertinente indagar que utilidade teria para um aprendiz, além da competência passiva, incluí-los no seu vocabulário de uso ativo.” (tradução nossa)

obras, e estas nem sempre são motivadas por razões lexicográficas, mas também por razões comerciais e pessoais.

Observa-se no gráfico abaixo, que os VPMs estão bastantes presentes nos jornais *online* italianos pesquisados, sendo que o *Corriere della Sera* e *La Repubblica* apresentaram a mesma quantidade de VPMs.

Gráfico 6 – Quantidade de VPMs nos jornais italianos



Assim como em relação à literatura, concluímos que os VPMs estão bastante presentes em jornais com os quais os aprendizes podem ter contato no decorrer do aprendizado de italiano LE, indicando que uma maior atenção e cuidado dedicados a estes verbos nos instrumentos didáticos (incluindo os dicionários) seriam úteis aos aprendizes.

### 3.2.3. MANUAIS DE ENSINO DE ITALIANO: ONDE ESTÃO OS VPMs?

A presença, a quantidade e o modo de apresentação de VPMs nos manuais de ensino de italiano LE/L2 foi um dos fatores que motivou a presente pesquisa.

Após alguns anos de contato com a língua italiana, era comum ouvir e ler os VPMs, e também encontrá-los nos manuais de italiano utilizados em classe, mas os VPMs eram apresentados, via de regra, sem qualquer tipo de aprofundamento.

Nesta seção, analisamos um dos manuais mais empregados no estudo de italiano LE no Brasil, o *Linea Diretta*, sem ter por objetivo exaurir o tema ou os materiais de pesquisa, visto que são inúmeros os manuais em utilização, tanto no ensino de italiano LE quanto L2. Temos como finalidade demonstrar que os VPMs não são tratados de maneira aprofundada nem completa, gerando mais dúvidas do que conhecimentos para os aprendizes.

É também nosso objetivo apresentar algumas soluções de apresentação dos VPMs em algumas gramáticas e manuais de ensino atuais, embora pouco utilizados no Brasil.

É importante enfatizar que os VPMs constam dos programas de ensino de italiano para estrangeiros, como por exemplo, o *Sillabo di italiano per stranieri*, (BENUCCI, 2007:153) utilizado, por exemplo, pela *Università per Stranieri di Siena*, obra na qual os VPMs aparecem sob a denominação de “verbo procomplementare”, exemplificados pelos verbos *andarsene, cavarsela, prendersela, fregarsene e farcela*.

É também relevante observar que a deficiência na presença e apresentação destes verbos em obras lexicográficas parece pressionar a inserção de atividades referentes a eles em manuais, gramáticas e *sites* destinados à aprendizagem de italiano como L2 ou LE, como uma maneira de diminuir o vácuo existente entre o contato dos aprendizes com os VPMs e os escassos instrumentos existentes para a sua aprendizagem, conforme explicitaremos mais adiante.

Passemos à análise preliminar do manual *Linea Diretta*, da *Guerra Edizioni*, de 2005, que, como afirmamos anteriormente, é um dos mais utilizados no ensino de italiano no Brasil. Este manual, porém, não é de uso exclusivo para o ensino de italiano LE, sendo utilizado também no ensino de italiano como L2.

A primeira ocorrência<sup>92</sup> de um VPM nesse manual didático é *andarsene*, na página 30 do livro 1b (unidade 2, seção 18), em um texto escrito pelo cantor e escritor Lorenzo Cherubini, conhecido como Jovanotti. Em um trecho do seu livro, *Il Grande Boh!* (1998), narra uma experiência em uma lanchonete em Linz, na Áustria:

[...] Il venerdì sera i ragazzi si mettono giù meglio che possono in senso classico e **se ne vanno**<sup>93</sup> a ballare il walzer in grandi locali dove orchestre

<sup>92</sup> Limitaremo-nos às ocorrências escritas do livro, deixando à parte as atividades de *ascolto* que poderiam conter VPMs, dado que nessas atividades não há nenhum tipo de elucidação ou comentários do tipo gramatical, lexical ou semântico.

<sup>93</sup> Grifo nosso.



suonano il walzer viennese, quello originale, e si può entrare solo vestiti da sera. [...] <sup>94</sup> (Conforti; Cusimano, 2005:30)

O VPM *andarsene*, aqui na primeira acepção do *GRADIT*, com valor intensificador, ocorre, portanto, apenas no segundo volume da série, em um texto de estilo notadamente moderno, que faz recurso à variante *neostandard*.

O *Linea Diretta* é estruturado da seguinte maneira: todas as unidades possuem, no final do livro, uma seção correspondente com exercícios e gramática, uma seção de gramática geral do volume, o glossário das unidades, e o glossário final.

O glossário final nada é além de um índice remissivo, em ordem alfabética, que indica a unidade e a seção onde se localiza determinada palavra. Nesta seção pode ser encontrado o VPM *andarsene*, remetendo à unidade e seção citadas anteriormente. Este é um ponto positivo, já que o VPM é considerado como UL autônoma, e não uma locução dependente do verbo *andare*. Como veremos adiante, outros VPMs constam do glossário como ULs autônomas e como entrada de locuções.

O glossário das unidades é dividido em unidades e seções, de modo a possibilitar facilmente a localização da palavra. Ao lado da palavra, há um espaço para que seja escrita “a tradução na língua materna”, segundo o enunciado da página, que contém ainda a informação de que “as palavras em negrito pertencem ao vocabulário do *Livello Soglia*<sup>95</sup>”. Na unidade 2, seção 18, encontra-se o VPM *andarsene* em negrito, indicando que a palavra pertence ao *Livello Soglia* e com espaço para que se escreva ao lado a tradução em LM.

É razoável esperar, portanto, que o VPM *andarsene* seja motivo de algum esclarecimento do ponto de vista gramatical ou lexical no corpo da unidade, mas não é o que ocorre.

Após o texto de Jovanotti, há uma série de exercícios e atividades que se propõem a explorar o vocabulário usado pelo autor, mas não há nenhuma menção ao VPM *andarsene*. Isso ocorre também na seção de exercícios e gramática referentes à unidade e na seção geral de gramática do volume, nas quais não são encontradas referências ao VPM. Esta omissão

<sup>94</sup> “[...] Nas noites de sexta-feira os jovens se vestem o melhor que podem, do jeito clássico, e vão dançar valsa em grandes bares e restaurantes, onde orquestras tocam valsas vienenses, as originais, e se pode entrar só de traje a rigor [...] (tradução nossa)

<sup>95</sup> O *Livello Soglia*, ou nível B1 – intermediário, do Quadro Comum europeu de Referência para as línguas.

pode significar que os autores consideram este VPM de fácil compreensão ou dedução para os aprendizes, mas isto nem sempre ocorre.

O VPM *parcela* está presente na unidade 3, seção 15 (página 40), em um diálogo que reproduz um trecho de uma atividade de *ascolto*. A seguir, na seção 16, há um quadro que deve ser completado, por dedução, com duas conjugações do VPM no presente. Na seção 17, posteriormente, há uma atividade de *roleplay*<sup>96</sup> na qual se pratica, novamente, a conjugação do VPM *parcela*, mas não há menção ao significado do VPM ou outras informações pertinentes. Na seção de exercícios da unidade há dois exercícios referentes ao VPM, um no qual se deve conjugá-lo em relação a diversos sujeitos (cujo enunciado é “*Completate le frasi con il verbo parcela*”), mas não em tempos diversos, e outro no qual se deve inserir o VPM (que se encontra no infinitivo, disposto em um quadro com outras palavras e expressões) em um exercício do tipo *cloze*<sup>97</sup>, no qual os verbos devem ser conjugados. Nesse caso, pode-se deduzir o significado de uma das duas acepções possíveis de *parcela* por oposição de significado com as opções oferecidas, caso o aprendiz as conheça.

Nesta unidade também é encontrado o *procomplementare volerci*. No que concerne a este VPM, foram incluídas, na seção de gramática no final do livro, uma paráfrase para explicar o seu significado, bem como sua conjugação no presente. Logo abaixo há uma seção sobre o VPM *parcela*, caracterizando-o gramaticalmente como verbo (sem especificação de tipo) e apresentando a conjugação do VPM no *presente* e no *passato prossimo*, indicando também a preposição “a” a ser usada caso o VPM seja seguido por um verbo no infinitivo, mas não há menção ao significado.

No glossário referente à unidade, o VPM *parcela* consta novamente em negrito, indicando que este pertence ao *Livello Soglia*. O *procomplementare volerci* também consta da lista. *Parcela* também consta do glossário final.

O VPM *parcela* ocorre também na unidade 6, seção 9, em uma atividade na qual devem ser unidas duas colunas conforme o significado de duas partes de frases separadas. Não há qualquer explicação do VPM e tampouco qualquer menção a esta nova ocorrência no glossário final. O VPM volta a se repetir ainda na unidade 6, na seção 16, conjugado no

<sup>96</sup> Segundo BALBONI (1998:54), *roleplay* é uma técnica usada no âmbito do ensino de línguas estrangeiras na qual o aluno finge ser outra pessoa ou finge ser ele próprio, mas fazendo uma ação diferente da que está realmente fazendo em classe.

<sup>97</sup> Técnica de leitura e compreensão de textos criada por W.L. Taylor em 1953 que consiste na omissão sistemática de palavras (a cada 10, por exemplo) em um texto e a substituição destas por espaços em branco a serem preenchidos pelos aprendizes.

presente, na terceira pessoa do singular. O glossário final também não cita essa ocorrência. Do mesmo modo, na seção de exercícios referentes à unidade 6, na atividade número 10, o VPM *farcela* consta na forma conjugada no presente, terceira pessoa do singular, como parte de uma frase a ser completada. Esse exercício não tem relação com a atividade presente na unidade 6. Na parte gramatical e na parte de exercícios correspondente à unidade 6 não há menção a *farcela*.

Percebemos, portanto, que o VPM *farcela* (que é um *procomplementare*, mas com duas partículas) e o *procomplementare volerci* receberam tratamentos distintos no que concerne, sobretudo, à elucidação de seus significados, apesar de o VPM *farcela* ter uma ocorrência significativa no livro 1b. A questão da conjugação parece ter sido razoavelmente bem explorada, no entanto questões como situações e variações de uso, outras acepções possíveis, registro, dentre outras, poderiam ter sido mais bem desenvolvidas.

Em uma situação desse tipo, na qual não constam informações suficientes à disposição do aprendiz para que este possa, pelo menos, compreender o significado, geralmente se subseguem dois procedimentos por parte do aprendiz: questionar o professor sobre o significado da palavra ou expressão e/ou procurar mais informações no dicionário.

É oportuno ressaltar que, frequentemente, o aprendiz não deseja indagar ao professor, ele almeja ter algum grau de autonomia em relação ao seu aprendizado. Além disso, é muito questionável que o professor seja o depositário de todo o conhecimento a respeito da LE em sala de aula, ou que seja o único fornecedor de *input* linguístico para os aprendizes, como já comentamos anteriormente.

O volume 2 do manual *Linea Diretta* é organizado diversamente do primeiro volume. A gramática referente aos temas abordados nas unidades encontra-se reunida no final do livro e os exercícios se encontram em um livro à parte; os glossários, porém, são constituídos do mesmo modo que no primeiro volume.

Neste segundo volume, já na primeira unidade, seção 2, o VPM *andarsene* consta na forma conjugada na primeira pessoa singular do presente indicativo. A presença do VPM, porém, parece ser totalmente casual, pois a finalidade do exemplo no qual é citado, é demonstrar o uso dos tempos do passado, o *passato prossimo* e o *imperfetto*.

Na seção 13 da terceira unidade (volume 2), há um trecho de *Uccelli da gabbia e da voliera*, de 1982, de Andrea de Carlo. Neste trecho consta o verbo *andarsene*, conjugado no

presente, na terceira pessoa do singular. O VPM consta no glossário da unidade caracterizado como pertencente ao *Livello Soglia*.

Há, na parte de gramática no final do livro, a conjugação do VPM *andarsene* no presente e no *passato prossimo*, sob o título de “*verbi accompagnati da un gruppo pronominale*”, à guisa de nomenclatura para esta categoria verbal.

O mesmo acontece com o VPM *cavarsela*, que está presente na unidade 7, seção 17, em um trecho extraído da revista *Anna*, de 16/6/93, conjugado no presente, primeira pessoa do singular. Este VPM recebeu um pouco mais de atenção no que diz respeito ao seu significado e conjugação, sendo tema de uma questão na seção 18 (sobre o significado, por meio da associação a uma paráfrase) e consta juntamente com o VPM *andarsene*, na seção gramatical no final do livro, enquadrado no grupo de “verbos acompanhados por um grupo pronominal”, conjugado no presente e no *passato prossimo*. Está presente também como início de um exercício na seção 19 da unidade 7, mas como um item fixo, com o qual não se deve trabalhar.

Apesar de não serem exploradas outras questões referentes aos VPMs, como uso, outras acepções e a questão das partes conjugáveis e elidíveis, principalmente em outros tempos e modos verbais, há uma atividade no livro de exercícios na qual os aprendizes devem completar as frases com o verbo *cavarsela* no tempo e no modo necessário, e espera-se que estejam aptos a realizá-la.

Não obstante faltem mais informações sobre o VPM *cavarsela*, consideramos que a atenção dedicada a este VPM tenha sido mais relevante neste segundo volume do *Linea Diretta*, o que aponta para um tratamento mais proveitoso para o aprendiz em manuais ou edições futuras, deste e de outros VPMs. Curiosamente, o VPM *cavarsela*, justamente o VPM que recebeu atenção mais detalhada no manual, está presente no glossário da unidade, embora não conste como pertencente ao *Livello Soglia*.

Em nosso ponto de vista, porém, a presença do VPM como entrada em um dicionário bilíngue poderia complementar as informações ausentes sem aumentar o volume do manual, além de atualizar a nomenclatura utilizada no livro, de *verbi accompagnati da un gruppo pronominale* para *verbi procomplementari*.

Na unidade 8, seção 13, consta a locução *prendersela comoda*, derivada do VPM *prendersela*, no enunciado de uma atividade de *roleplay*. Novamente, a locução não recebe

elucidação maior quanto ao seu significado, uso ou conjugação do VPM que a compõe. Consta do glossário da unidade (mas não está marcada como pertencente ao *Livello Soglia*) e do glossário final, porém não consta no setor de gramática ao final do volume e tampouco de nenhuma atividade do caderno de exercícios.

O VPM *farcela* reaparece na unidade 12, seção 15, letra b, em um exercício no qual o aprendiz deve formar diálogos com determinadas palavras ou expressões pré-determinadas no enunciado. No caso do VPM no exercício b, o VPM está inserido na frase “*farcela da solo/a*” e deve ser mantido no infinitivo. Neste volume, o VPM *farcela* não consta da seção gramatical, do glossário da unidade e tampouco do glossário geral. Caso o aprendiz não se recorde, por exemplo, do seu significado, ou que é um verbo unido a partículas pronominais, não terá, neste volume, um material de referência ao qual possa recorrer para dirimir as suas dúvidas.

Na unidade 13, seção 10, encontramos o VPM *tornarsene*, conjugado no presente, na segunda pessoa do plural. Está presente no glossário da unidade, não marcado como pertencente ao *Livello Soglia* e também presente no glossário final. Não está presente no setor dedicado à gramática.

O VPM *cavarsela* reaparece na unidade 14, seção 3, conjugado no *condizionale passato*, na terceira pessoa do singular. É a primeira vez que um VPM aparece nesse tempo e modo no livro, que torna a ocorrer, no mesmo modo e tempo na seção 14, na locução *cavarsela a buon mercato*. A locução consta do glossário da unidade e do glossário geral, mas não há esclarecimentos quanto ao seu significado ou conjugação neste modo ou tempo.

Conclui-se, portanto, que o tratamento dedicado a esta categoria verbal no *Linea Diretta* é insuficiente quantitativa e qualitativamente, além de ser bastante irregular e heterogêneo. Acreditamos que o *input* fornecido pelo livro não é satisfatório no que diz respeito a categoria gramatical, significados, utilização e formas de apresentação dos VPMs, e que tal fator pode gerar mais insegurança do que conhecimento aos aprendizes.

A maioria dos manuais de italiano utilizados no Brasil se equipara ao *Linea Diretta* ou é ainda mais precária em relação à abordagem dos VPMs, segundo análise preliminar realizada por nós com outros manuais didáticos de italiano LE/L2.

No entanto, pudemos tomar conhecimento de um manual de italiano para estrangeiros, utilizado nos cursos de língua da *Università per Stranieri di Siena*, nível B1 e C1 do Quadro

comum europeu de referência para as línguas, chamado *Magari*, da *Alma Edizioni*, que na sua apresentação afirma:

Magari infatti affronta lo studio di forme, costrutti sintattici, stilemi molto diffusi nella lingua e generalmente poco trattati nei testi d'italiano per stranieri.<sup>98</sup>

Acreditamos que uma dessas “formas muito difusas na língua, mas pouco tratadas nos manuais de italiano para estrangeiros”, sejam, justamente, os *verbi procomplementari* (incluindo os VPMs), já que a eles é dedicada uma boa parte da unidade 15, intitulada *Non solo parolacce*.

Nesta unidade estão presentes atividades e exercícios que não só explicam a categorização gramatical (embora com a nomenclatura “pronominali”, sem alusão ao fato de os verbos poderem ser ligados a mais de uma partícula pronominal ou com a denominação de *verbi procomplementari*), mas também exploram as diversas possibilidades de conjugação, significado e locuções derivadas dos *procomplementari*. Na unidade há, até mesmo, um jogo a ser realizado pelos alunos, no qual os times devem elucidar o significado de 26 *verbi procomplementari* ou locuções derivadas destes verbos. Também consta da unidade um exercício no qual os aprendizes devem deduzir e exemplificar quais são as partes móveis, conjugáveis e elidíveis desta categoria verbal. Esta parece ser uma excelente iniciativa que visa suprir a carência de informações sobre esta categoria verbal.

Outro exemplo interessante, desta vez em uma gramática (também para os níveis B1 a C1 do Quadro comum europeu e também da *Alma Edizioni*) é a *Grammatica avanzata della lingua italiana*, na qual o capítulo 19 é totalmente dedicado aos *verbi pronominali*, definidos no início da unidade como:

[...] quei verbi coniugati regolarmente insieme a una o più particelle pronominali (i pronomi riflessivi e le particelle *ci, ne, la, le*): queste particelle non hanno alcun significato in sé, ma danno al verbo un senso leggermente o spesso totalmente diverso.<sup>99</sup>

<sup>98</sup> “Magari, de fato, trata do estudo de formas, construções sintáticas e estilemas muito difundidos na língua e geralmente pouco tratados nos manuais de italiano para estrangeiros.” (tradução nossa)

<sup>99</sup> “[...] Aqueles verbos conjugados regularmente junto a uma ou mais partículas pronominais (os pronomes reflexivos e as partículas *ci, ne, la, le*): essas partículas não tem nenhum significado em si, mas dão ao verbo um sentido ligeiramente ou por vezes totalmente diferente.” (tradução nossa)

A definição dada para os verbos pronominais é a mesma dada aos *verbi procomplementari*, mas a nomenclatura não coincide. Apesar desta diferença, os verbos tratados são os mesmos.

Nesta unidade há uma explicação sobre os tipos de verbos pronominais, uma lista com 83 verbos conjugados com uma ou duas partículas pronominais, com exemplos conjugados em frases, exercícios sobre o significado, a conjugação e uma atividade de palavras cruzadas para fixar o significado dos verbos (páginas 155 a 160).

É interessante notar que um dos autores desta gramática, Roberto Tartaglione, é também o responsável por um dos poucos *sites*<sup>100</sup> da internet onde se pode obter um pouco mais de informação sobre os verbos conjugados com uma ou mais partículas pronominais.

Acreditamos que a pouca informação disponível nos dicionários e nos manuais de ensino de italiano LE/L2 a respeito desta categoria verbal provoque o surgimento de materiais paralelos para “dar conta” do interesse, curiosidade e necessidade de conhecimento que os aprendizes têm em relação a estes verbos. Estes materiais, porém, nem sempre contêm informações totalmente corretas e nem sempre estão disponíveis para os usuários de todas as partes do mundo. Embora o *site* esteja disponível a todos na internet, não temos conhecimento de que o manual *Magari* ou a *Grammatica avanzata della lingua italiana* sejam de uso difundido no Brasil.

Outro instrumento bastante procurado pelos aprendizes como apoio didático é o dicionário de verbos. Encontramos no *Dizionario dell'uso dei verbi italiani*, de Bedogni e Ardolino (2004), referência aos *verbi procomplementari* como *andarsene* e *farcela*, que estão inseridos no corpo do verbete dos verbos *andare* e *fare*, respectivamente. São apresentados com a nomenclatura supracitada, com diversas acepções, locuções e exemplos, constituindo um ótimo modelo de tratamento dedicado aos VPMs, mesmo que não em um manual de aprendizado da língua ou dicionário bilíngue.

Entretanto, em uma verificação informal e preliminar em alguns dicionários de verbos italianos utilizados e vendidos no Brasil, não verificamos a presença de VPMs nem como UL autônomas nem inseridas nos verbetes dos verbos dos quais tiveram origem. A preocupação maior desses dicionários parece ser em relação à conjugação de verbos regulares e irregulares.

<sup>100</sup> <<http://www.scudit.net/mdverbipron1.htm>>. Acesso em 06/09/2010.

Além disso, para privilegiar o desejo dos aprendizes de exercer a própria autonomia em relação ao seu aprendizado, a opção mais fácil e mais lógica parece ser a inserção de VPMs como entrada, em dicionários bilíngues, com mais informações lexicográficas sobre os verbos desta categoria verbal, como aquelas presentes no *Dizionario dell'uso dei verbi italiani*. Tal prática poderia ajudar a suprir a deficiência dos manuais de ensino de italiano LE/L2 em relação aos VPMs.



## 4. OS VPMs NOS DICIONÁRIOS

*L'uso è l'unica causa che faccia le parole buone, vere, legittime, parole di una lingua.*

*Alessandro Manzoni*

Neste capítulo exploramos o cerne da nossa pesquisa, a presença e o tratamento lexicográfico dado aos VPMs em dicionários monolíngues e bilíngues, investigando quais opções lexicográficas foram adotadas e quais poderiam ser mais eficazes sob o ponto de vista do aprendiz.

### 4.1. CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DOCUMENTAL E DO *CORPUS* DE ANÁLISE

Para o estudo das nossas ULs, utilizamos dois tipos de *corpora*: o *corpus* documental e o *corpus* de análise.

Fazem parte do *corpus* documental alguns dicionários bilíngues que utilizam o italiano como língua-fonte e o português como língua-alvo e que são comercializados no Brasil. A fim de ter um grupo controle ou parâmetro, fazemos referência, também, a alguns dicionários monolíngues de língua italiana.

Do *corpus* de análise fazem parte os 72 VPMs mais frequentes encontrados em jornais italianos *on-line*, apresentados na tabela 6, seção 3.2.2.

A obtenção destes dois *corpora* será explicitada nas seções sucessivas.

#### 4.1.1. CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DOCUMENTAL

O *corpus* documental foi constituído pelo dicionário bilíngue italiano – português mais usado<sup>101</sup> pelos alunos (o primeiro da lista) e pelos mais recentes, ou seja, que foram

---

<sup>101</sup> Esta constatação é unicamente baseada na observação durante o curso de 16 anos da minha profissão como professora de italiano LE, constatação corroborada pela opinião de muitos colegas de profissão, sem, no entanto, fazer recurso a dados mercadológicos.

publicados entre 2004 e 2007, data da elaboração do projeto desta pesquisa<sup>102</sup>. Também foi considerada para a composição desse *corpus* a facilidade de compra destes dicionários. São eles:

1. *Michaelis – Dicionário Escolar Italiano* — André Guilherme Polito – Editora Melhoramentos – 2007.
2. *Dicionário Martins Fontes Italiano Português* – Martins Fontes – Ivone C. Benedetti – 2004.
3. *Parola Chiave – Dizionario di italiano per brasiliani* – Giunti & Martins Fontes – Carlos Alberto Dastoli *et al* – 2007

Como já foi apontado na seção referente aos Procedimentos Metodológicos (Introdução), relembramos que foram avaliados os seguintes aspectos relacionados ao tratamento lexical dos VPMs nos dicionários do *corpus* documental:

- ▶ Presença do verbo como entrada ou subentrada.
- ▶ Presença de definição.
- ▶ Presença de exemplos.
- ▶ Presença de indicação de categoria gramatical.
- ▶ Presença de marcas de uso, notas de uso, indicadores de frequência ou registro.
- ▶ Indicação de conjugação.
- ▶ Datação.

#### 4.1.2. CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DE ANÁLISE

À medida que fomos pesquisando o nosso *corpus* de análise (isto é, a lista dos VPMs) sofreu consideráveis variações, de acordo, principalmente, com a descoberta e acesso a uma maior e mais variada quantidade de bibliografia.

---

<sup>102</sup> Procuramos analisar dicionários mais recentes trabalhando com a hipótese de que os VPMs poderiam ser mais facilmente encontrados em obras lexicográficas atuais, já que essa categoria verbal vem tendo maior projeção lexicográfica apenas nos últimos anos.

Iniciamos com uma lista de 65 VPMs presentes no dicionário *De Mauro – Paravia online*, que foi posteriormente desativado. Após essa primeira listagem, ampliamos o *corpus* de análise, sobretudo por meio de bibliografia e *sites* na internet. Decidimos, dada a quantidade de VPMs encontrada, restringir a pesquisa unicamente aos VPMs presentes no *GRADIT*, para que os VPMs trabalhados já constassem em pelo menos um dicionário monolíngue. Com isto, o número de VPMs subiu para 80. Em uma etapa posterior, de verificação dos VPMs nos principais jornais italianos para averiguação de frequência, constatamos que alguns dos VPMs não estavam presentes em nenhum dos jornais, caracterizando ocorrência zero. Decidimos, portanto, continuar a pesquisa somente com os VPMs encontrados nos jornais, isto é, que tivessem pelo menos uma ocorrência mínima. O número de VPMs baixou, então, de 80 para 72 VPMs.

São estes 72 VPMs que tiveram sua presença e tratamento lexicográfico analisado nos dicionários constituintes do *corpus* documental.

Os seguintes verbos não estavam presentes no *De Mauro – Paravia*, mas estão presentes no *GRADIT* (elevando a lista de 65 a 80 VPMs): *credersela, guazzarsela, infotterse, iscapolarsene, riandarsene, ridacchiarsela, rigirarsela, riprendersela, scialarsela, sfangarsela, sgabellarsela, sgattaiolarsela, sgiulebbarsela, spasseggiarsela, strigarsela*.

Analisando a lista dos 80 VPMs em três dos principais jornais italianos, constatamos que os seguintes verbos estavam ausentes nos três jornais: *guazzarsela, infotterse, iscapolarsene, menarselo, sbarcarsela, sbirbarsela, sbolognarsela, sbroccolarsela, sbucciarsela, scapolarsela, sgabellarsela, sgattaiolarsela, sgiulebbarsela, spasseggiarsela, strigarsela e togliersela*.

Os verbos comuns aos dois grupos acima são: *guazzarsela, infotterse, iscapolarsene, sgabellarsela, sgattaiolarsela, sgiulebbarsela, spasseggiarsela e strigarsela*.

Esses verbos, portanto, não foram analisados nos dicionários do *corpus*, devido a sua baixa frequência nos jornais ou pelo fato de não terem sido incluídos no dicionário que nos serviu de guia para esta dissertação, o *De Mauro – Paravia*.

Abaixo, a lista definitiva dos 72 VPMs, o *corpus* de análise, em ordem alfabética:

Tabela 7 – *Corpus* de análise

	VPM
1.	andarsene
2.	approffittarsene
3.	avercela
4.	aversela
5.	aversene
6.	battersela
7.	bersela
8.	cavarsela
9.	cercarsela
10.	contarsela
11.	corrercene
12.	credersela
13.	darsela
14.	darsele
15.	dirsela
16.	dormirsela
17.	farcela
18.	farsela
19.	farsene
20.	filarsela
21.	fottersene
22.	fregarsene
23.	fumarsela
24.	giocarsela
25.	giostrarsela
26.	godersela
27.	guardarsene
28.	impiparsene
29.	infischiarsene
30.	intendersela
31.	intendersene

32.	menarsela
33.	menarselo
34.	meritarsela
35.	morirsene
36.	passarsela
37.	pigliarsela
38.	prendersela
39.	riandarsene
40.	ridacchiarsela
41.	ridersela
42.	ridersene
43.	rifarsela
44.	rigirarsela
45.	riprendersela
46.	ritornarsene
47.	sbarcarsela
48.	sbattersene
49.	sbirbarsela
50.	sbolognarsela
51.	sbrigarsela
52.	sbroccolarsela
53.	sbrogliarsela
54.	sbucciarsela
55.	scapolarsela
56.	scialarsela
57.	sentirsela
58.	sfangarsela
59.	spassarsela
60.	squagliarsela
61.	strabattersene
62.	strafottersene
63.	strafregarsene
64.	stropicciarsene

65.	suonarsele
66.	svignarsela
67.	tirarsela
68.	togliarsela
69.	tornarsene
70.	vedersela
71.	venirsene
72.	volercene

Para que se conheça de modo mais aprofundado os dicionários com os quais trabalhamos nesta pesquisa, procedemos, na próxima seção, a um panorama sobre a tipologia e as características lexicográficas dos dicionários bilíngues do *corpus* documental.

#### 4.2. BREVE PANORAMA DE DICIONÁRIOS ITALIANO – PORTUGUÊS EM USO NO BRASIL

Os dicionários bilíngues são importantes ferramentas no contato com outro idioma, podendo ser usados com diferentes propósitos, a saber: aprendizagem, comunicação e tradução, entre outros.

No que concerne à língua italiana, alguns dicionários italiano – português e/ou português – italiano em uso no Brasil apresentam diferentes perfis lexicográficos.

As opções adotadas em uma obra lexicográfica podem ter reflexos na eficácia do dicionário como instrumento auxiliar no contato com a língua, seja com o objetivo de tradução, comunicação ou aprendizagem.

Nosso objetivo nesta seção é, portanto, traçar um panorama lexicográfico de alguns dicionários bilíngues italiano – português disponíveis no Brasil, discorrendo sobre a macroestrutura, a introdução/apresentação/prefácio, a microestrutura e outras características lexicográficas, levando em consideração o público-alvo de cada um deles, com o propósito de identificar aspectos positivos e negativos, soluções e restrições adotadas.

Utilizamos, para os dicionários bilíngues do *corpus* documental as seguintes abreviações:

1. Dicionário Martins Fontes Italiano – Português (MF)
2. Dicionário Parola Chiave (PC)
3. Dicionário *Michaelis* (MI)

Como já mencionamos, estes dicionários foram selecionados em função de dois fatores: no caso dos dois primeiros, por serem de lançamento recente no Brasil e no caso do terceiro, por ser o dicionário mais usado<sup>103</sup> pelos aprendizes de italiano como LE.

Outro fator importante para a seleção desses três dicionários para o *corpus* documental é o fato de todos trabalharem com a variante brasileira do português. Este fato favorece a nossa análise do papel do dicionário como instrumento de contato com a LE, pois trabalhando com a variante falada em nosso país podemos avaliar melhor as opções lexicográficas adotadas, especialmente em relação à microestrutura.

#### 4.2.1. Dicionário Martins Fontes Italiano – Português (MF)

O primeiro dicionário a ser analisado é o *Dicionário Martins Fontes Italiano – Português*, coordenado por Ivone C. Benedetti e editado pela editora Martins Fontes no ano de 2004, em São Paulo. Este dicionário possui 1222 páginas e uma introdução de uma página e meia, intitulada “Apresentação”, assinada pela coordenadora do projeto, na qual são explicitadas algumas características e opções lexicográficas adotadas.

O objetivo indicado na “Apresentação” é suprir a carência de um dicionário que tenha como característica “a opção pelo Brasil”, isto é, que opte pela variante brasileira nas acepções.

Em relação ao público-alvo, este é indicado, mas não explicitado: é um dicionário que serve para atender “as pessoas que lidam com a língua italiana em suas atividades profissionais”.

Há, contudo, várias indicações de que o público-alvo contemplado seriam os tradutores de língua italiana para o português – brasileiro. Na “Apresentação” é citada a

---

<sup>103</sup> Ver nota nº 101.

“preocupação com as atuais necessidades impostas pela globalização, em que a tradução desempenha funções fundamentais no intercâmbio entre os povos [...]”. Outra indicação da opção pela tradução constitui-se no modelo da microestrutura, na qual é assinalada a “preferência por traduções equivalentes, com recurso a definições apenas quando a palavra tem grande especificidade cultural.”

Outra característica da “Apresentação” que parece confirmar a opção pelos tradutores como público-alvo é a ausência de informações sobre o modo de consulta, pressupondo que os consulentes do dicionário já possuam familiaridade com esse tipo de instrumento ou que tenham bastante familiaridade com a língua. Um exemplo disso é a questão da lematização, apontado por Duran (2008:86). A autora comenta sobre a necessidade de ensinar ao aprendiz o processo de lematização, isto é, a redução do léxico naturalmente flexionado a formas não flexionadas para que ele possa consultar o dicionário de maneira mais eficaz.

Esse critério poupa muito espaço e foi essencial para a veiculação dos dicionários impressos. Porém, ele implica ter que ensinar ao usuário como se lematiza uma palavra antes de consultá-la no dicionário. Em se tratando de uma língua estrangeira, muitas vezes o usuário não consegue fazer a lematização, principalmente nos casos de verbos, femininos e plurais irregulares.

Outras informações constantes da “Apresentação” e que parecem indicar o público-alvo como sendo os tradutores, seriam “a grande importância conferida a termos técnicos”, “a inserção de um grande número de verbetes”, além da “inclusão de acepções antigas e regionais em verbetes com acepções modernas predominantes”. Essas opções lexicográficas parecem indicar que o dicionário procura abarcar várias possibilidades de consultas mais específicas, características dos tradutores.

De fato, no encerramento da “Apresentação”, é reiterada a afirmação de que o dicionário pretende “atender em grande parte às necessidades de todos aqueles que lidam com a língua italiana em suas **atividades profissionais**<sup>104</sup> [...]”. Percebemos, assim, que por exclusão, os aprendizes não são os contemplados como o principal público-alvo deste dicionário.

Subsequindo a “Apresentação” e antes do início dos verbetes, há a seção intitulada “Lista das abreviações”. A lista ocupa três páginas e, embora sejam apresentadas diversas

---

<sup>104</sup> Grifo nosso.



abreviações para as categorias gramaticais, como “adjetivo” e “substantivo”, não consta, por exemplo, a abreviação usada para verbo. Convém notar que as abreviações são em língua italiana.

A despeito de o dicionário ser, aparentemente, dirigido aos tradutores ou, de qualquer modo, aos profissionais que lidam com a língua italiana, consta após a lista de abreviações um “Guia da pronúncia italiana”, no qual são explicitados temas como a acentuação, a pronúncia de consoantes e vogais, os grupos consonânticos e as consoantes geminadas. Esta opção lexicográfica parece contradizer, de certa forma, a escolha de profissionais da língua italiana como público-alvo, pois estes provavelmente já possuiriam conhecimentos elementares sobre a fonética e a fonologia da língua italiana como os que são apresentados na referida seção.

Na “Apresentação” consta ainda a quantidade de verbetes do dicionário (82000) seguida pelo comentário de que são números inéditos em relação a um dicionário bilíngüe.

Ainda sobre a questão da opção pela variante do português brasileiro, podemos encontrar na “Apresentação” as três consequências decorrentes desta escolha, que seriam “a) a opção pelo padrão ortográfico brasileiro, b) as opções lexicais brasileiras em primeiro lugar, só então seguidas pelas lusitanas e c) preferência pelas expressões idiomáticas brasileiras”.

Este é um dicionário semasiológico<sup>105</sup> e as entradas são organizadas em ordem alfabética.

Quanto à microestrutura, o melhor modo de avaliá-la é analisando diretamente os verbetes. Utilizaremos aqui um verbe tomado ao acaso, o do verbo *divisare*<sup>106</sup>.

**divisare**, *v.tr.* (lett.) propor-se, estabelecer, decidir, deliberar, resolver. □ expor, descrever, narrar. □ imaginar, projetar, idear, pensar, cismar, conjecturar. □ (ant.) dividir, separar.  
 ■ *v.pr.* (lett.) propor-se, decidir fazer.

No verbe do verbo *divisare* (página 305), observamos que a entrada é em negrito com indicação de sílaba tônica por meio de um traço sob a letra “a”. Em muitos verbetes (como em *divieto*, na mesma página) a sílaba tônica é indicada por meio de um ponto sob a letra “e”. No dicionário não existe explicação acerca do motivo dessa simbologia. Após a

<sup>105</sup> Partindo do significante para o significado.

<sup>106</sup> Optamos por não usar os VPMs como base de comparação entre as microestruturas, conhecendo de antemão as suas peculiaridades em relação à presença e à apresentação lexicográfica, procurando, assim, evitar uma heterogeneidade desproporcional entre os verbetes.

entrada em negrito há uma vírgula, também em negrito, seguida pela indicação de categoria gramatical abreviada, *v. tr.*, neste caso. A indicação de *v.* não consta na lista de abreviações (conforme observação acima), *tr.* consta como abreviação de transitivo.

Seguindo a indicação gramatical há uma marca de uso<sup>107</sup> entre parênteses (*lett.*), que consta como *letteratura* na lista de abreviações. Nem todas as entradas possuem marca de uso, como pode ser observado nessa mesma página nos verbetes de *divenire*, *diventare*, *divergenza* e muitos outros. Existem muitas marcas de uso na lista de abreviações, mas elas não são agrupadas, apresentando-se elencadas junto a outras informações, como categoria gramatical e indicação da língua de origem da palavra (no caso de estrangeirismos).

Após um exame atento, observamos que as abreviações possuem três formas de apresentação, em itálico, entre parênteses e entre colchetes. O itálico serve para as abreviações de categoria gramatical, os parênteses para as marcas de uso ou linguagem setorial na qual a palavra é usada ou de qual campo é proveniente, e os colchetes para os estrangeirismos, indicando o idioma de proveniência. Apresentamos como exemplo, respectivamente: (accr.) para *accrescitivo*, (amm.) para *amministrazione* e (volg.) para *volgare* e ainda [port.] para *portoghese*. Está ausente, porém, a indicação referente a essas distinções entre as abreviações.

Prosseguindo com a análise do verbete *divisare*, seguem-se à marca de uso, cinco equivalências em português. A seguir, um sinal gráfico representando um pequeno quadrado branco vazado de contorno negro e mais três equivalentes. A seguir, mais um símbolo de quadrado seguido de mais sete equivalentes. Seguem-se mais um símbolo como os anteriores, a abreviação (ant.) para *antico* e mais dois equivalentes. Por fim, outro símbolo gráfico representando um quadrado, desta vez inteiramente negro, acompanhado das abreviações *v.pr.(lett.)* (verbo pronominal e literatura, respectivamente) e mais dois equivalentes.

É conveniente observar que em nenhum lugar do dicionário consta uma explicação ou indicação de quais seriam os significados dos símbolos gráficos presentes na obra.

Embora a apresentação advirta para a quantidade restrita de exemplificações em favor da maior quantidade de equivalências, acreditamos que a exemplificação é uma característica não só de cunho didático, mas, principalmente, desambiguadora de significados.

---

<sup>107</sup> A definição de marca de uso e de outros elementos que podem estar presentes nos dicionários encontra-se na seção 5.1.

#### 4.2.2. O Dicionário Parola Chiave (PC)

O dicionário *Parola Chiave - Dizionario di Italiano per Brasiliani*, da editora Martins Fontes, foi editado em São Paulo em 2007, e elaborado por uma equipe de tradutores. Este dicionário possui 1142 páginas divididas em oito seções apresentadas em um índice: “Apresentação da Edição Brasileira, Guia Gráfico para Consulta, Abreviaturas e Símbolos Gráficos, Dicionário, Gramática de Uso da Língua Italiana, Verbos Irregulares, Como se fala, como se escreve e Glossário Português – Italiano”.

A introdução intitula-se “Apresentação da Edição Brasileira”, ocupa uma página e é assinada pelo editor.

No que concerne ao público-alvo da obra, fica claro na apresentação que é um “dicionário concebido especialmente para estudantes brasileiros”, caracterizando-se, portanto, como um dicionário para aprendizes de italiano LE.

Os objetivos da obra não são explicitados na apresentação. Há referência à base monolíngue de onde foi extraído o *corpus* (*Dizionario Italiano* – Editora *Giunti*), pois este dicionário tem uma característica peculiar: baseia-se num *corpus* da língua-fonte, com as definições em italiano seguidas dos equivalentes das entradas em português.

A apresentação informa que há 20.000 entradas e aproximadamente 35.000 significados, com definições simples e claras e que a equivalência é uma simples indicação, não uma solução acabada. Ainda na apresentação há menção ao fato de este dicionário aliar as vantagens dos dicionários bilíngues às vantagens dos dicionários monolíngues, pois é impossível encontrar uma única palavra em português que abranja as nuances de um determinado sentido em italiano, assim a tradução em português seria um acréscimo às definições e aos exemplos. Há, ainda, referência aos termos para os quais não existem equivalentes brasileiros, como, por exemplo, pratos da culinária italiana, que são conservados em italiano e, grafados em itálico e negrito. Por fim, cita as palavras intraduzíveis, que são indicadas no dicionário pelo símbolo Ø.

Em relação à macroestrutura, este dicionário é um dicionário semasiológico que possui 20.000 entradas e é organizado em ordem alfabética.

A seguir há o “Guia Gráfico para Consulta”, no qual, por meio de esquemas gráficos de indicações explicativas para cada item dos verbetes, são demonstradas todas as possíveis dúvidas dos consulentes sobre a microestrutura do dicionário.

Apresentamos, aqui, algumas indicações de símbolos, deixando alguns símbolos e abreviações para serem comentados na análise de um dos verbetes.

O trevo, por exemplo, é utilizado para indicar o uso figurado; o número em expoente indica os diversos homógrafos; o losango preto indica diferentes categorias gramaticais dentro do mesmo verbo; a barra introduz locuções e modos de dizer; o losango branco assinala uma nuance menor de sentido; a letra “s” dentro de um círculo introduz os sinônimos e os números dentro do verbo indicam as diferentes acepções.

Após o “Guia Gráfico para Consulta” há uma página com as abreviações, todas em itálico, em sua maioria referentes à categorização gramatical, em português.

Logo abaixo há uma tabela dos símbolos gráficos usados nos verbetes.

Para analisar a microestrutura dessa obra tomamos um verbo ao acaso, e não o verbo *divisare*, usado como exemplo de verbo do MF. Procedemos deste modo porque o que buscamos nesta seção é demonstrar e compreender como a microestrutura é organizada e quais são os benefícios e dificuldades decorrentes das opções lexicográficas adotadas em relação à apresentação do verbo, e não fazer uma comparação entre verbetes específicos.

Analisemos o verbo de *punzecchiare*, na página 596:

<p><b>punzecchiare</b> <i>v.tr.</i> <b>1</b> Pungere leggermente e ripetutamente: <i>son tutto punzecchiato dalle zanzare</i> □ <b>picar</b> <b>2</b> ♣ Molestare, irritare con parole pungenti, piccoli dispetti: <i>non fa che punzecchiarlo tutto il giorno</i> □ <b>espicaçar</b> ♦ <b>punzecchiarsi</b> <i>v. pr.</i> Provocarsi, molersi a vicenda: <i>smettetela di punzecchiarvi!</i> □ <b>espicaçar-se</b></p>
---

Sob o aspecto gráfico, observa-se facilmente que o PC é muito mais claro visualmente em relação a sua microestrutura, pois a visualização dos elementos componentes ocorre de maneira facilitada e inequívoca.

A entrada em negrito favorece a visualização e não há sinal de pontuação após o lema. A indicação da sílaba tônica por meio de acento gráfico, apesar de ser adotada em muitos dicionários, parece-nos, contudo, um ponto que pode provocar ambiguidade para o consulente

aprendiz do idioma italiano. Como na língua italiana existe tanto o acento grave quanto o agudo, o aprendiz pode confundir a indicação de som com a indicação de grafia.

À entrada segue-se a indicação gramatical abreviada em itálico, com a abreviação correspondente constante nas “Abreviaturas”. O número que subsegue introduz a primeira acepção, com definição em língua italiana, que é exemplificada em itálico. Logo após observamos o pequeno quadrado que introduz a equivalência, em negrito, referente à primeira acepção.

Após o número indicando a segunda acepção, encontramos o símbolo do trevo, que indica que essa acepção tem caráter figurado, demonstrado pela definição em italiano, seu exemplo em itálico, seguido do pequeno quadrado vazado e o equivalente em negrito da segunda acepção. A seguir vem o losango preto indicando uma nova categoria gramatical, o verbo pronominal, seguido de sua abreviatura em itálico e a definição em italiano, atestada pelo exemplo conjugado em itálico. Por fim, o equivalente em português, em negrito.

É oportuno, porém, ressaltar a completa ausência das marcas e notas de uso na microestrutura. Considerando-se que o dicionário é dirigido a “estudantes brasileiros” de língua italiana, seria oportuno oferecer-lhes este tipo de informação fundamental sobre a língua.

Do mesmo modo, não há indicação, neste verbete, da conjugação do verbo. Por meio de uma observação preliminar, notamos que a indicação de conjugação parece estar reservada aos verbos irregulares. Não há indicação em relação à regularidade ou irregularidade dos verbos nos verbetes.

Três opções lexicográficas adotadas na obra devem ser ressaltadas: as entradas independentes dos advérbios em *-mente* (como *estremamente*), dos verbos pronominais (como *estraniarsi*) e dos prefixos e sufixos (como *etto-* e *-etto*). Tais opções contemplam favoravelmente o público-alvo.

Para reforçar seu caráter didático, o PC possui, após o dicionário, um apêndice intitulado “Gramática de Uso da Língua Italiana”, dividido em 26 partes, que tratam desde os tipos de frase até a pontuação, passando por noções de linguística, como turnos de fala e usos pragmáticos da língua.

Há ainda uma seção sobre a conjugação dos verbos irregulares (onde se repete a conjugação de tais verbos, já apresentada preliminarmente nos verbetes) e outra sobre questões relativas à fala e a escrita, como o uso do apóstrofo, por exemplo.

Por fim, o glossário português – italiano encerra o volume. Nesse glossário estão listadas as palavras em língua portuguesa, em negrito, seguidas de uma ou duas acepções em italiano.

O atributo mais marcante desse dicionário, em nossa opinião, é a microestrutura, com a definição em italiano e os equivalentes em português, caracterizando o único dicionário semibilíngue de língua italiana publicado no Brasil, apesar de esta informação não constar na sua apresentação.

Analisaremos de modo mais aprofundado a questão dos dicionários semibilíngues no capítulo 5, dedicado à Lexicologia Pedagógica Bilíngue.

#### 4.2.3. O Dicionário *Michaelis* (MI)

O terceiro dicionário do *corpus* documental é o dicionário bilíngue italiano – português/português – italiano da Editora Melhoramentos, intitulado *Michaelis – Dicionário Escolar Italiano*, de André Guilherme Polito, publicado em 2007, em São Paulo.

Este dicionário possui 766 páginas, divididas em 6 seções: Prefácio, Organização do Dicionário, Transcrição Fonética do Italiano, Transcrição Fonética do Português, Abreviaturas usadas neste dicionário, Apêndice, Dicionário Italiano – Português, Dicionário Português – Italiano e Apêndice. O Apêndice, por sua vez, é subdividido em oito partes: Notas gramaticais do Italiano, Numerais, Substantivos e adjetivos pátrios relativos a regiões e cidades da Itália, Equivalência dos tempos verbais, Conjugação dos verbos em italiano, Relação dos verbos irregulares, defectivos ou difíceis em italiano, Conjugação dos verbos em português e Relação dos verbos irregulares, defectivos ou difíceis em português.

Estas seções e subseções são apresentadas no “Sumário”, com exceção das duas seções referentes aos dicionários bilíngues italiano – português e português – italiano, que

apesar de constituírem o corpo do dicionário, não possuem indicação das páginas que ocupam.

A seção intitulada “Prefácio” ocupa uma página, não assinada, e fornece informações sobre a quantidade de verbetes, o público-alvo, a estrutura do dicionário, a microestrutura, detalhes sobre o processo de elaboração do dicionário e de forma indireta, o objetivo da obra.

O dicionário possui 28.000 verbetes, que são “selecionados e adaptados para os brasileiros que estudam a língua italiana e se preocupam em falar e escrevê-la corretamente”, explicitando assim os aprendizes brasileiros de italiano LE como público-alvo.

A questão da seleção e adaptação dos verbetes citada no “Prefácio” é dúbia, visto que não são informados os critérios lexicográficos utilizados para tal seleção, como a opção pela variante do português brasileiro. Da mesma forma é obscura a informação sobre a preocupação em falar e escrever corretamente o italiano em relação aos critérios lexicográficos adotados no dicionário, não sendo possível deduzir, pela leitura do prefácio, quais opções contemplariam estes aspectos.

Entretanto, o objetivo pedagógico do dicionário é citado claramente no “Prefácio”, que afirma que “para complementar o aprendizado, a obra inclui notas sobre a gramática e sobre o uso adequado de palavras e expressões italianas, juntamente com o verbo em questão”.

No “Prefácio” não há menção à forma de consulta ao dicionário, que é explicitada na seção “Organização do dicionário”, na qual é descrito o conteúdo dos verbetes.

Ainda no “Prefácio”, há menção ao fato de o dicionário seguir rigorosas regras lexicográficas para padronizar a estrutura dos verbetes e facilitar a leitura e o acesso imediato à informação, como por exemplo, a entrada dos verbetes e a indicação da letra na lateral da página (chamada neste dicionário de dedeira) serem destacadas em outra cor.

Há, além disso, a descrição dos verbetes do dicionário, citando como são apresentados e divididos e que tipo de informações eles contêm, e é mencionada a existência de um apêndice para atender a consultas complementares de assuntos não tratados no corpo do dicionário.

Consta do prefácio, igualmente, a referência aos profissionais que participaram da elaboração do dicionário, como uma equipe especializada de dicionaristas, professores de italiano e de português, foneticistas e revisores, entre outros, embora conste no dicionário

apenas o nome do autor. Há menção ao papel da editora ao publicar a obra, oferecendo “aos estudantes um valioso instrumento para aperfeiçoar os conhecimentos da língua italiana”.

A seção intitulada “Organização do dicionário”, que esclarece a microestrutura usada na criação dos verbetes deste dicionário, subdivide-se em nove partes, que discorrem sobre itens específicos que compõem os verbetes: “a entrada, a transcrição fonética, a classe gramatical, a área de conhecimento, a tradução, as formas irregulares, a exemplificação, as expressões e o apêndice”. Cada um destes itens da microestrutura será tratado na análise de um verbete deste dicionário.

Embora esteja inserido juntamente com outros elementos formadores da microestrutura, o apêndice não trata de informações sobre os verbetes, mas cita o fato de constarem, no final do dicionário, alguns assuntos frequentemente pesquisados nas consultas complementares, como notas gramaticais do italiano, numerais, conjugação de verbos em italiano, entre outros.

Nas seções de “Transcrição Fonética do Italiano” e “Transcrição Fonética do Português” são apresentados, respectivamente, o alfabeto italiano e o alfabeto português, com seus exemplos e especificidades e os símbolos fonéticos usados nas transcrições dos verbetes, com seus exemplos. Percebe-se que há uma tentativa de homogeneidade no tratamento das informações relativas às duas línguas, por se tratar de um dicionário bidirecional. Há, contudo, uma maior atenção em relação às especificidades da fonética da língua italiana, como comparações com o português e sugestões para a pronúncia das consoantes duplas.

Acreditamos que, embora o dicionário apresente tanto a direção italiano – português quanto a direção português – italiano, haja a tendência a considerar como consulente, no Brasil, o aprendiz brasileiro de italiano (por isso a ênfase na língua italiana) e não o aprendiz italiano de português, consideração esta explicitada no “Prefácio”.

As “Abreviaturas” ocupam duas páginas, estão colocadas em ordem alfabética e na lista são arroladas as abreviaturas em italiano e em português, todas em itálico. Essas abreviaturas referem-se a categorias gramaticais, língua de procedência dos estrangeirismos, área de conhecimento da palavra e registros.

Da mesma maneira que a seção de “Transcrição Fonética” favorece mais a língua italiana, também o “Apêndice” parece pender para a L2. As “Notas Gramaticais” e os



"Substantivos e Adjetivos Pátrios" referem-se especificamente à língua italiana, não havendo como espelho a mesma subseção para o português.

Contraditoriamente a esse raciocínio, porém, as seções de “Conjugação dos verbos” e de “Relações de verbos irregulares, defectivos ou difíceis” consta para as duas línguas no apêndice, na mesma proporção. Julgamos desnecessária a atenção dada aos verbos em português, já que, em primeiro lugar, não é uma opção adotada de modo genérico e em segundo lugar, pelo fato de o consulente brasileiro dificilmente buscar informação sobre a sua própria língua em um dicionário bilíngue, preferindo para esses casos o dicionário monolíngue de sua língua materna.

Analisaremos a seguir a microestrutura adotando a mesma estratégia usada anteriormente: a escolha de um verbete ao acaso. Tomemos como exemplo o verbo *levare*<sup>108</sup>, na página 200.

**le.va.re** [lev'are] *vt* **1** levantar, erguer. *levare gli occhi* / levantar os olhos. **2** tirar, retirar, remover. *levare un dente* / tirar um dente. *levare un divieto* / retirar uma proibição. *vpr* **3** levantar-se, erguer-se. *una persona si levò* / uma pessoa se levantou. **4** retirar-se, sair. **5** nascer. *il sole si leva* / o sol nasce. **levare il latte a un bambino** desmamar uma criança. **levare la maschera** desmascarar. **levarsi presto** acordar cedo. **Levare** não tem o mesmo sentido de "levar", "carregar" em português. Nesse sentido, usa-se **portare, trasportare**.

Avaliando o verbete, podemos observar a entrada em azul e negrito com indicação da divisão silábica por meio de pontos. Logo a seguir, a transcrição fonética, representada entre colchetes e seguindo as normas do Alfabeto Fonético Internacional. A classe gramatical é indicada por abreviatura em itálico. A primeira acepção vem indicada pelo número “1”, seguida de dois equivalentes separados por vírgula e separados do exemplo por um ponto, em itálico. A exemplificação é apresentada em italiano e em português. Seguem-se as acepções dois e três com a mesma estrutura, observando-se que a terceira acepção é indicada pela sua categorização gramatical (abreviada) específica. Na quarta acepção não há exemplo. Na quinta acepção repete-se a estrutura, que é seguida pela apresentação de locuções, em ordem alfabética e em negrito.

Um componente importante de alguns verbetes é a nota de uso, chamada no dicionário de nota explicativa, que serve para elucidar alguma característica de irregularidade, falsos

<sup>108</sup> Esta é a aparência gráfica do verbete no MI, edição impressa (2007).

cognatos, informações gramaticais e outras informações para o consulente com pouca familiaridade com a língua. A nota explicativa é marcada com o fundo azul, destacando a leitura dentro do verbete.

É importante ressaltar que o MI é o único dicionário bilíngue italiano bidirecional<sup>109</sup> do *corpus*, que serve tanto para a codificação como para a decodificação. Convém ressaltar que, embora pareça, por estes aspectos, ser mais completo ou mais bem elaborado, a esse dicionário faltam muitas entradas consideradas importantes e que provavelmente foram excluídas por problemas de dimensão física intrínsecos aos dicionários impressos em papel. O mesmo acontece com as acepções<sup>110</sup> dentro do verbete, seja em português ou em italiano. Os critérios de seleção das entradas dos verbetes e os de ordem das acepções não foram explicitados na introdução.

O MI também se encontra à disposição, gratuitamente, na internet<sup>111</sup> e os verbetes *on-line* são idênticos aos da edição impressa.

As restrições concernentes ao espaço físico ficariam teoricamente invalidadas em um dicionário *on-line*, já que a mídia eletrônica tem capacidade praticamente infinita de espaço. No entanto, o MI é exatamente igual nas suas apresentações impressa e *on-line*, não desfrutando do potencial que a última poderia oferecer aos aprendizes, como a busca por expressões, a busca de UL complexas utilizando cada uma das palavras componentes, como por exemplo, em *matar aula* (busca em *matar* e em *aula*). No MI português – italiano a expressão *matar aula* aparece em *aula*, mas não em *matar*. Teoricamente, as entradas poderiam ser elaboradas usando tanto o substantivo quanto o verbo, através das formas flexionadas no singular ou no plural, no masculino ou no feminino. Para tal, bastaria digitar ou clicar sobre a palavra desejada e esta conduziria ao verbete relacionado à forma lematizada da palavra buscada.

Para concluir este breve panorama sobre os dicionários bilíngues do *corpus* documental, constatamos que, infelizmente, a possibilidade de utilizar o verbete como

<sup>109</sup> Que apresenta as duas direções na macroestrutura: LE-LM/LM-LE.

<sup>110</sup> Para ilustrar, observe-se o verbete *sega* em italiano e o verbete *serra* em português. No dicionário monolíngue *Garzanti* a palavra *sega* tem pelo menos sete acepções (uma delas chula), entre as quais uma expressão que os aprendizes costumam perguntar frequentemente em sala de aula, cujo equivalente é “matar aula”. O *Garzanti* se encontra no endereço <<http://www.garzantilinguistica.it>>.

<sup>111</sup> <<http://Michaelis.uol.com.br/escolar/italiano/index.php>>.

hipertexto<sup>112</sup> nos dicionários *on-line* é ainda pouco explorada, mesmo em dicionários monolíngues de nome e importância como o Houaiss<sup>113</sup> e o Aulete<sup>114</sup>.

Um bom uso do espaço virtual para armazenamento e acesso multidirecional ocorre em um dicionário *on-line* de alemão – italiano, o ELDIT<sup>115</sup>, no qual, ao clicar em uma palavra dentro do verbete, abre-se uma nova janela virtual com a definição, exemplificação ou alguma informação gramatical sobre a palavra selecionada. Outro exemplo no qual é usada a mesma técnica lexicográfica é o *DISC – Dizionario Italiano Sabatini – Coletti*<sup>116</sup>, este, porém, em CD-ROM.

Para podermos visualizar uma representação esquemática dos dicionários do *corpus* documental, tomamos como base o esquema elaborado por Duran (2004), que usa os critérios explicitados no Esquema 1, a seguir, para categorizar os dicionários.

---

<sup>112</sup> Hipertexto é o termo que remete a um texto em formato digital, ao qual se agregam outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, palavras, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas denominadas hiperlinks, ou simplesmente links. Esses links ocorrem na forma de termos destacados no corpo de texto principal, ícones gráficos ou imagens e têm a função de interconectar os diversos conjuntos de informação, oferecendo acesso sob demanda as informações que estendem ou complementam o texto principal. (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto>)

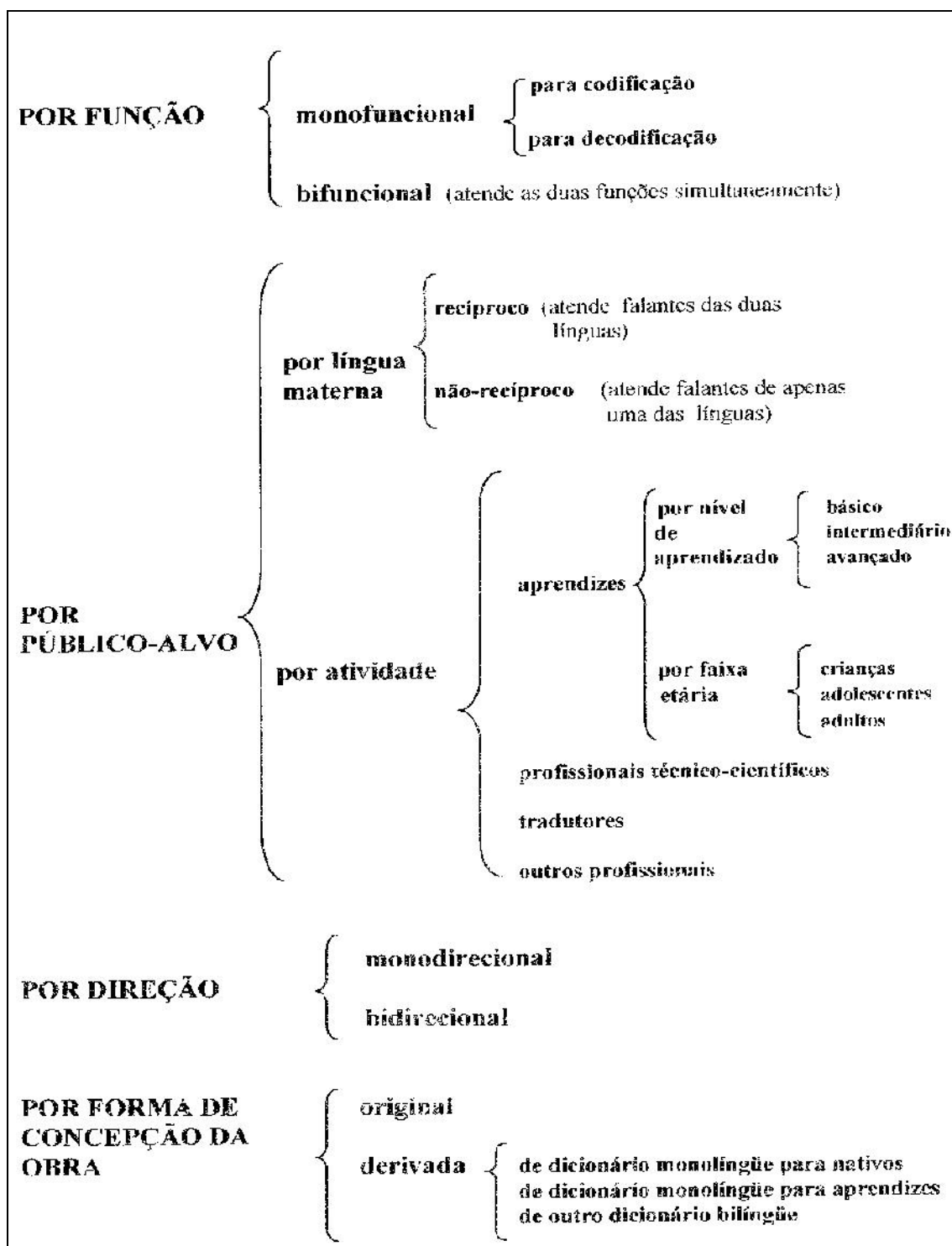
<sup>113</sup> <<http://houaiss.uol.com.br>>

<sup>114</sup> <<http://aulete.uol.com.br>>

<sup>115</sup> <<http://dev.eurac.edu:8081/MakeEldit1/Eldit.html>>

<sup>116</sup> SABATINI F., COLETTI V., *Dizionario italiano Sabatini Coletti*, Firenze, Giunti, 1997.

Esquema 1 – Classificação dos Dicionários segundo Duran (2004:92)



Tomando-se como base a tipologia de classificação de dicionários bilíngües acima, classificamos os dicionários bilíngües do *corpus* documental da seguinte forma:

Tabela 8 – Categorização dos dicionários bilíngues do *corpus* documental

	<b>Martins Fontes</b>	<b>Parola Chiave</b>	<b>Michaelis</b>
<b>Nº de Verbetes</b> <sup>117</sup>	82000	20000	28000
<b>Função do dicionário</b>	monofuncional decodificação	monofuncional decodificação	decodificação e codificação
<b>Público-alvo</b>	tradutores e professores	estudantes	estudantes
<b>Por língua materna</b>	não-recíproco	não-recíproco	não-recíproco
<b>Sistema</b>	semasiológico	semasiológico	semasiológico
<b>Tipo de dicionário</b>	bilíngue	semibilíngue	bilíngue
<b>Direcionalidade</b>	Unidirecional	Unidirecional	Bidirecional
<b>Apresentação</b>	Impresso	Impresso	Impresso e <i>on-line</i>
<b>Forma de concepção da obra</b>	Não informada	Derivada	Não informada

Incluímos na classificação dos dicionários o sistema de organização da nomenclatura e a apresentação.

Nota-se, na tabela, a heterogeneidade da tipologia dos dicionários do *corpus* documental. Mesmo entre os dois dicionários destinados aos aprendizes, observa-se uma notável variação nos itens de função, direcionalidade e tipo, principalmente. Este fato, de certo modo, dificulta a comparação do tratamento lexicográfico dedicado aos VPMs, entretanto, faz entrever nichos lexicográficos ainda não explorados comercialmente, como dicionários de produção ou para aprendizes intermediários e avançados.

Tendo sido feita a categorização dos dicionários componentes do *corpus* documental, podemos proceder, com mais clareza, ao conhecimento de como os VPMs são apresentados nessas obras.

<sup>117</sup> O número de verbetes refere-se ao número de entradas declaradas na introdução do dicionário. O número de significados ou acepções é comentado na análise de cada dicionário.

Primeiramente, porém, é relevante conhecer como os VPMs são apresentados em dicionários monolíngues italianos, na seção seguinte.

#### 4.3. OS VPMs EM DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES ITALIANOS

Nossa pesquisa parte do pressuposto de que a simples presença desta categoria verbal nos dicionários de língua já indicaria a importância dos VPMs e poderia auxiliar na sua compreensão por parte dos aprendizes de italiano. Na fase preliminar de nossa pesquisa, já constatamos que nem sempre isso ocorre.

Todavia, sabemos que o trabalho do lexicógrafo é, muitas vezes, semelhante ao do astrônomo, que só consegue observar a luz das estrelas no seu telescópio muito tempo após esta ter sido emitida pelos astros.

Apesar de ser difícil acompanhar a velocidade de surgimento de novas ULs e registrá-las em um dicionário, acreditamos que determinadas categorias muitas vezes são negligenciadas ou recebem um tratamento superficial nas obras lexicográficas.

A partir de uma constatação preliminar da pouca ou nula presença dos VPMs em dicionários mono e bilíngues, começamos a nos questionar sobre quais seriam os motivos que levariam os lexicógrafos a não inclui-los nos dicionários ou a dedicarem a eles informações pouco aprofundadas. Este fato decorreria de opções mercadológicas ou lexicográficas? Na hipótese de serem opções lexicográficas, seriam estas intencionais ou casuais?

Nossas leituras iniciais nos levaram a considerar a questão da identificação da UL como fator de partida nesse questionamento. Os VPMs poderiam ser considerados ULs autônomas passíveis de serem inseridos como entradas nos dicionários? Ou seriam considerados como uma espécie de “expressão idiomática” levando, assim, somente as expressões mais conhecidas envolvendo os VPMs (como o VPM *andarsene*, por exemplo) a serem registradas como subentradas ou nos exemplos?

Como forma de ilustrar as opções lexicográficas adotadas pelos elaboradores de dicionários monolíngues para usuários falantes de italiano como LM, analisamos a presença

dos 72 VPMs do *corpus* de análise nos dicionários monolíngues *De Mauro*<sup>118</sup>, *Garzanti* e *Sabatini Coletti*.

Com o resultado obtido, elaboramos a seguinte tabela, indicando a presença ou ausência de cada um dos 72 VPMs nos dicionários avaliados.

Tabela 9 – Tabela da presença de VPMs em dicionários monolíngues<sup>119</sup>

	VPM	De Mauro-Paravia	GRADIT	Garzanti <sup>120</sup>	Sabatini Coletti <sup>121</sup>
1.	andarsene	✓	✓	✓	✓
2.	approfittarsene	✓	✓	∅	∅
3.	avercela	✓	✓	∅	✓
4.	aversela	✓	✓	∅	✓
5.	aversene	✓	✓	∅	✓
6.	battersela	✓	✓	✓	✓
7.	bersela	✓	✓	∅	✓
8.	cavarsela	✓	✓	✓	✓
9.	cercarsela	✓	✓	∅	∅
10.	contarsela	✓	✓	∅	∅
11.	corrercene	✓	✓	✓	✓
12.	credersela	∅	✓	∅	∅
13.	darsela	✓	✓	✓	✓
14.	darsele	✓	✓	∅	✓
15.	dirsela	✓	✓	∅	∅
16.	dormirsela	✓	✓	✓	∅
17.	farcela	✓	✓	✓	✓
18.	farsela	✓	✓	✓	✓
19.	farsene	✓	✓	✓	∅
20.	filarsela	✓	✓	✓	✓
21.	fottersene	✓	✓	✓	✓

<sup>118</sup> Em vista da retirada da página da internet referente ao Dicionário De Mauro – Paravia, este foi substituído pela edição em papel do mesmo dicionário (que é mais ampla) e pelo dicionário *GRADIT* (2000), do mesmo autor.

<sup>119</sup> Garzanti e Sabatini Coletti: acesso em 16/01/2010

<sup>120</sup> <<http://garzantilinguistica.sapere.it>>.

<sup>121</sup> <[http://dizionari.corriere.it/dizionario\\_italiano/index.shtml](http://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/index.shtml)>

22.	fregarsene	✓	✓	✓	✓
23.	fumarsela	✓	✓	∅	∅
24.	giocarsela	✓	✓	∅	∅
25.	giostrarsela	✓	✓	∅	∅
26.	godersela	✓	✓	✓	✓
27.	guardarsene	✓	✓	∅	∅
28.	impiparsene	✓	✓	✓	✓
29.	infischarsene	✓	✓	✓	✓
30.	intendersela	✓	✓	✓	✓
31.	intendersene	✓	✓	∅	✓
32.	menarsela	✓	✓	∅	∅
33.	menarselo	✓	✓	∅	∅
34.	meritarsela	✓	✓	∅	∅
35.	morirsene	✓	✓	∅	∅
36.	passarsela	✓	✓	✓	✓
37.	pigliarsela	✓	✓	∅	∅
38.	prendersela	✓	✓	✓	✓
39.	riandarsene	∅	✓	∅	∅
40.	ridacchiarsela	∅	✓	∅	∅
41.	ridersela	✓	✓	✓	∅
42.	ridersene	✓	✓	∅	∅
43.	rifarsela	✓	✓	∅	∅
44.	rigirarsela	∅	✓	∅	∅
45.	riprendersela	∅	✓	∅	∅
46.	ritornarsene	✓	✓	✓	✓
47.	sbarcarsela	✓	✓	✓	∅
48.	sbattersene	✓	✓	✓	✓
49.	sbirbarsela	✓	✓	∅	∅
50.	sbolognarsela	✓	✓	✓	✓
51.	sbrigarsela	✓	✓	✓	✓
52.	sbroccolarsela	∅	✓	∅	∅
53.	sbrogliarsela	✓	✓	✓	✓
54.	sbucciarsela	✓	✓	✓	∅

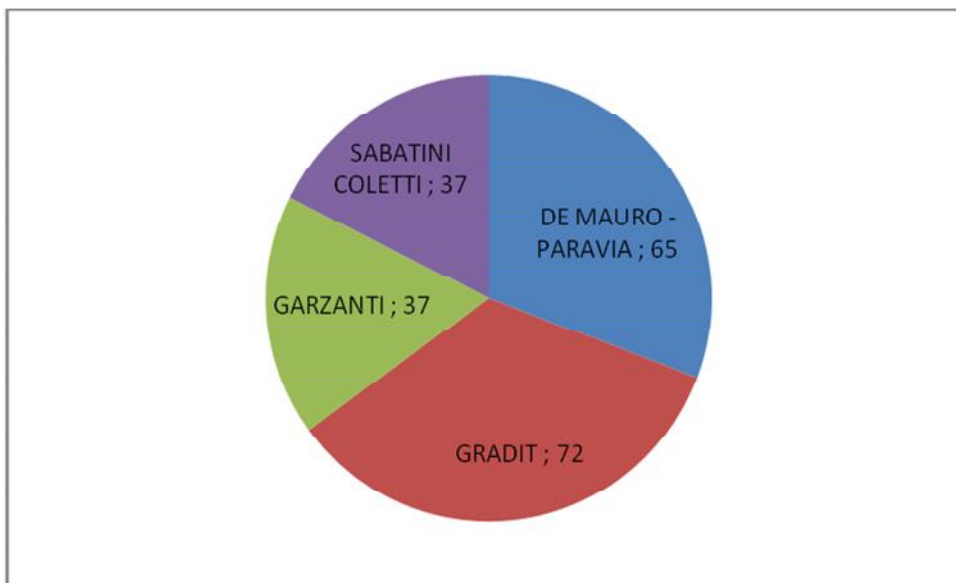


55.	scapolarsela	✓	✓	✓	✓
56.	scialarsela	∅	✓	∅	∅
57.	sentirsela	✓	✓	✓	✓
58.	sfangarsela	✓	✓	✓	✓
59.	spassarsela	✓	✓	✓	✓
60.	squagliarsela	✓	✓	✓	✓
61.	strabattersene	✓	✓	∅	∅
62.	strafottersene	✓	✓	✓	∅
63.	strafregarsene	✓	✓	∅	∅
64.	stropicciarsene	✓	✓	✓	∅
65.	suonarsele	✓	✓	∅	∅
66.	svignarsela	✓	✓	✓	✓
67.	tirarsela	✓	✓	∅	∅
68.	togliarsela	✓	✓	∅	∅
69.	tornarsene	✓	✓	∅	✓
70.	vedersela	✓	✓	✓	✓
71.	venirsene	✓	✓	✓	✓
72.	volercene	✓	✓	✓	✓

Legenda: ✓ = presente    ∅ = ausente

Como resultado da tabela acima, obtivemos o gráfico abaixo, que indica a quantidade dos VPMs presentes nos dicionários monolíngues italianos supracitados. Cabe ressaltar, porém, que é indicada somente a presença de cada VPM, isto é, a ocorrência do VPM independentemente da forma como é apresentado (entrada, subentrada, locuções, exemplos) e da quantidade de informações acerca deste no verbete (marcas e notas de uso, frequência, categoria gramatical, etc.).

Gráfico 7 – Presença de VPMs nos dicionários monolíngues italianos



Nosso objetivo, entretanto, é refletir não apenas sobre a quantidade em que os VPMs estão presentes em obras lexicográficas, mas, sobretudo sobre como as informações concernentes a eles são apresentadas nos dicionários, e em que medida tais informações podem beneficiar o aprendiz de língua italiana.

Assim sendo, primeiramente investigamos nos dicionários monolíngues supracitados informações acerca do registro, frequência, nível de apresentação da informação (entrada, subentrada, locução, exemplo) e quaisquer outras indicações que pudessem completar as informações acerca de cada um dos VPMs.

O resultado obtido encontra-se na tabela abaixo, que reflete a enorme heterogeneidade de informações referentes aos VPMs.

Tabela 10 – Tabela de informações lexicográficas sobre os VPMs em dicionários monolíngues

	VPM	DE MAURO/ PARAVIA		GRADIT		GARZANTI <sup>122</sup>	SABATINI COLETTI <sup>123</sup>
1.	andarsene	CO	eufem./ fig.	CO/OB	eufem.	eufem. <sup>124</sup>	fig. <sup>125</sup>
2.	approffittarsene	CO	—	CO <sup>126</sup>	—	∅	∅
3.	avercela	CO	—	CO	—	∅	loc. in senso prop. o fig.
4.	aversela	CO	—	CO	—	∅	loc. in senso prop. o fig
5.	aversene	CO	—	CO	—	∅	loc. in senso prop. o fig
6.	battersela	CO	colloq.	CO	colloq.	fam.	loc. in senso prop. o fig
7.	bersela	CO	—	CO	—	∅	figg.
8.	cavarsela	CO	—	CO	—	—	—
9.	cercarsela	CO	—	CO	—	∅	∅
10.	contarsela	CO	—	CO	—	∅	∅
11.	corrercene	CO	—	CO	—	fig.	fig.
12.	credersela	∅	∅	BU	—	∅	∅
13.	darsela	CO	gerg.	CO	gerg.	fam.	loc. in senso prop. o fig
14.	darsele	CO	rec.	CO	rec.	∅	loc. in senso prop. o fig
15.	dirsela	BU	scher.	BU	scherz.	∅	∅
16.	dormirsela	CO	—	CO	—	—	∅
17.	farcela	CO	—	CO	—	—	—
18.	farsela	CO	colloq./ fig.	CO	colloq./ fig.	fig. <sup>127</sup>	—
19.	farsene	CO/BU	colloq./ impers.	CO/BU	colloq./ impers.	—	∅
20.	filarsela	CO	—	CO	—	fam.	l.fam.
21.	fottersene	CO	volg.	CO	volg.	volg.	—

<sup>122</sup> Acesso em 17/01/2010

<sup>123</sup> Acesso em 17/01/2010

<sup>124</sup> No VPM *andarsene* consta somente uma indicação de eufemismo para a acepção de “morrer”.

<sup>125</sup> Somente para a acepção com o significado de *morire*.

<sup>126</sup> No caso de o VPM possuir mais de uma marca de uso nas diferentes acepções, mas esta for a mesma da primeira acepção, não repetiremos a indicação.

<sup>127</sup> Falta uma acepção: *avere a che fare con qualcuno, essere in rapporti con qualcuno*. A indicação de linguagem figurada serve apenas para a acepção de *farsela adosso, sotto, nei calzoni* com o significado de assustar-se.

22.	fregarsene	CO	pop.	CO	pop.	pop. volg.	pop.
23.	fumarsela	BU	gerg.	BU	gerg.	Ø	Ø
24.	giocarsela	CO	—	CO	—	Ø	Ø
25.	giostrarsela	CO	—	CO	—	Ø	Ø
26.	godersela	CO	—	CO	—	—	—
27.	guardarsene	CO	—	CO	—	Ø	Ø
28.	impiparsene	CO	—	CO	—	fam.	fam.
29.	infischarsene	CO	colloq.	CO	colloq.	fam.	fam.
30.	intendersela	CO	—	CO	—	fam.	—
31.	intendersene	CO	—	CO	—	Ø	—
32.	menarsela	CO	colloq.	CO	colloq.	Ø	Ø
33.	menarselo	CO	volg./ colloq	CO	volg./ colloq	Ø	Ø
34.	meritarsela	CO	—	CO	—	Ø	Ø
35.	morirsene	CO	—	CO	—	Ø	Ø
36.	passarsela	CO	—	CO	—	fig. fam.	fig.
37.	pigliarsela	CO	—	CO	—	Ø	Ø
38.	prendersela	CO	—	CO	volg. <sup>128</sup>	—	loc. in senso prop. o fig
39.	riandarsene	Ø	Ø	CO	—	Ø	Ø
40.	ridacchiarsela	Ø	Ø	BU	—	Ø	Ø
41.	ridersela	CO	—	CO	—	—	Ø
42.	ridersene	BU	—	BU	—	Ø	Ø
43.	rifarsela	CO	pop.	CO	pop.	Ø	Ø
44.	rigirarsela	Ø	Ø	CO	colloq.	Ø	Ø
45.	riprendersela	Ø	Ø	BU	—	Ø	Ø
46.	ritornarsene	CO	—	CO	—	ant. lett.	—
47.	sbarcarsela	CO	—	CO	—	—	Ø
48.	sbattersene	CO	volg.	CO	volg.	fig.	volg.
49.	sbirbarsela	RE	tosc.	RE	tosc.	Ø	Ø
50.	sbolognarsela	BU	fam.	BU	fam.	—	fam.
51.	sbrigarsela	CO	—	CO	—	—	—
52.	sbroccolarsela	Ø	Ø	RE	roman.	Ø	Ø
53.	sbrogliarsela	CO	—	CO	—	—	—
54.	sbucciarsela	BU	—	BU	—	fam.	Ø
55.	scapolarsela	CO	—	CO	—	—	—
56.	scialarsela	Ø	Ø	CO	—	Ø	Ø

<sup>128</sup> Somente para a locução *prendersela nel culo*.

57.	sentirsela	CO	—	CO	—	—	—
58.	sfangarsela	BU	gerg.	BU	gerg.	fig. fam.	l.fam.
59.	spassarsela	CO	—	CO	—	—	—
60.	squagliarsela	CO	colloq.	CO	colloq.	fig. fam.	senso fig.
61.	strabattersene	CO	volg.	CO	volg.	Ø	Ø
62.	strafottersene	CO	volg.	CO	volg.	volg.	Ø
63.	strafregarsene	CO	—	CO	—	Ø	Ø
64.	stropicciarsene	CO	pop.	CO	pop.	pop.	Ø
65.	suonarsele	CO	rec.	CO	rec.	Ø	Ø
66.	svignarsela	CO	—	CO	—	—	—
67.	tirarsela	CO	—	CO	—	Ø	Ø
68.	togliarsela	CO	—	CO	—	Ø	Ø
69.	tornarsene	CO	colloq.	CO	colloq.	Ø	—
70.	vedersela	CO	—	CO	—	—	Ø
71.	venirsene	CO	pop. <sup>129</sup>	CO	pop.	—	—
72.	volercene	CO	—	CO	—	—	—

Legenda: (—) = VPM presente no dicionário, mas não há marca de uso  
(Ø) = VPM ausente no dicionário

Em termos de quantidade, os dicionários que apresentam mais informações lexicográficas sobre os VPMs são aqueles coordenados por De Mauro. O *Garzanti* e o *Sabatini – Coletti* apresentam o mesmo número de informações sobre os VPMs, sem considerar o tipo de informação fornecida (diferentes marcas de uso para um mesmo VPM ou um dicionário apresenta marca para um dado VPM, mas o outro dicionário não, por exemplo).

Dada a grande heterogeneidade do tipo de informação fornecida, faz-se necessária a explicação das diversas abreviaturas (as quais mantivemos no original), além da explanação de outras questões referentes à variada apresentação lexicográfica dos VPMs nos dicionários.

Inicialmente, é relevante observar que os VPMs configuram entradas quase que exclusivamente nos dicionários De Mauro – Paravia e *GRADIT*. Nos dois outros dicionários analisados, são raras as apresentações de tais verbos como entrada<sup>130</sup>.

<sup>129</sup> Somente para a acepção 3, *avere un orgasmo*.

<sup>130</sup> A informação sobre quais verbos compõem entrada nos dicionários monolíngues e bilingues será apresentada adiante.

Muitas das informações apresentadas são referentes a informações concernentes ao uso, seja em relação ao tempo, ao espaço, aos níveis de língua e ao tipo de discurso, seja em relação à frequência de uso. Agrupamos essas informações sob o nome de marcas de uso.

Nos dicionários organizados por De Mauro, existe uma série de marcas compostas por duas letras maiúsculas que indicam a frequência de uso. Tais marcas podem estar presentes nas entradas, nas locuções e em cada acepção. São elas:

FO – fundamental. Vocábulo de altíssima frequência, constituindo 90% das ocorrências lexicais do conjunto de todos os textos escritos ou discursos orais.

AU – de alto uso. Vocábulo de alta frequência, cuja ocorrência representa 6% das ocorrências lexicais.

AD – de alta disponibilidade. Vocábulo relativamente raros na fala e na escrita, mas todos muito conhecidos porque são ligados a atos e objetos de grande importância na vida cotidiana.

CO – comum. Vocábulo usados e compreendidos independentemente da profissão exercida ou da região, geralmente conhecidos por qualquer pessoa que tenha um nível médio ou superior de instrução.

TS – linguagem de área técnica ou setorial. Vocábulo ligados a determinadas atividades, tecnologia, ou da área científica.

LE – de uso literário. Usados em textos canônicos da área da literatura.

RE – regional. Vocábulo usados principalmente em uma das variantes regionais do italiano.

DI – dialetal. Vocábulo marcadamente dialetais.

ES – Estrangeirismos. Vocábulo estrangeiros não adaptados fonética ou morfológicamente à língua italiana.

BU – de baixo uso. Vocábulo raros, mas que ainda apresentam certa frequência em textos e expressões orais do século XX.

OB – obsoleto. Vocábulo obsoletos, mas ainda presentes em grandes dicionários da língua italiana.

Há também, ao início de cada acepção, indicações de registro (*scher.*, *iron.*, etc.) ou outras especificações necessárias (*fig.*, *estens.*, *ster.*, etc.).

As informações sobre o significado dessas indicações são apresentadas na seção de abreviações que consta na introdução do *GRADIT*, na página XLIII. Apresentaremos aqui apenas as que constam na tabela 10, já traduzidas:

- a) *eufem.* - eufemístico
- b) *fig.* - figurado
- c) *gerg.* - gíriresco
- d) *rec.* - recíproco
- e) *colloq.* - coloquial
- f) *scherz.* - jocoso
- g) *impers.* - impessoal
- h) *volg.* - vulgar
- i) *pop.* - popular
- j) *tosc.* - toscano
- k) *fam.* – familiar
- l) *roman.* - romanesco

No *Dizionario Garzanti on-line* não há indicação do significado das abreviaturas. Deste modo, deduzimos o significado das abreviaturas relativas aos VPMs nesse dicionário utilizando as informações encontradas no *GRADIT*. Apresentamos, novamente, as abreviaturas já traduzidas:

- a) *fam.* - familiar
- b) *fig.* - figurado
- c) *eufem.* - eufemístico
- d) *ant.* - antigo
- e) *lett.* - literário
- f) *pop.* - popular

O mesmo ocorreu com o *Dizionario Sabatini – Coletti*, no qual foram encontradas as seguintes abreviaturas, todas com significado deduzido, que aqui transcrevemos também já traduzidas:

- a) *fig.* - linguagem figurada
- b) *loc. in senso prop. o fig.* - locução com significado próprio ou figurado
- c) *figg.* - figurativo
- d) *l.fam.* - linguagem familiar
- e) *pop.* - popular
- f) *fam.* - familiar
- g) *volg.* - vulgar
- h) *senso fig.* - sentido figurado

Como já afirmamos anteriormente, a pesquisa da apresentação dos VPMs em dicionários monolíngues serve para que tenhamos, de algum modo, um parâmetro ou controle para a avaliação da forma de apresentação dos VPMs em dicionários bilíngues. Temos consciência, contudo, de que não há uma apresentação lexicográfica modelo para os VPMs, mesmo em dicionários monolíngues, e o reflexo disso é a grande diversidade de informações que encontramos.

A seguir, procederemos a um dos pontos fundamentais da nossa pesquisa, a análise da apresentação dos VPMs nos dicionários bilíngues do *corpus* documental.

#### 4.4. OS VPMs NOS DICIONÁRIOS BILÍNGUES DO *CORPUS*

Inicialmente verificamos nos dicionários bilíngues do *corpus* documental a simples presença ou ausência dos 72 VPMs do *corpus* de análise, independentemente da forma como constavam no verbete, ou seja, como entrada, subentrada, locuções ou exemplos.

Obtivemos como resultado dessa averiguação inicial a seguinte tabela:

Tabela 11 – Tabela da presença dos VPMs nos dicionários bilíngues do *corpus* documental

	VPM	Martins Fontes	Parola Chiave	<i>Michaelis</i>
1.	andarsene	✓	✓	✓
2.	approfitarsene	∅	∅	∅
3.	avercela	✓	✓	✓
4.	aversela	✓	∅	∅



5.	aversene	✓	∅	∅
6.	battersela	✓	∅	✓
7.	bersela	∅	∅	∅
8.	cavarsela	✓	✓	✓
9.	cercarsela	✓	∅	∅
10.	contarsela	✓	∅	∅
11.	corrercene	✓	✓	∅
12.	credersela	∅	∅	∅
13.	darsela	✓	✓	∅
14.	darsele	∅	✓	∅
15.	dirsela	✓	∅	∅
16.	dormirsela	✓	∅	∅
17.	farcela	∅	✓	∅
18.	farsela	✓	∅	∅
19.	farsene	∅	∅	∅
20.	filarsela	✓	✓	∅
21.	fottersene	✓	∅	∅
22.	fregarsene	✓	✓	∅
23.	fumarsela	✓	∅	∅
24.	giocarsela	✓	∅	∅
25.	giostrarsela	∅	∅	∅
26.	godersela	✓	✓	∅
27.	guardarsene	∅	∅	∅
28.	impiparsene	∅	∅	∅
29.	infischiarsene	✓	✓	∅
30.	intendersela	✓	∅	✓
31.	intendersene	∅	✓	∅
32.	menarsela	∅	∅	∅
33.	menarselo	∅	∅	∅
34.	meritarsela	✓	∅	∅
35.	morirsene	∅	∅	∅
36.	passarsela	✓	∅	✓
37.	pigliarsela	∅	∅	∅

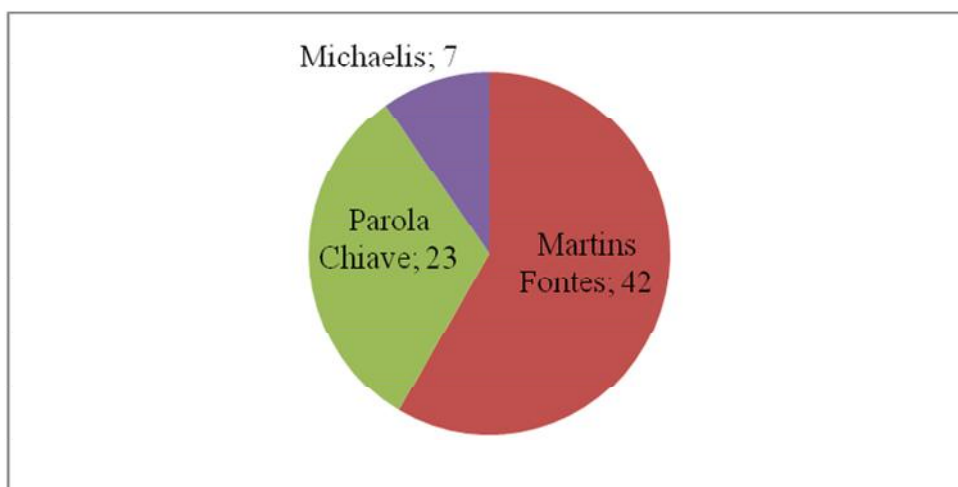
38.	prendersela	✓	✓	∅
39.	riandarsene	∅	∅	∅
40.	ridacchiarsela	∅	∅	∅
41.	ridersela	✓	∅	∅
42.	ridersene	∅	✓	✓
43.	rifarsela	∅	∅	∅
44.	rigirarsela	∅	∅	∅
45.	riprendersela	∅	∅	∅
46.	ritornarsene	∅	∅	∅
47.	sbarcarsela	✓	∅	∅
48.	sbattersene	✓	✓	∅
49.	sbirbarsela	∅	∅	∅
50.	sbolognarsela	✓	∅	∅
51.	sbrigarsela	✓	✓	∅
52.	sbroccolarsela	∅	∅	∅
53.	sbrogliarsela	∅	✓	∅
54.	sbucciarsela	✓	∅	∅
55.	scapolarsela	∅	∅	∅
56.	scialarsela	∅	∅	∅
57.	sentirsela	✓	✓	∅
58.	sfangarsela	✓	∅	∅
59.	spassarsela	✓	✓	∅
60.	squagliarsela	✓	✓	∅
61.	strabattersene	✓	∅	∅
62.	strafottersene	✓	∅	∅
63.	strafregarsene	✓	∅	∅
64.	stropicciarsene	✓	∅	∅
65.	suonarsele	∅	∅	∅
66.	svignarsela	✓	✓	∅
67.	tirarsela	∅	∅	∅
68.	togliarsela	✓	∅	∅
69.	tornarsene	∅	∅	∅
70.	vedersela	✓	✓	∅

71.	venirsene	✓	✓	∅
72.	volercene	∅	∅	∅

Legenda: ✓ = presente    ∅ = ausente

Com os dados da tabela acima, obtivemos o gráfico abaixo, que mostra a quantidade de VPMs presentes por dicionário bilíngue:

Gráfico 8 – Quantidade de VPMs nos dicionários bilíngues do *corpus* documental



Dentre os 72 VPMs do *corpus* de análise, 47 foram encontrados nos dicionários bilíngues do *corpus* documental. O dicionário MF é aquele que mais apresenta VPMs (42), seguido do PC (23) e por último pelo MI (07). É relevante lembrar que o MF não tem como público-alvo os aprendizes de italiano, enquanto que o PC e o MI declaram na introdução que seu público-alvo são os aprendizes.

A seguir, analisamos as informações sobre os 72 VPMs nos verbetes dos dicionários bilíngues do *corpus* documental. Procedemos usando a mesma metodologia utilizada anteriormente na análise dos VPMs em dicionários monolíngues, agrupando as informações encontradas sob o nome de marcas de uso.

Tabela 12 – Tabela de informações lexicográficas sobre os VPMs em dicionários bilíngues do *corpus* documental

	VPM	MARTINS FONTES	PAROLA CHIAVE	<i>MICHAELIS</i>
1.	andarsene	—	—	pop. <sup>131</sup>
2.	approffittarsene	∅	∅	∅
3.	avercela	—	—	—
4.	aversela	—	∅	∅
5.	aversene	—	∅	∅
6.	battersela	fig.	∅	fam.
7.	bersela	∅	∅	∅
8.	cavarsela	—	—	pop.
9.	cercarsela	—	∅	∅
10.	contarsela	∅	∅	∅
11.	corrercene	—	—	∅
12.	credersela	∅	∅	∅
13.	darsela	—	—	∅
14.	darsele	∅	—	∅
15.	dirsela	—	∅	∅
16.	dormirsela	—	∅	∅
17.	farcela	∅	—	∅
18.	farsela	—	∅	—
19.	farsene	∅	∅	∅
20.	filarsela	fam.	—	∅
21.	fottersene	fig./pop.	∅	∅
22.	fregarsene	fig./volg.	—	∅
23.	fumarsela	fig./ant.	∅	∅
24.	giocarsela	—	∅	∅
25.	giostrarsela	∅	∅	∅
26.	godersela	—	—	∅
27.	guardarsene	∅	∅	∅
28.	impiparsene	∅	∅	∅
29.	infischarsene	pop.	—	∅
30.	intendersela	fam.	∅	—
31.	intendersene	∅	—	∅

<sup>131</sup> Apenas para a tradução da interjeição *vattene!*

32.	menarsela	Ø	Ø	Ø
33.	menarselo	Ø	Ø	Ø
34.	meritarsela	—	Ø	Ø
35.	morirsene	Ø	Ø	Ø
36.	passarsela	—	Ø	—
37.	pigliarsela	Ø	Ø	Ø
38.	prenderse	—	—	Ø
39.	riandarsene	Ø	Ø	Ø
40.	ridacchiarsela	Ø	Ø	Ø
41.	ridersela	—	Ø	Ø
42.	ridersene	Ø	—	—
43.	rifarsela	Ø	Ø	Ø
44.	rigirarsela	Ø	Ø	Ø
45.	riprenderse	Ø	Ø	Ø
46.	ritornarsene	Ø	Ø	Ø
47.	sbarcarsela	fig.	Ø	Ø
48.	sbattersene	pop.	—	Ø
49.	sbirbarsela	Ø	Ø	Ø
50.	sbolognarsela	fam.	Ø	Ø
51.	sbrigarsela	—	—	Ø
52.	sbroccolarsela	Ø	Ø	Ø
53.	sbrogliarsela	Ø	Ø	Ø
54.	sbucciarsela	fam.	Ø	Ø
55.	scapolarsela	Ø	Ø	Ø
56.	scialarsela	Ø	Ø	Ø
57.	sentirsela	—	—	Ø
58.	sfangarsela	fig. fam.	Ø	Ø
59.	spassarsela	—	—	Ø
60.	squagliarsela	fig. fam.	—	Ø
61.	strabattersene	volg.	Ø	Ø
62.	strafottersene	volg.	Ø	Ø
63.	strafegarsene	—	Ø	Ø
64.	stropicciarsene	fam.	Ø	Ø
65.	suonarsele	Ø	Ø	Ø
66.	svignarsela	pop.	—	Ø
67.	tirarsela	Ø	Ø	Ø
68.	togliarsela	—	Ø	Ø
69.	tornarsene	Ø	Ø	Ø

70.	vedersela	∅	∅	∅
71.	venirsene	—	—	∅
72.	volercene	∅	∅	∅

Legenda: (—) O VPM está presente no dicionário, mas não há marca de uso.

(∅) O VPM não está presente no dicionário.

Dentre os 47 VPMs encontrados, somente 19 apresentam alguma informação lexicográfica que não o significado, considerando sempre o total de 72 VPMs do *corpus* de análise.

Constatamos, novamente, que o dicionário MF é aquele que apresenta mais informações sobre os VPMs nos verbetes (17), seguido, desta vez, pelo MI (3). No PC não há nenhuma menção a marcas de uso relacionadas aos VPMs nos verbetes.

No MF, as abreviações e suas respectivas definições são em italiano. Reproduzimos aqui somente aquelas que constam na tabela 12. São elas, já traduzidas:

- a) *fig.* - figurado
- b) *fam.* - familiar
- c) *pop.* - popular
- d) *volg.* - vulgar
- e) *ant.* - antigo

No MI, as abreviações são apresentadas misturadas, em italiano e português, juntas em uma mesma lista e a definição respectiva na língua da abreviatura. Isto ocorre devido ao fato de o MI ser um dicionário bidirecional. Na tabela 12, encontramos as seguintes abreviações:

- a) *pop.* - linguagem popular
- b) *fam.* - linguagem familiar

Verificamos, por conseguinte, a partir dos dados acima, que a presença de VPMs, assim como outras informações lexicográficas concernentes a eles, ainda são em número reduzido nos dicionários bilíngues do *corpus*.

Estes resultados instigam a reflexão acerca do motivo pelo qual a presença dos VPMs e a quantidade de informações lexicográficas sobre eles é diretamente proporcional ao nível de conhecimento da língua apresentado pelo usuário elegido como público-alvo. Mais informações a respeito desta categoria verbal não seriam mais úteis, justamente, aos aprendizes? Podemos mencionar questões como a ainda relativa “invisibilidade” lexicográfica dos VPMs, mesmo em dicionários monolíngues, ou a possível crença, por parte de lexicógrafos e de muitos professores, de que esta categoria verbal não é frequente na língua italiana ou que não deve ser apresentada a aprendizes iniciantes. Não discordamos do fato de as marcas de uso serem mais numerosas no MF, dicionário destinado a tradutores e outros profissionais que lidam com a língua italiana, todavia, acreditamos que este tipo de informação deveria também ser disponibilizada nos dicionários para aprendizes, que poderiam contar com mais dados sobre os VPMs e aumentar o seu conhecimento sobre tais verbos.

Cumpramos observar que apenas o VPM *strabattersene* (MF), *strafregarsene* (MF) e *svignarsela* (MF e PC) figuram como entradas nos dicionários bilíngues do *corpus*. *Infischarsene* aparece sob a entrada *infischarsi* (MF e PC), *intendersene* aparece sob *intendersi* (no PC), *spassarsela* sob *spassarsi* (no PC), *squagliarsela* sob *squagliarsi* (no PC).

É interessante o caso do VPM *volersela*, que não consta do *GRADIT* (tema já levantado por Viviani<sup>132</sup>), mas que está presente tanto no MF quanto no PC. No primeiro dicionário, o VPM figura como “*se l’è voluta*, a culpa é sua/dele” e no PC como “*se l’è voluta*, ele mereceu” e também como sinônimo de *meritarsela*, que, entretanto, não consta no PC.

Para podermos ter uma diretriz na avaliação da presença de VPMs em dicionários bilíngues, tomamos como exemplo os *phrasal verbs* da língua inglesa. Em um estudo apresentado no Congresso da ABPI de 2009<sup>133</sup>, desenvolvemos uma análise lexicográfica comparativa entre os VPMs e os *phrasal verbs*, visto que Simone (1996) compara os *verbi sintagmatici* a esta categoria verbal da língua inglesa. Explanamos este tema na seção seguinte.

---

<sup>132</sup> Viviani (2006:293).

<sup>133</sup> SANTOS, R.D. *Verbi sintagmatici versus phrasal verbs*: uma análise comparativa dos tratamentos lexicográficos em dicionários bilíngues.

#### 4.5. OS VPMs E OS PHRASAL VERBS: ANÁLISE LEXICOGRÁFICA COMPARADA EM DICIONÁRIOS BILÍNGUES – UM MODELO A SEGUIR?

Retomando a comparação dos *verbi sintagmatici* (e dentre eles os VPMs) com os *phrasal verbs*, encontramos no *Cambridge Advanced Learner's Dictionary*<sup>134</sup> a definição de *phrasal verb* como:

*a phrase which consists of a verb in combination with a preposition or adverb or both, the meaning of which is different from the meaning of its separate parts. 'Look after', 'work out' and 'make up for' are all phrasal verbs.*<sup>135</sup>

Assim, verificamos que os *phrasal verbs* e os VPMs, como uma subclasse dos *verbi sintagmatici*, possuem características em comum: são verbos combinados com uma partícula (que pode ser um advérbio ou uma preposição, ou ambos) onde o significado do todo é diferente da soma dos significados de cada parte separadamente.

De fato, o próprio Simone (1996:49) compara os *verbi sintagmatici* com os *phrasal verbs* no trabalho já citado.

Il termine con cui designo questa classe di verbi, Verbi Sintagmatici, é ovviamente un calco dell'inglese *phrasal verbs*<sup>136</sup>. Adopero questo termine perché i VS italiani formano (come cercherò di mostrare) una classe molto prossima ai *phrasal verbs* inglesi. Tanto per dare un esempio di questa analogia profonda, anche per definire i VS italiani possiamo adottare i criteri tipici per l'identificazione dei *phrasal verbs* inglesi (Quirk *et al.* 1972: SI 1 ss.): (a) i VS hanno una coesione e una coerenza particolari, e non possono quindi essere ridotti a pure sommatorie di costituenti. In aggiunta (b) si collocano in una zona grigia tra morfologia e lessico: non pare che si possa formulare una regola morfologica (ad esempio di formazione di parola) per generarli.<sup>137</sup>

<sup>134</sup> <http://dictionary.cambridge.org/dictionary/british/phrasal-verb>

<sup>135</sup> “uma frase composta de um verbo em combinação com uma preposição ou advérbio ou ambos, cujo significado é diferente do significado de suas partes separadas. ‘Look after’, ‘work out’ e ‘make up for’ são todos *phrasal verbs*.” (tradução nossa)

<sup>136</sup> Grifo nosso.

<sup>137</sup> “O termo com o qual eu designo esta classe de verbos, Verbos Sintagmáticos é, obviamente, um decalque do *phrasal verb* inglês. Utilizo este termo porque os VS italianos formam (como tentarei demonstrar) uma classe muito próxima dos *phrasal verbs* ingleses. Tanto para dar um exemplo desta analogia profunda quanto para definir os VS italianos, podemos adotar os critérios típicos para a identificação dos *phrasal verbs* do inglês (Quirk *et al.* 1972: 811 ss.): (a) os VS têm uma coesão e uma coerência particulares, e não podem, portanto, ser reduzidos a meras somas dos constituintes. Além disso, (b) situam-se em uma zona cinzenta entre a morfologia e o léxico: não parece ser possível formular uma regra morfológica (de formação de palavras, por exemplo) para gerá-los.” (tradução nossa).



Em nosso trabalho supracitado, analisamos os tratamentos lexicográficos dos VPMs *farcela* e *avercela*, dois VPMs de alta ocorrência no motor de pesquisas *Google* e de relativa opacidade semântica. Os *phrasal verbs* analisados foram *carry on* e *make out*.

Os dicionários bilíngues analisados foram os mesmos que compõem o *corpus* documental desta dissertação, ao passo que os dicionários de inglês foram os seguintes:

- a) **Michaelis** *Dicionário Escolar Inglês e Português* – Ivanete Tosi Araújo Silva *et al.* – Editora Melhoramentos – 2007.
- b) **Password** *English dictionary for speakers of portuguese*. – Lionel Kernerman Martins Fontes – 1998.
- c) **Longman** *Dicionário escolar inglês-português / português-inglês* – Rita de Cássia Marinho Bueno de Abreu *et al* – Harlow – 2002.

Na análise da microestrutura dos verbetes, foram examinados os seguintes aspectos, para os dois tipos de verbos: presença do verbo como entrada ou subentrada, presença de definição, presença de exemplos, presença de nota ou marca de uso, presença de indicação de categoria gramatical, indicação de conjugação.

Verificamos que, de modo geral, o VPM *farcela* não consta nos verbetes como entrada ou subentrada, mas como locução. Para tal VPM não são indicados exemplos, notas ou marcas de uso ou conjugação.

O VPM *avercela* consta como locução (*avercela con qualcuno*), cuja definição é apresentada em italiano (no PC), apresenta equivalentes, mas não exemplos nem indicação de categoria gramatical, notas ou marcas de uso ou indicação de conjugação.

De maneira geral, o *phrasal verb carry on* é apresentado como entrada, com equivalente, um exemplo em inglês e a respectiva tradução. Apresenta também locuções (*carry on something*), indicação de categoria gramatical (*phrasal verb*), definição do tipo paráfrase, sem nota ou marca de uso. A indicação de conjugação é apresentada ao lado da entrada do verbo principal *carry*, com a notação da terceira pessoa e da forma do participio.

O *phrasal verb make out* é apresentado, juntamente com outros *phrasal verbs*, após a última acepção numerada do verbo *to make*. Grafada em negrito, apresenta duas acepções (a e b), ambas com definição por meio de paráfrase, exemplos em inglês e suas respectivas

traduções. Há indicação gramatical própria como *phrasal verb* e do verbo *to make* (transitivo e intransitivo) e indicação do particípio passado. Não há nota ou marca de uso em dois dicionários (*Password* e *Michaelis*) e indicação de marca de uso (informal) no *Longman*. Há ainda mais duas acepções para uma expressão derivada de *make out*, *make sth/sbd out*, com igual tratamento lexicográfico.

Neste nosso pequeno experimento, concluímos que o tratamento lexicográfico é mais acurado em relação aos *phrasal verbs* do que em relação aos VPMs nos dicionários analisados.

Dentre os dicionários utilizados na pesquisa, destacou-se o *Longman Dicionário Escolar inglês – português*, por apresentar características lexicográficas em relação à macro e à microestrutura que parecem ser altamente favoráveis a usuários aprendizes de inglês LE. De fato, Welker (2008:293) após analisar as características deste dicionário, baseando-se também no estudo de Humblé (2006), considera-o “um bom dicionário bilíngue para aprendizes”. Humblé o considera (2006:264) um dos “mais pedagógicos”.

Os resultados de nossa pesquisa e a avaliação positiva do dicionário *Longman* instigaram a reflexão sobre as opções lexicográficas adotadas por este dicionário, especialmente em relação aos *phrasal verbs*, e se ele seria um modelo a seguir.

No próximo capítulo, trataremos sobre a Lexicografia Pedagógica bilíngue, suas definições e características, e sobre como os dicionários para aprendizes podem apresentar opções lexicográficas que contemplem, em maior ou menor grau, seu público-alvo, além de explorar tais opções em relação aos VPMs.

## 5. A LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA BILÍNGUE E OS VPMs

*Para ser lexicógrafo hay que tener una veta de locura idealista, porque la foto del lenguaje es imposible hacerla.*

Manuel Seco

Nesse capítulo procuramos caracterizar a Lexicografia Pedagógica bilíngue e refletir sobre o papel do dicionário no ensino/aprendizado de LE. Ao elaborarmos um modelo de verbete para os VPMs, procuramos, contemporaneamente, investigar quais estratégias e opções lexicográficas contemplariam de forma mais propícia os aprendizes de italiano de LM português-brasileiro.

### 5.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA BILÍNGUE

Muito se tem discutido, nos últimos tempos, sobre o caráter pedagógico dos dicionários e o seu papel no ensino e aprendizado de um idioma, seja como LM, L2 ou LE.

Marello (1989) considera que todos os dicionários, independente do tipo, são dicionários pedagógicos, já que se atribui ao lexicógrafo o poder de registro a respeito do significado, do uso e do funcionamento de uma UL e que o dicionário “normal” não pode ser caracterizado como “não pedagógico”, mas sim como “menos pedagógico”.

Neste sentido, consideramos importante ressaltar o caráter pedagógico, maior ou menor, de todos os dicionários do *corpus* documental que compõem a nossa pesquisa, mesmo dos dicionários que não têm na sua apresentação ou introdução a declaração de terem como público-alvo os aprendizes. O dicionário “mais completo” do *corpus* tem como público-alvo os tradutores e profissionais que lidam com a língua italiana em nível profissional, mas é adquirido pelos aprendizes que querem um dicionário completo desde o início, considerando-o “um bom investimento” ou, às vezes, é adquirido mais tarde, quando o aprendiz se considera em um nível mais avançado de proficiência da língua. Influenciando este fato, ressaltamos também que a variedade e as opções de aquisição de dicionários bilíngues italiano

– português ainda são restritas no Brasil e vários nichos ainda não foram preenchidos, como já mencionamos.

Welker, porém, não concorda com o ponto de vista que atribui caráter pedagógico a todos os dicionários. A esse respeito, o autor afirma:

Discordo daqueles que afirmaram que todo dicionário é essencialmente didático [...]. Os dicionários são obras de referência que dão certas informações sobre itens lexicais, não sendo necessariamente didáticos, da mesma maneira que não são considerados didáticos outros veículos de informações, como, por exemplo, jornais ou listas telefônicas. Dicionários podem ser tidos como didáticos somente quando oferecem suas informações de modo didático. [...] <sup>138</sup>

O que tornaria, então, um dicionário “completamente pedagógico”? O divisor de águas parece ter acontecido quando os lexicógrafos perceberam que os dicionários deveriam ser pensados, planejados e projetados procurando oferecer o maior número possível de características específicas que favorecessem a um determinado público-alvo, isto é, um tipo específico de usuário. Tais características, porém, devem derivar de estudos e reflexões sobre o tema, e não apenas de suposições, por parte dos elaboradores e editores de dicionários, sobre o que pode ser benéfico para o usuário aprendiz de língua. (DURAN, 2008: 82-83)

Welker afirma, ainda, que os dicionários pedagógicos se destacam pela preocupação com o usuário, pela tentativa de facilitar a leitura e de oferecer informações sobre o que o aprendiz realmente precisa de forma mais clara possível. Deste modo, deveriam existir vários dicionários pedagógicos para uma determinada língua, já que existem variáveis a serem consideradas, tais como a idade, a competência linguística e as finalidades do dicionário. (WELKER, 2007)

As necessidades e exigências dos usuários parecem ser mais bem satisfeitas se o lexicógrafo tem experiência relacionada a estes problemas, isto é, se de alguma maneira ele pode presenciar ou atestar de forma prática os problemas ou necessidades de um determinado público-alvo em relação ao uso de um tipo específico de dicionário.

Esta questão pode ser exemplificada e comprovada quando pensamos nos professores de LE que propõem, ou permitem aos seus alunos, o uso do dicionário bilíngue, e deste modo

---

<sup>138</sup> Disponível em <[http://vsites.unb.br/il/let/welker/LP/biblio\\_lexped\\_introd](http://vsites.unb.br/il/let/welker/LP/biblio_lexped_introd)> (Acesso em 20/11/2010).

podem verificar quantas e quais são as dificuldades que os aprendizes apresentam em relação às opções lexicográficas adotadas nos dicionários utilizados.

A partir dessa mudança de perspectiva, foram desenvolvidas novas estratégias que acabaram por mudar o paradigma lexicográfico em relação a várias características, tais como a composição e disposição da macro e da microestrutura, da definição, dos equivalentes, da exemplificação e das notas de uso, entre outros.

Antes de adentrar no campo específico da Lexicografia Pedagógica bilíngue, conceituemos, primeiramente, a Lexicografia Pedagógica. Tarp (2008) conceitua o dicionário de aprendizagem:

Un diccionario de aprendizaje es un diccionario cuyo objetivo genuino es el de satisfacer las necesidades de información lexicograficamente relevantes que tengan los estudiantes en una serie de situaciones extra-lexicograficas durante el proceso de aprendizaje de una lengua extranjera. (TARP 2008 [apud TARP: 2006])<sup>139</sup>

Já Hartmann e James (1998 [apud WELKER, 2008])<sup>140</sup>, no verbete “dicionário pedagógico”, afirmam que é “toda obra elaborada especialmente para as necessidades didáticas práticas de professores e alunos de determinada língua”.

É importante notar que os autores não fazem distinção entre os dicionários para aprendizes da língua materna ou de uma língua estrangeira. É relevante o fato de que esta definição abrange também as necessidades dos professores, fator determinante para a questão dos VPMs, já que muitas vezes a dificuldade de abordagem destes verbos é pressentida primeiramente pelos professores que frequentemente evitam o seu uso e ensino, e apenas secundariamente pelos aprendizes, quando, de forma eventual ou programada, entram em contato com os VPMs.

A Lexicografia Pedagógica bilíngue se ocupa, portanto, da elaboração e análise de dicionários bilíngues e que “levam em conta as necessidades linguísticas e habilidades (e, portanto, também as dificuldades) dos aprendizes de línguas.” (WELKER, 2008:21)

---

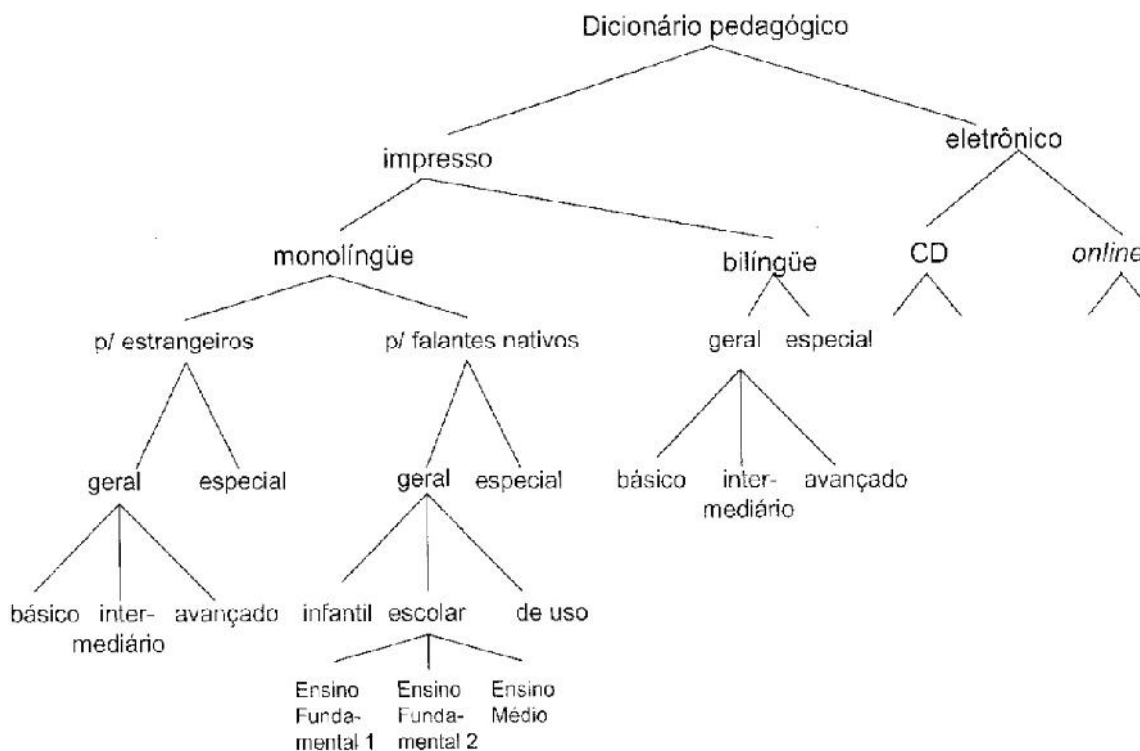
<sup>139</sup> TARP, Sven. *Leksikografien i grænselandet mellem viden og ikke-viden. Generel leksikografisk teori med særlig henblik på lærerleksikografi*. Tesis doctoral. Aarhus: Centre for Lexicography. 2006. “Um dicionário de aprendizagem é um dicionário cujo objetivo genuíno é satisfazer as necessidades de informação lexicograficamente relevantes que os estudantes possam ter em uma série de situações extra lexicográficas durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.” (tradução nossa)

<sup>140</sup> HARTMANN, R.R.K. & JAMES, G. *Dictionary of Lexicography*. London: Routledge, 1998.

Não acreditamos que a questão mais importante seja a categorização da tipologia do dicionário (bilíngue ou semibilíngue) para a classificação de um dado dicionário como “dicionário **pedagógico** bilíngue”. O modo didático como é elaborado, as escolhas adotadas com o objetivo de auxiliar na aprendizagem da língua (inclusive a adoção da língua-fonte nas definições dos verbetes, como nos dicionários semibilíngues) são meios para atingir um fim que, se alcançado, contribui para o enquadramento da obra lexicográfica como pedagógica.

Welker (2008:27) apresenta o seguinte esquema para demonstrar os tipos de dicionários pedagógicos existentes:

Esquema 2 – Classificação dos Dicionários Pedagógicos segundo Welker



Como observamos na seção 4.2., estão presentes no nosso *corpus* documental apenas dois dicionários bilíngues em cuja apresentação/introdução constam os “estudantes” como público-alvo, que são o MI e o PC. Os dicionários monolíngues do *corpus* se caracterizam por serem dicionários gerais de língua, não contemplando especificamente os aprendizes como público-alvo.

Seguindo a tipologia de dicionários pedagógicos de Welker, os dois dicionários (MI e PC) seriam impressos, bilíngues e gerais, sem indicação do nível de aprendizagem (básico, intermediário ou avançado).

Contudo, não é somente o fato de ter declaradamente os aprendizes (ou estudantes) como público-alvo que caracteriza um dicionário como pedagógico, e sim os parâmetros que guiam a sua concepção. Um dicionário que tem como público-alvo os aprendizes, mas que se baseia em opções lexicográficas equivocadas ou foi concebido sem bases lexicográficas teóricas estudadas e não somente inferidas, não terá atingido o seu objetivo, e será substituído por outro mais adequado tão logo haja algum dicionário mais apropriado disponível no mercado. Pode também ser substituído por outros meios de busca de vocabulário, como *sites* da internet, por exemplo.

Duran e Xatara (2006:42a) afirmam que “dicionários específicos podem se tornar mais fáceis de consultar, pois trazem nada mais do que as informações necessárias para determinado público e função”. Entretanto, um dicionário pedagógico deveria ter como finalidade não somente a facilidade de consulta, mas também a eficácia que a consulta apresentou. Não é eficaz a consulta de um determinado verbete que, embora de fácil acessibilidade e compreensão, conduzirá o aprendiz a uma resposta errônea ou deturpada em termos de frequência ou registro, por exemplo.

Com isso, observa-se que somente o conjunto de escolhas lexicográficas adequadas, o seu somatório no dicionário como um todo e não somente o uso difuso dessas estratégias lexicográficas nos verbetes ou nos componentes externos, poderá promover a caracterização real do dicionário pedagógico como tal.

A propósito de opções lexicográficas, citadas frequentemente nesta dissertação, Duran e Xatara (2006a) elencaram e caracterizaram várias técnicas que podem tornar pedagógico um dicionário. Welker (2008) também analisou os aspectos que tornam um dicionário mais ou menos pedagógico. Tais características coincidem, em parte, com as características tratadas por Duran e Xatara. Relacionamos, a seguir, a lista elaborada pelas autoras com alguns comentários, que serão explorados e enriquecidos na seção 5.3., referente à elaboração do modelo de verbete. Alguns pontos já foram abordados na seção 4.2., alusiva à análise dos dicionários.

Dentre todas as técnicas e opções lexicográficas arroladas tanto por Duran e Xatara quanto por Welker, detalhamos neste trabalho apenas aquelas que dizem respeito aos VPMS, ou que se relacionem diretamente com os VPMS, ou que possam beneficiar o esclarecimento do significado ou ainda auxiliar a ancorar o conhecimento dos VPMS na memória dos aprendizes.

- Guia do usuário

Caracteriza-se como um recurso para ensinar o uso do dicionário, geralmente em forma de texto ou esquema, na parte inicial do dicionário. Pode ser substituído por um “livro de atividades”. Welker (2008:183) o inclui nos “componentes externos”, afirmando que “todo dicionário pedagógico deveria ter uma introdução com esclarecimentos sobre a obra, sobre como consultá-la”.

Todos os dicionários bilíngues do *corpus* possuem uma introdução, que contém informações sobre o uso do dicionário, com mais ou menos informação. O único que utiliza as palavras “guia do usuário” é o PC.

- Nomenclatura

A frequência dos lexemas parece ser o maior indicador de escolha para a introdução de palavras nos dicionários pedagógicos bilíngues. Porém, segundo Duran e Xatara, a aquisição do léxico não ocorre apenas com base na frequência e pode ser incidental, com o aprendizado de palavras menos frequentes antes de algumas mais frequentes. Portanto, dicionários com nomenclatura muito reduzida poderiam frustrar os consulentes.

A quantidade de verbetes de um dicionário depende de como a nomenclatura é estruturada. Se os derivados são inseridos em entradas separadas, o número de verbetes aumenta, mas o conteúdo pode ser semelhante ao de outros com derivados inseridos dentro dos verbetes. Alguns dicionários contabilizam, conseqüentemente, o número de acepções ou significados, que geralmente vem indicada na introdução. É problemático, portanto, considerar o número de verbetes como indicador de qualidade do dicionário. É importante, porém, que a nomenclatura atenda ao que se chama de vocabulário fundamental (conjunto de lexemas do vocabulário ativo).

Acreditamos que é igualmente importante a inserção de lexemas não só do vocabulário fundamental, mas também do vocabulário comum.



Outra questão interessante do ponto de vista pedagógico é a inclusão de formas não lematizadas na nomenclatura, apontado por Duran (2004:101), que sugere a inserção de formas verbais irregulares ou palavras derivadas que não conservem a raiz, já que muitas vezes os aprendizes são iniciantes que ainda não conhecem as regras de derivação e flexão. Esse recurso parece ter potencial especialmente em dicionários *on-line* ou eletrônicos, nos quais poderia ser utilizada a busca de lexemas flexionados, que remeteria à forma lematizada. Essa técnica lexicográfica é utilizada também no *DISC* (em CD), no qual é possível digitar uma palavra na forma feminina e ser encaminhado à forma lematizada no masculino, por exemplo.

Nos dicionários impressos do nosso *corpus* não ocorre esse tipo de técnica, mesmo nos dois dicionários que têm os aprendizes como público-alvo, o MI e o PC. O principal fator é, obviamente, a economia de espaço nos dicionários impressos.

Entretanto, a técnica poderia ter sido explorada na versão *on-line* do MI, que não desfruta das potencialidades inerentes a um dicionário eletrônico. Ao ser digitada a palavra *ragazza*, por exemplo, este dicionário apresenta como resposta apenas o aviso “Nenhuma palavra encontrada”. Poderia, neste caso, ser apresentado ao consulente um link com a palavra *ragazzo*, e neste, a menção da forma feminina. O mesmo tipo de procedimento poderia ser utilizado para verbos já conjugados.

- Pronúncia

Tanto Welker (2008) quanto Duran e Xatara (2006) afirmam que a pronúncia é necessária apenas nos dicionários voltados para a produção, uma vez que é preciso conhecer o modo de pronunciar uma palavra apenas diante da necessidade de expressá-la oralmente.

O modo no qual a pronúncia é expressa em dicionários pode assumir duas formas: por meio do Alfabeto Fonético Internacional (AFI) ou da transliteração. Em ambos os casos, há questões a serem resolvidas.

No primeiro caso, o dicionário deve apresentar os símbolos fonéticos que uma vez aprendidos não serão esquecidos se o uso do dicionário for contínuo. Além disso, o aprendizado desses símbolos auxilia o consulente a entender a pronúncia de palavras em outras línguas, já que, como dito acima, o alfabeto é internacional.

No segundo caso, Duran e Xatara (2006) apontam para o fato de a transliteração poder confundir o aprendiz, pois este poderia crer que os sons da língua estrangeira são idênticos aos sons da sua LM. O aprendiz pode, também, pronunciar a palavra de acordo com os seus próprios padrões de pronúncia, já que a transliteração não leva em conta os sotaques e as diferentes possibilidades de realização, como no caso da letra “r” no Brasil, por exemplo.

Duran e Xatara (2006) ressaltam, ainda, que, em um dicionário para aprendizes, a pronúncia deve sempre ser informada para as palavras estrangeiras, e no caso do dicionário ser voltado para a produção, os equivalentes, e não as entradas (que são apresentadas em LM) é que deveriam apresentar a pronúncia.

Dentre os dicionários bilíngues do corpus, apenas o MI apresenta a pronúncia após a entrada. Na seção italiano – português, é apresentada após a entrada em italiano e na seção português – italiano, após a entrada em português. Embora esse dicionário seja bidirecional, ele não é recíproco e, portanto, não é dirigido para o uso de falantes de italiano. Dessa forma, não parece ser útil a indicação da pronúncia em português, que poderia ser substituída pela pronúncia dos equivalentes em italiano, especialmente se os equivalentes não constam na seção dedicada à decodificação.

No dicionário semibilíngue PC, que assim como o MI tem como público-alvo os aprendizes, não há indicação de pronúncia.

No MF não há indicação da pronúncia ao lado da entrada, mas na parte inicial que precede os verbetes, há um “guia da pronúncia italiana”, com a transliteração de algumas palavras com a pronúncia em português. Dado que esse dicionário tem as características de um dicionário passivo ou de decodificação e elaborado para “todos aqueles que lidam com a língua italiana em suas atividades profissionais”, segundo a “Apresentação”, consideramos bastante questionável o ensino da pronúncia para quem, a rigor, deveria já conhecê-la.

Já no caso do PC e do MI, talvez seja interessante refletir não somente sobre a questão do objetivo do dicionário (recepção-produção) em relação à presença da pronúncia (e também da separação de sílabas e indicação de sílaba tônica), mas também sobre questões mercadológicas que afetam as estratégias lexicográficas adotadas nos dicionários do *corpus*. É razoável supor que, dada a pouca oferta de dicionários bilíngues italiano – português, sobretudo de dicionários voltados para a codificação, as editoras queiram suprir algumas necessidades relativas à produção também em um dicionário de recepção. O fato é que

dicionários de recepção italiano – português também são usados, no Brasil, em atividades de produção escrita por aprendizes.

Em relação aos VPMs, somente apresentariam pronúncia aqueles que constam como entrada no dicionário MI, por somente este apresenta a pronúncia para a entrada. O MI, porém, não apresenta nenhum dos VPMs como entrada.

- Abreviaturas e Símbolos

Duran e Xatara (2006) consideram que as abreviaturas são entraves na fluência da consulta ao verbete e que, se possível, deveriam ser evitadas, pois obrigam o consulente a retornar à página com as informações correspondentes (geralmente nos componentes anteriores dos dicionários) e isso significa interrupção na consulta e um “ruído” na comunicação, podendo desmotivar o aprendiz a adotar o uso de dicionários.

As abreviaturas representam um modo de fornecer mais informações sobre a UL e, simultaneamente, economizar espaço físico, especialmente nos dicionários impressos. O mesmo acontece com os símbolos, que muitas vezes parecem uma solução de uniformização das informações e economia de espaço. Entretanto, o consulente é obrigado, do mesmo modo, a consultar uma tabela ou lista para decifrar o significado dos símbolos. Além disso, a escolha dos símbolos precisa ser, de algum modo, fácil de memorizar e não conter símbolos parecidos que possam ser confundidos entre si.

Uma solução parece ser a inserção de informações adicionais referentes aos símbolos na parte inferior ou lateral da página, ou ainda, segundo Welker (2008:184) deslocar essas informações para a parte central do dicionário. Tal procedimento pode não ser suficiente para resolver o problema da interrupção na leitura, mas pode representar uma redução no desvio de atenção e no esforço ao consultar o verbete, pelo fato de as informações estarem mais próximas da área central, e não nos extremos do dicionário.

As informações sobre os símbolos e abreviaturas de cada dicionário foram relatadas na seção 4.2., que trata sobre o Panorama Lexicográfico dos Dicionários Bilingües do *corpus* documental.

Em relação aos VPMs, tanto as abreviaturas quanto os símbolos estão presentes nos dicionários do *corpus*, embora nem sempre seja possível relacionar o significado da abreviatura ao VPM ou entender o que ela significa.

- Vocabulário controlado para a metalinguagem

O uso de um vocabulário controlado nas definições foi a característica que primeiro diferenciou os dicionários para aprendizes dos dicionários elaborados para falantes de língua materna, tratando-se de dicionários monolíngues (DURAN, 2004). No caso de dicionários bilíngues, a metalinguagem é utilizada na definição nos dicionários híbridos ou semibilíngues. Tanto Welker quanto Duran e Xatara apontam desvantagens e vantagens do uso do vocabulário controlado na metalinguagem, tais como a dificuldade para o lexicógrafo em elaborar boas definições usando um vocabulário restrito e o possível bloqueio das cadeias de definição (apud [BEJOINT, 2000])<sup>141</sup>. Uma vantagem seria o fato de o aprendiz atingir o objetivo de entender a UL pesquisada em uma consulta, já que entenderia todas as palavras da definição, não sendo necessário realizar consultas complementares para entender palavras desconhecidas constantes da definição da palavra originalmente pesquisada (DURAN; XATARA 2006: 50).

Tanto Welker quanto Duran e Xatara afirmam que, atualmente e a despeito de algumas críticas, o vocabulário controlado é uma realidade na elaboração dos dicionários pedagógicos e quase não se discute mais essa questão.

No único dicionário semibilíngue ou híbrido do *corpus*, o PC, consta, na sua apresentação, a informação sobre o fato de ele trazer “definições simples e claras, usando para isso um número limitado de palavras definidoras”.

É relevante, também, investigar a restrição no uso dos equivalentes e sinônimos nos dicionários, pois alguns equivalentes apresentam sinônimos que não constam na nomenclatura.

No caso dos VPMs, durante a elaboração e compilação das fichas lexicográficas dos verbos, encontramos alguns casos em que o VPM não fazia parte da nomenclatura, mas era utilizado como sinônimo de uma dada UL ou locução. A título ilustrativo, reportamos nessa seção apenas um exemplo: apesar de não estar presente no PC como entrada ou fazendo parte do verbete *meritare*, o VPM *meritarsela* está presente no verbete do verbo *volere*, como sinônimo de *volersela*: “*Se l’è voluta = è solo lui il responsabile del guaio in cui si è messo,*

---

<sup>141</sup> BÉJOINT, H. *Modern Lexicography: an Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

*del danno che ha subito; se l'è meritata*<sup>142</sup>: è inutile che si lamenti, se l'è voluta □ ele mereceu”.

- Definição

Tradicionalmente as definições dos dicionários bilíngues são os equivalentes, que são considerados como definição sinonímica (DURAN; XATARA 2006a: 51).

No caso de a palavra não apresentar um equivalente, uma perífrase ou definição deve ser fornecida (HAENSCH, 1982 [apud DURAN; XATARA 2006b: 147])<sup>143</sup>.

Com o surgimento dos dicionários semibilíngues, porém, a definição passou a ser apresentada não só por meio dos equivalentes, como também através de uma definição, em língua estrangeira ou em língua materna, decorrente da adaptação de dicionários monolíngues para uso bilíngue. Duran (2004:107) defende o uso da definição em LM para aprendizes de nível básico e a definição em LE para aprendizes de nível médio e avançado, para promover o aumento do repertório lexical, familiarizar o aprendiz com o vocabulário de definição e habilitá-lo a praticar a metalinguagem em língua estrangeira.

Nos dicionários do *corpus* somente o PC, que é semibilíngue, apresenta definições; no MI e no MF são utilizados equivalentes.

A base monolíngue do PC é o *Dizionario Italiano* da Editora Giunti, conforme consta na sua apresentação. No dicionário PC os seguintes VPMs apresentam definições em LE: *andarsene, avercela, cavarsela, correncene, darsela, darsele, farcela, filarsela, fregarsene, godersela, infischarsene, intendersene, prendersela, ridersene, sbattersene, sbrigarsela, sbrogliarsela, sentirsela, spassarsela, squagliarsela, svignarsela, vedersela, e venirsene*. Algumas definições no PC são sinonímicas, como *darsele*, cuja definição é *picchiare/picchiarsi*.

- Marcas de uso ou registro

Tanto Welker quanto Duran e Xatara enfatizam a necessidade da presença de marcas de uso em dicionários voltados para a produção. Tais marcas informam sobre as restrições de uso e são imprescindíveis para a produção de textos.

---

<sup>142</sup> Grifo nosso.

<sup>143</sup> HAENSCH, G. et al. *La Lexicografia: de la Lingüística teórica a la Lexicografia práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

Welker, entretanto, observa que tais marcas também “são importantes na ‘compreensão aprofundada’, quando se quer entender as nuances de um texto, as conotações.” (Welker, 2008:195).

Duran e Xatara (2006:53) afirmam, em relação à compreensão:

Na decodificação, o próprio insumo já fornece elementos que permitem ao aprendiz inferir essas nuances do uso. Contudo, em se tratando de dicionários para decodificação voltados ao público dos tradutores, a inclusão dessas informações pode orientar as escolhas lexicais no estágio seguinte à decodificação, ou seja, no estágio da codificação na língua-alvo.

Acreditamos, entretanto, que o aprendiz nem sempre tenha facilidade de deduzir, por meio do contexto, algumas questões de uso relativas às unidades lexicais, como expressões idiomáticas, provérbios, UL em outra língua estrangeira utilizadas pelos falantes LM com registro modificado, entre outras. Além disso, é provável que quanto menor a proficiência do aprendiz em LE, mais ele necessite de informações para compreender qual registro linguístico está sendo usado no texto em questão.

Strehler (2001: 173) afirma que as marcas de uso são utilizadas para palavras que são estilisticamente marcadas, ou seja, para exemplos de variação linguística. Essa variação pode afetar somente uma acepção de uma entrada. Uma palavra pode também acumular mais de uma marca de uso, que indicam, por exemplo, o uso em uma determinada região e uma diferença de registro. As unidades lexicais que não são estilisticamente marcadas não recebem marcas de uso, fato que ocorre com a maioria das UL.

No que se refere aos dicionários bilíngues italiano – português para decodificação acreditamos que é produtiva a inserção de marcas de uso ao menos nos verbetes cujas UL ou acepções representem palavras ou expressões vulgares ou chulas. Essa recomendação estende-se a VPMs como *fottersene*, por exemplo. Dentre os dicionários bilíngues do *corpus*, este VPM consta somente do MF, com marca de uso *fig.* e *pop.*, indicando uso figurado e popular. Esse fato nos causa certa estranheza, visto que nos dicionários monolíngues *GRADIT*, De Mauro – Paravia e Garzanti esse VPM é apresentado com a marca de uso vulgar. No Sabatini – Coletti o VPM está presente, mas não há marca de uso.

Quando não há restrição de espaço ou meios, acreditamos que é produtiva a inserção de marcas de uso para todas as UL não neutras. Isso seria possível em um dicionário

eletrônico em *CD-ROM* ou *on-line*, mesmo para a decodificação, visto que os aprendizes, ao realizarem tarefas em que é necessária a redação (codificação), também utilizarão as informações referentes às marcas de uso do dicionário de decodificação.

Nos dicionários bilíngues do *corpus*, o MI apresenta, tanto na seção italiano – português (decodificação), quanto na seção português – italiano (codificação), algumas UL com marcas de uso. Na lista de abreviações do MI, como vimos na seção 4.4., podem ser encontradas abreviações referentes às marcas: afetivo, depreciativo, linguagem familiar, gíria, linguagem irônica, linguagem literária, linguagem popular e linguagem vulgar, tanto em português quanto em italiano, demonstrando que as marcas de uso são usadas nas duas direções dos dicionários.

Dois requisitos devem ser respeitados dentro de uma obra lexicográfica: a veracidade da informação e a bidirecionalidade das marcas de uso para palavras em LE constantes nas duas seções do dicionário. Em relação aos VPMs no MI, isso nem sempre ocorre, como vemos no exemplo a seguir.

Quanto ao primeiro requisito – a veracidade da informação – no verbete *andare* há a inserção de *vattene!* (do VPM *andarsene*) definido como “a) vá embora! b) *pop* cai fora!”. Em italiano, embora expressiva, a expressão é neutra e corresponde em termos de registro ao equivalente “a) vá embora!”, mas não corresponde a “b) *pop* cai fora”.<sup>144</sup> Não há coincidência de registro, donde se conclui que não há veracidade nessa informação.

A expressão “cai fora” poderia ser melhor expressa em italiano por uma UL com registro claramente não neutro como *fuori dai piedi*, *fuori di qui* ou *via di qui*, por exemplo.

Quanto ao segundo requisito – a bidirecionalidade das marcas de uso – temos um modelo positivo no verbete *cavare*, que informa que o VPM *cavarsela* apresenta a marca de uso “linguagem popular” (*pop.*) e tem como equivalentes “virar-se” e “arranjar-se” em português. Ao realizarmos a busca nos verbos “virar” e “arranjar” na direção português – italiano, encontramos a expressão “invertida” respeitando a bidirecionalidade e a veracidade da informação.

No dicionário PC não há, na seção de abreviaturas, indicação de marcas de uso, porém, procurando alguns termos vulgares no dicionário, encontramos a informação sobre o registro apresentada por extenso, como “*termine volgare per...*” ou “*nel linguaggio volgare*” e

<sup>144</sup> Em nenhum dicionário monolíngue do *corpus* encontramos marca de uso popular para *vattene!*.

seu correspondente em português, também palavras marcadas como vulgar, mas sem a explicitação do registro. Aparentemente não há outras marcas de uso, e esse fato se estende aos VPMs. O VPM *cavarsela*, por exemplo, não apresenta nenhuma marca de uso nesse dicionário.

No MF há uma longa série de abreviações, dentre as quais muitas se referem a marcas de uso, por exemplo: *antico, familiare, ironico, peggiorativo, popolare, regionale, scherzoso* e *volgare*.

Para o VPM *cavarsela*, no MF, porém, não é apresentada nenhuma marca de uso. Já o VPM *fregarsene*, dentro do verbete *fregare*, recebe as marcas de uso “*figurato*” e “*volgare*”.

Em relação à disparidade de informações concernentes às marcas de uso, Strehler (2001:176) alude à dificuldade de atribuição das marcas de uso ditas sociais, afirmando que “são as que exigem maior atenção dos lexicógrafos e dos usuários” e citando Biderman (1992)<sup>145</sup>, reitera que “esse tipo de informação padece de um certo subjetivismo”. Uma vez que as marcas de uso não são as mesmas nos dicionários, a uma mesma UL podem ser atribuídas diferentes marcas, segundo a apreciação dos lexicógrafos. É frequente a atribuição de diferentes marcas de uso para unidades lexicais de baixo calão, que recebem marcas que vão de popular a vulgar.

Compartilhamos da opinião de Strehler quando afirma que é desejável uma definição rigorosa das marcas de uso e que se os registros forem bem explicados nos dicionários, o consulente, sobretudo o aprendiz, pode ter uma visão mais precisa da variação linguística.

- Notas de uso

As notas de uso servem para por à disposição do consulente (especialmente no caso de aprendizes) informações que normalmente não constam no corpo do verbete, mas que servem para elucidar questões referentes a temas de gramática ou de registro, diferenças entre as variantes de um mesmo idioma, alertas sobre falsos cognatos ou alguma observação relacionada ao público-alvo. (WELKER 2008: 206; DURAN 2004:110)

As notas de uso podem ser apresentadas com maior ou menor destaque. Muito comum é o uso de caixas de cor diferente ou em tom diferente da cor do fundo de página.

---

<sup>145</sup> BIDERMAN, M. T. C. Dicionário contemporâneo de português. Petrópolis: Vozes, 1992.



Obviamente, quanto mais destacada for a nota, mais fácil é o acesso a ela, ressaltando aos olhos do consulente a informação relevante. Também podem ser encontradas notas em itálico, entra aspas ou colchetes, ou simplesmente constarem como uma observação no corpo do verbete.

Welker (2008:207) menciona o fato de não só a aparência da nota de uso ser importante, mas também a sua pertinência, que deve “ser verificada caso a caso”.

No MI encontramos as notas de uso mais evidentes e mais numerosas. Em geral, tratam de aspectos relacionados aos falsos cognatos, pragmática, observações sobre diferenças culturais, informações gramaticais que normalmente não constam nos verbetes ou uma explicação mais aprofundada sobre o uso. As notas de uso estão presentes nas duas seções do dicionário, italiano – português e português – italiano.

Não há no MI nenhuma nota referente a qualquer VPM. Há, porém, algumas notas sobre os pronomes, especialmente *ce* e *ne*. A nota sobre *ce* alude às modificações fonéticas e de escrita quando o pronome *ci* se encontra diante de outros pronomes (*lo, la, li, le, ne*), mas não faz menção à união do pronome com alguns verbos formando uma UL distinta. A nota em relação ao pronome *ne* traz várias informações sobre seus diversos usos, e uma observação sobre seu eventual caráter expletivo: “Às vezes, é usado apenas como expletivo, e não se traduz: *me ne vado*/eu vou embora”. Nestes dois casos, por exemplo, a nota de uso poderia também ter sido usada para apontar a formação de VPMs decorrentes da união dos pronomes com um verbo, formando uma nova UL e remetendo para os verbetes onde os VPMs aparecem ao menos como expressões que envolvem o pronome em questão.

No MF as notas de uso não são muito frequentes e são representadas de forma bastante inconspícua, em itálico ou entre colchetes, indicando remissões ou informações gramaticais, como plural ou feminino irregular, ou ainda a língua de origem da palavra. Como o MF não é um dicionário destinado aos aprendizes, não é importante que essas observações sejam visíveis, mas sim a presença da informação. Em relação aos VPMs, o único que possui nota de uso no MF é *venirsene*, que informa sobre a adição da partícula *ne* quando o verbo é usado pronominalmente. A informação é apresentada entre colchetes: [+ *ne*].

No PC as notas de uso podem estar representadas entre parênteses ou entre colchetes, sobretudo informando acerca de questões gramaticais ou especificações de significado. Da mesma forma que no MF, as notas de uso não são facilmente distinguíveis, e esse fator pode

ocasionar maior dificuldade ao aprendiz para encontrar as informações que precisa ou que sejam relevantes.

Assim como no MI, também não observamos nenhum tipo de nota relacionada ao uso dos pronomes *ce* e *ne* unidos a verbos e formando uma nova UL.

Do mesmo modo que no MF, no PC o único VPM no qual consta uma nota de uso é *venirsene*. Na verdade, a nota informa, entre parênteses, que o verbo pronominal *venirsi* é sempre usado na forma *venirsene*: “♦**venirsi** v.pr. (sempre nella forma *venirsene*)”.

- Língua materna

A LM pode constar em um dicionário bilíngue como metalíngua, ou seja, a língua das explicações e informações metalinguísticas. Este fato pode representar um problema em dicionários bidirecionais, nos quais falantes de línguas maternas diferentes podem consultar as duas seções dos dicionários.

Nos dicionários bilíngues, a LM pode estar presente nas definições, especialmente nos dicionários híbridos ou semibilíngues, nos exemplos, nas siglas e nas abreviaturas (nos componentes externos) e também nas notas de uso<sup>146</sup>.

A presença da LM pode permitir ou facilitar ao consulente (especialmente de nível mais elementar) o acesso a informações úteis presentes nos verbetes, mas que, se inseridas exclusivamente na LE, podem passar despercebidas a quem mais tem necessidade delas.

Nos três dicionários bilíngues do *corpus* a LM é o português, visto que os três dicionários têm consulentes brasileiros como público-alvo.

No MI a LM está presente nos componentes anteriores, isto é no sumário, no prefácio, na organização do dicionário e na transcrição. Nas abreviaturas a língua usada é o português e o italiano, ponto que consideramos curioso, já que o público-alvo é o de “brasileiros que estudam a língua italiana”, conforme o prefácio. Como já mencionamos, estas abreviaturas aparecem misturadas, português com italiano, em ordem alfabética, fato que às vezes provoca a separação de abreviaturas com o mesmo significado, como adjetivo e *aggettivo*, depreciativo e *dispregiativo*, entre outras.

---

<sup>146</sup> Componentes externos são os componentes que não fazem parte da macroestrutura, segundo Welker (2008:183). A introdução e as abreviaturas são exemplos de componentes externos, que serão tratados de modo mais aprofundado na página 152.

Nos verbetes da seção italiano – português, a LM está presente nos equivalentes, em alguma eventual definição (no caso de UL sem equivalentes em português), na tradução dos exemplos, e nas notas de uso. Já na seção italiano – português do MI, a LM está presente na entrada, nos exemplos, nas notas de uso e nas abreviações.

Nos componentes externos do MI, há um apêndice com notas gramaticais do italiano e outras informações sobre equivalências entre as duas línguas em LM.

No PC a LM é utilizada em todas as partes que constituem os componentes anteriores. Na direção italiano – português a LM aparece somente nos equivalentes, dado que a característica diferencial desse dicionário é, justamente, apresentar as definições em LE.

Nos componentes posteriores do PC, que tratam principalmente sobre questões gramaticais do italiano, a língua preponderante é a LM, com alguns exemplos ou títulos em LE.

No MF, os componentes anteriores são em LM, com exceção das abreviaturas, exclusivamente em LE. Nos verbetes, a LM é usada nos equivalentes, na tradução dos exemplos e em eventuais definições ou explicações sobre UL sem equivalentes diretos.

Duran e Xatara (2006:54) afirmam que “a extensão da nomenclatura nos dicionários bilíngües para aprendizes seria inversamente proporcional ao uso de língua materna nos verbetes”. Embora o MF não seja um dicionário com pretensões pedagógicas, podemos constatar o maior uso de LM nos verbetes do MI, seguido pelo MF e por último o PC, devido às características de hibridismo que apresenta em sua composição.

- Exemplos

Welker (2008:198) alerta sobre a definição do que é um exemplo em um dicionário e o que realmente consta como exemplo, afirmando que muitos lexicógrafos consideram como exemplo também as colocações e as expressões idiomáticas, além das próprias frases. O autor completa afirmando que os itens citados podem ser colocados como tais no verbete, não havendo necessidade de misturá-los com as frases.

Em relação às frases-exemplo, Welker as separa em abonações e frases exemplos construídas pelos lexicógrafos, isto é, exemplos obtidos a partir de *corpus* e exemplos inventados pelos lexicógrafos. Essa questão também é discutida por Duran e Xatara (2006: 56), que exploram a questão da diferença e das vantagens e desvantagens dos dois tipos de

exemplos. Welker (2008:201), entretanto, defende a ideia de que os exemplos podem ser inventados pelos lexicógrafos, mas que estes devem ter certeza, de preferência recorrendo a um *corpus*, de que essas frases inventadas ocorrem de maneira semelhante na realidade.

Entretanto, o ponto que tratamos em relação aos exemplos é um pouco anterior à discussão a respeito da sua origem (proveniente de *corpus* ou criada), visto que muitos VPMs não apresentam qualquer tipo de exemplificação, devido a pouca atenção lexicográfica dedicada a eles nos dicionários bilíngues.

Duran e Xatara, (2006:56) afirmam que só o exemplo é capaz de proporcionar “a maioria das informações que o aprendiz necessita sobre uma palavra nova”. Tais informações dizem respeito, por exemplo, a aspectos não contemplados por outros itens lexicográficos dos verbetes, como o comportamento sintático da sentença, as restrições de colocação, as situações apropriadas para o uso e a relação com outras palavras do paradigma, entre outros. As autoras citam Laufer (1992)<sup>147</sup>, que afirma que esses são alguns dos aspectos das palavras que o aprendiz deve conhecer para ter noção da palavra como um todo.

Blanco (1996:103) afirma que:

[...] l'exemple excellerait par sa capacité à "illustrer" une information déjà présentée par d'autres catégories d'information lexicographique, en aidant l'utilisateur d'abord à la décoder et ensuite à s'en servir convenablement.<sup>148</sup>

Blanco alerta ainda para a crescente reutilização dos exemplos, especialmente exemplos de dicionários monolíngues que são reutilizados em dicionários bilíngues. Tal procedimento nem sempre comporta uma adaptação do exemplo reutilizado, que pode se tornar pouco proveitoso ou inadequado para o aprendiz.

Em relação aos dicionários bilíngues do *corpus*, observamos que há vinte ocorrências de exemplos sem tradução e 17 ocorrências de exemplos com tradução de VPMs, dentre os 47 VPMs presentes nos dicionários bilíngues. O dicionário que mais apresenta exemplos de VPMs é o MF, com 18 exemplos, seguido pelo PC com 16 exemplos e por último o MI com 3 exemplos, do total de 72 VPMs.

<sup>147</sup> LAUFER, B. *Corpus-based versus lexicographer examples in comprehension and production of new words*. In: EURALEX, Stuttgart, 1992. *Proceedings of Euralex 1992*. Stuttgart, 1992 p. 71-76.

<sup>148</sup> “[...] o exemplo prima pela sua capacidade de “ilustrar” uma informação já apresentada por outras categorias de informação lexicográfica, auxiliando o usuário, em primeiro lugar, a decodificá-la e, em seguida, a utilizá-la adequadamente.” (tradução de Olavo Panseri)

Nem sempre, porém, esses exemplos são produtivos para os aprendizes ou acrescentam alguma informação relevante sobre os VPMs. Em alguns casos, somente a tradução do exemplo, somada ao equivalente ou à definição, servem como esclarecimento do significado, bastante opaco em um modelo sem contexto. Ex. “*se la intendono!*” no MI, cuja tradução “eles se entendem”, a inferir do exemplo, pode estar relacionada às acepções “entender-se com, entrar em acordo com” ou a “amar-se, ter relações íntimas com”, embora seja pouco comum em português a locução “entender-se” para esse último significado.

No MF, para o VPM *fumarsela*, há o exemplo “*me la fumo*” que esclarece apenas a conjugação do VPM e o posicionamento dos pronomes no presente do indicativo, mas nada acrescenta sobre o significado e o uso.

Ainda no MF, para o VPM *andarsene*, um dos exemplos dados é “*le sue speranze se ne sono andate*”, para a acepção “esvair-se”, que é uma das acepções menores deste VPM. Talvez fosse mais produtivo um exemplo de outra acepção mais frequente, como a acepção “morrer”.

Um dos pontos positivos é a tradução do exemplo, que ocorre no MF, no MI e no PC, mas não de modo sistemático. Acreditamos que a tradução do(s) exemplo(s) é muito proveitosa não só para o tradutor, público-alvo do MF, mas também para o aprendiz, que pode compreender melhor sutilezas de significado, de uso e diferenças em relação a sua LM.

- Colocações e expressões

O aprendizado das colocações é importante para os aprendizes, sobretudo para atividades de produção. Welker (2008:195) afirma que existem duas correntes que definem o que é uma colocação, uma representada por John Sinclair e a outra por Hausmann. Não adotaremos nenhuma das duas correntes, pois o que é relevante nesse trabalho é compreender que as colocações são combinatórias de palavras que ocorrem com bastante frequência, formando conjuntos de significado semicristalizado, que o falante não monta de forma criativa, mas percebe e usa como um todo. Além disso, queremos ressaltar o papel do dicionário na apresentação destas colocações para o aprendiz, especialmente no tocante à produção.

No que concerne aos VPMs, as colocações são frequentes principalmente quando são colocações gramaticais, isto é, quando indicam qual preposição ou preposições são usadas

com determinado verbo. Ocasionalmente, alguns VPMs apresentam também colocações lexicais, quando são combinados com advérbios, por exemplo.

É importante, também, não confundir as colocações com as expressões idiomáticas, nem mesmo em termos lexicográficos. As expressões têm significado completamente cristalizado e resistem aos testes de inserção e substituição propostos por Bidermann (2001)<sup>149</sup>.

Entretanto, o modo como as colocações e as expressões idiomáticas são apresentadas lexicograficamente, remetem-nos às mesmas reflexões: onde inseri-las na nomenclatura, já que as expressões e colocações são compostas de mais de uma palavra, como apresentá-las dentro do verbete (em subentradas ou em exemplos especiais), como diferenciar no verbete quais são colocações e quais são expressões e como apresentar várias colocações. (DURAN E XATARA, 2006:60).

Dado que os VPMs já são pouco representados nos dicionários, qualquer tipo de apresentação das colocações e expressões idiomáticas relativas a eles representa um ganho, uma vantagem para o aprendiz.

Vejamos alguns exemplos de inserção de colocações e expressões de VPMs nos dicionários bilíngues do *corpus*:

No MI é apresentada a expressão *andarsene a ragionamenti*, que, além de pouco frequente, foi grafada erroneamente duas vezes no verbete: \*andaresene.

No MF, PC e no MI está presente a colocação *avercela con qualcuno*, indicando a preposição a ser usada com o VPM *avercela (con)*.

No MF encontramos *aversela/aversene a male, cavarsela bene/male, darsela a gambe* (também no PC), entre outras.

Entretanto, no VPM *farcela*, poderia ter sido introduzida a colocação *farcela a* e a expressão *non farcela*, mesmo inseridas em exemplos, para indicar e esclarecer o uso de duas acepções diferentes do VPM *farcela*, indicadas nos dicionários monolíngues *De Mauro – Paravia* e *GRADIT*, respectivamente como “conseguir fazer algo” e “não conseguir/aguentar/suportar mais”.

---

<sup>149</sup> Cf. BIDERMAN, M. T. C. *Teoria lingüística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Observamos que muitas vezes a colocação gramatical é apresentada embutida dentro do exemplo, como ocorre em “*me ne frego di quel che pensa lui*” (PC) e “*me ne infischio di quel che pensa la gente*” (PC). Uma boa apresentação da colocação gramatical é, por exemplo, a do VPM *intendersela* do MI, representada por “*intendersela/intendersi con*”, indicando a preposição a ser usada com o VPM. A indicação é apontada também no equivalente “entender-se com, entrar em acordo com”.

Nos dicionários bilíngues do *corpus*, há 15 ocorrências de colocações/expressões no MF, 03 no PC e 04 no MI. Inserimos as colocações/expressões nas fichas lexicográficas dos dicionários bilíngues como “locuções”, visto que a maioria dos VPMs não é inserida como uma entrada própria, sendo difícil a categorização e distinção das colocações e expressões.

Novamente, o dicionário que apresenta mais colocações/expressões é o MF, justamente aquele que não possui os aprendizes como público-alvo.

- Cores

Welker (2008:188) comenta que nos últimos tempos o uso de cores nos dicionários pedagógicos tem sido comum, especialmente a preta, como base, e a azul para destacar. Alguns outros dicionários pedagógicos usam mais cores para evidenciar outras informações lexicográficas, como o rosa e o vermelho. De fato, o *Longman Dicionário Escolar inglês – português/português – inglês* apresenta as entradas das palavras mais frequentes em inglês em vermelho, as entradas restantes em azul e o corpo do verbete em preto. Há ainda destaques em negrito dentro do verbete, símbolos azuis e rosados, indicações de conjugação em azul e ainda a dedeira em azul e os quadros com as notas de uso em tons de azul.

Duran e Xatara afirmam que provavelmente as cores são fatores que auxiliam na retenção do léxico, pois quebram a monotonia do texto, além de serem um recurso para evitar a excessiva utilização de negrito, itálico e pontos. Concordamos com as autoras ao observar como um dicionário como o *Longman* é mais atraente e torna a consulta mais estimulante para o consulente.

Em relação aos dicionários bilíngues do *corpus*, não há uso de cores no MF e no PC. O MI, como citamos anteriormente, apresenta a dedeira em azul, a entrada em azul e as notas de uso em quadros sem contorno com o fundo azul, fato que representa um avanço, um passo na direção de tornar esse dicionário mais pedagógico e atraente para os usuários.

Poderiam também ser mencionadas algumas outras características que contribuiriam para tornar os dicionários do *corpus* mais pedagógicos, características estas elencadas inicialmente por Welker (2008:181).

O autor relaciona tais características com os dicionários pedagógicos monolíngues para aprendizes, entretanto, essas mesmas características podem estar presentes em dicionários bilíngues (WELKER, 2008:248), de modo que trataremos delas nesta seção<sup>150</sup>.

São elas:

- Formato

Welker (2008) menciona o fato de os dicionários impressos para aprendizes deverem ser necessariamente leves e fáceis de transportar, além de terem uma encadernação resistente e páginas que não se soltem. Essas questões são importantes porque os dicionários costumam “acompanhar” os aprendizes da sala de aula para casa e vice-versa. A melhor portabilidade pode ser conseguida, teoricamente, de três maneiras: os dicionários podem ter páginas finas, mas de boa qualidade para que não se rasguem, possuir um número menor de verbetes (mas que pode ser frustrante para o consulente que não encontra determinada palavra), ou ser dividido em volumes de acordo com o nível do aprendiz na LE, com a seleção de lemas diferenciada para cada volume.

Nos dicionários bilíngues do *corpus*, verifica-se o menor tamanho físico no MI, seguido pelo PC e por último o MF, lembrando que este último é dedicado aos profissionais que lidam com a língua italiana. Nos dois dicionários para estudantes (MI e PC), não há menção ao nível de proficiência do aprendiz em LE.

A questão do formato, tamanho e peso podem influenciar a inserção de entradas ou acepções nos dicionários bilíngues impressos, visto que há restrição de espaço físico. Este fator pode afetar, conseqüentemente, a decisão dos editores de colocar mais informação acerca dos VPMs nessas obras.

- Componentes externos

São os componentes que não fazem parte da macroestrutura, que Welker (2008:183) apresenta com denominações variadas de acordo com autores diversos.

---

<sup>150</sup> Não trataremos, porém, de todas as características elencadas pelos autores citados.



Para uso nessa dissertação, dividiremos os componentes externos em anteriores (antes dos verbetes), internos (no meio do dicionário) e posteriores (após os verbetes), apenas para determinar a posição das informações, visto que não há consenso sobre que tipo de informação deve aparecer em um dado lugar do dicionário.

Entretanto, de modo geral, os componentes anteriores são a apresentação/introdução, o guia do usuário (quando há), as abreviaturas, os símbolos, tabelas de transcrição fonética e outras informações que auxiliam e esclarecem o melhor modo de consultar e entender os verbetes. Todos os dicionários do *corpus* bilíngue apresentam componentes anteriores.

Os componentes internos podem ser, por exemplo, figuras ou gravuras ilustrando alguns verbetes ou componentes/partes de máquinas ou veículos, ou ainda palavras pertencentes ao mesmo grupo semântico. Podem ser, igualmente, algumas das informações que são apresentadas nos componentes anteriores deslocadas para a seção mediana do dicionário (como as abreviações ou símbolos, por exemplo) para facilitar o manuseio do volume. Nenhum dicionário do *corpus* bilíngue apresenta componentes internos.

Como bem apontado por Welker (2008), “praticamente todos os dicionários pedagógicos contêm componentes posteriores”. Geralmente são informações gramaticais, listas de verbos irregulares, nomes próprios, pesos e medidas e ilustrações.

Concordamos com o autor quando afirma que esses elementos poderiam ser deslocados para os componentes internos, na parte central do livro, concentrados ou divididos em vários conjuntos de páginas.

O MI e o PC apresentam componentes posteriores, com elementos como os citados anteriormente, com exceção das ilustrações. O MF não apresenta componentes posteriores.

- Macroestrutura e seleção de lemas

Welker (2008) complementa as informações referentes à nomenclatura ou à macroestrutura, afirmando que esta depende da finalidade do dicionário e que a quantidade de verbetes deve ser maior nos dicionários voltados para a decodificação do que naqueles voltados à codificação.

São também mencionados outros critérios (além da frequência), como a ocorrência de itens lexicais em livros-textos, a quantidade de signos transparentes *versus* signos opacos

(dependendo da função do dicionário), a inclusão de abreviaturas, siglas e nomes próprios que diferem nas duas línguas.

No entanto, um ponto que nos chamou a atenção é a questão da supremacia do critério da frequência quando existe a exigência de economia de espaço, que é passível de ressalva (WELKER, 2008:260) no caso de palavras marcadas diastraticamente (linguagem chula), caso em que deve ser dada a prioridade para uma palavra não marcada. Neste caso, sugere o autor, o item marcado deve ser procurado em um dicionário monolíngue, que remeterá à palavra não marcada, que por sua vez poderá ser procurada em um dicionário bilíngue.

Não concordamos com o autor por dois motivos: o primeiro é que dificilmente o consulente aprendiz realizará ou aceitará executar tantas ações para descobrir o significado de uma palavra. Devemos lembrar que atualmente os dicionários impressos convivem e competem com meios eletrônicos mais velozes. Tais meios não são somente dicionários eletrônicos, mas também *sites* de tradução automática, que oferecerão ao aprendiz respostas mais rápidas e menos trabalhosas. Do mesmo modo, o aprendiz não tem condições de julgar se aquela palavra buscada, por exemplo, em um serviço de tradução automática na internet é correta ou marcada, e provavelmente aceitará a primeira resposta que encontrar.

O segundo motivo é que, se o critério adotado para a seleção de lemas é o de frequência, não há porque quebrá-lo, pelo fato de a UL ser marcada diastraticamente, desde que o aprendiz receba a informação referente ao seu uso nas informações da microestrutura. O dicionário não deveria ter um papel regulador do uso, tal tarefa compete ao falante, mas sim apresentar as unidades lexicais em uso, sem restrições na seleção dos lemas.

- Estruturas de acesso

Welker (2008:186) trata o tema explicando que a expressão foi cunhada por Wiegand (1988)<sup>151</sup>, o qual distingue as estruturas de acesso internas das estruturas de acesso externas: “a estrutura de acesso externa permite encontrar o verbete procurado e a interna facilita ou dificulta que se encontre no verbete a informação procurada”.

Nos dicionários alfabéticos a própria macroestrutura é a estrutura de acesso externa. Pode haver também uma lista de acesso externa constituída das palavras usadas nas definições. Também são passíveis de serem encontradas estruturas externas de acesso rápido,

---

<sup>151</sup> WIEGAND, H. 1988. Worterbuchartikel als Text. In: Harras, G. (ed.), Worterbucher. Artikel und Verweisstrukturen. [= Jahrbuch des Instituts für deutsche Sprache 1987] Düsseldorf: Schwann, 30-120.

como as palavras-guias, que se localizam no alto das páginas, ou ainda sílabas iniciais, dedeiras, ou ainda cores no lado oposto à lombada.

Podem ser encontradas também estruturas de acesso externo para os componentes externos, como um sumário das diversas tabelas ou das partes componentes do guia do usuário. Todos os dicionários bilíngues do *corpus* apresentam estruturas de acesso externo.

A estrutura de acesso interna, por sua vez, permite que a informação seja encontrada dentro do verbete. Conforme o modelo de verbete, essa estrutura pode facilitar ou dificultar o acesso, dependendo do modo como as diversas informações são identificadas e distinguidas dentro do verbete. Welker ressalta que a tipografia faz parte da estrutura interna de acesso: a tipografia, o tamanho e cores diferentes das fontes permitem que os lemas sejam encontrados mais rapidamente.

Obviamente, em dicionários pedagógicos para aprendizes, existe a preocupação para que esse acesso seja facilitado, melhorando as estruturas de acesso.

No que diz respeito à estrutura de acesso externa, predomina a classificação por ordem alfabética. Há também a tendência a separar os homógrafos de significados e de classes gramaticais diferentes. A característica mais inovadora e mais importante no que concerne aos VPMs é a tendência a tratar palavras compostas ou derivadas e no caso do inglês, os *phrasal verbs*, não mais como subentradas, mas sim como entradas independentes. (WELKER, 2008:187)

Em relação aos VPMs, a lematização separada parece ser uma ótima solução para facilitar o acesso, infelizmente não adotada por nenhum dos dicionários bilíngues do *corpus*.

Para melhorar a estrutura de acesso interna, têm-se usado tipografias diferentes para tipos de informação diferentes e a inclusão de listas de acepções e indicadores semânticos. As notas de uso costumam ser inseridas em cores diferentes e dentro de caixas.

Nos dicionários bilíngues do *corpus*, há a utilização de símbolos indicando uso figurado para alguns VPMs no PC, assim como barras (cujo significado não é explicitado) e negrito para os equivalentes dos VPMs, mas essas estratégias já não parecem ser suficientes para destacar os VPMs, visto que são adotadas também em outras partes do verbete. No MI é utilizado apenas o negrito e, no MF, um quadradinho ora preto, ora branco, cujo significado e diferenças não são indicados nos componentes anteriores.

- Diagramação

Conforme já mencionamos, Welker (2008:188) afirma que existem críticas em relação à falta de diferenciação tipográfica dos diversos tipos de informação fornecidos no verbete, mas que isso vem mudando em relação aos dicionários pedagógicos, usando-se, por exemplo, as cores preta e azul para destacar os lemas, podendo ainda ser usada a cor vermelha para destacar lemas mais frequentes. Pode ser encontrado ainda o uso da cor rosa para locuções e *phrasal verbs*.

Outros aspectos concernentes à diagramação, que podem auxiliar a leitura e o acesso às informações, são o espaçamento maior entre as linhas, o uso de fontes diferenciadas para cada um dos componentes da microestrutura (como lema, marcas de uso, definição, etc.), o tamanho diferenciado das fontes, a existência de números e símbolos para indicar acepções e categorias gramaticais diferentes. A separação das acepções em novos parágrafos dentro do mesmo verbete pode ser uma excelente escolha para lemas com muitas acepções ou, no caso dos VPMs, para destacá-los, caso sejam inseridos no verbete do verbo do qual tiveram origem.

É relevante refletir sobre o entendimento que o aprendiz terá de como funciona a diagramação do verbete. Para tanto, é aconselhável que haja um período de exploração e integração com o dicionário, possivelmente com o professor fornecendo informações sobre como utilizá-lo e praticando com os aprendizes a localização de informações diversas concernentes aos lemas.

Parece-nos uma boa sugestão a colocação dos símbolos, por exemplo, no rodapé da página, de grupos de cinco em cinco páginas, facilitando o manuseio por parte do consulente, que não precisa ir ao início do volume para descobrir o significado de determinado símbolo. É importante, também, que nenhum símbolo ou abreviação usado na microestrutura esteja ausente no guia do usuário/apresentação, como ocorre no MF, que não apresenta o significado dos símbolos usados nos verbetes.

No PC o espaçamento entre as linhas é bom e parece haver duas fontes diferentes, uma para a entrada e outra para o corpo do verbete. O tamanho da fonte da entrada parece ser levemente maior do que o do corpo do verbete.

No MF o espaçamento entre as linhas também é bom, mas a fonte parece ser igual e um pouco pequena demais, provavelmente para abrigar a grande quantidade de verbetes.

No MI o espaçamento é bom, mas não há distinção de fontes ou do tamanho delas entre a entrada e o corpo do verbete.

- Separação de sílabas

A separação de sílabas precisa ser informada apenas em dicionários de produção, segundo Welker. O autor considera que essa é uma informação que vem perdendo importância e, conseqüentemente, espaço nos verbetes, devido ao fato que quase todos os textos, atualmente, são digitados. Por outro lado, afirma que a separação por sílabas, se for demonstrada por meio de um ponto, não ocupa muito espaço.

Como já referimos no item sobre a pronúncia, os dicionários de recepção italiano – português são usados, no Brasil, também para produção, o que torna a presença dessas informações não totalmente supérfluas, apesar de não serem condizentes com as características de dicionários para recepção. Do mesmo modo, a informação sobre a sílaba tônica, comum nos dicionários monolíngues do *corpus*, também é bastante útil para os aprendizes.

Dentre os dicionários bilíngues do *corpus*, somente o MI apresenta a separação de sílabas, já na entrada, com a palavra grifada em azul e as sílabas separadas por pontos.

A indicação da sílaba tônica está presente nos três dicionários bilíngues, (MI, PC e MF), porém no MI esta é apresentada na informação sobre a pronúncia, através do AFI, inserida dentro de colchetes e ao lado da entrada, como em [*punt'ata*]. No PC a indicação de sílaba tônica é apresentada através de um acento agudo sobre a vogal tônica (*intenditóre*) e no MF por meio de um traço sublinhando a vogal tônica (*aspettare*).

Consideramos bastante provável que o aprendiz possa confundir o acento usado no PC para marcar a sílaba tônica com um possível acento gráfico da palavra. A técnica utilizada pelo MF parece ser mais eficaz e menos propensa a enganos. O traço sob a vogal temática pode ser substituído por um ponto, ou o traço pode também estender-se a toda a sílaba tônica, técnica que ajudaria, em parte, a entender a divisão silábica da palavra.

- Informações gramaticais

Durante a apresentação do nosso Relatório de Qualificação, uma das questões mais importantes acerca da inserção de informações gramaticais foi levantada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ieda Maria Alves, que relembrou que a grande reflexão sobre esse tema em relação aos dicionários, sobretudo nos dicionários para aprendizes, é em que medida, de que forma e onde devem ser inseridas as informações gramaticais.

Segundo Welker (2008:194), nos dicionários pedagógicos observa-se a tendência de inserir mais informações gramaticais além da classificação, gênero e forma de plural irregular, que já constam nos dicionários comuns.

No caso dos VPMs, há, além disso, um problema anterior, o problema da classificação gramatical ainda não sedimentada, como destacamos no capítulo 1. De fato, observa-se nos dicionários bilíngues do *corpus* uma variedade de classificação bastante ampla.

Welker (2008) ressalta também que algumas informações gramaticais, como a conjugação de verbos irregulares, só podem ser inseridas em apêndices, mas que no verbete deve haver algum tipo de remissão indicando onde se localiza esta informação.

Nos dicionários monolíngues *De Mauro – Paravia* e no *GRADIT*, encontra-se inserida no verbete de alguns *verbi procomplementari* (portanto, de alguns VPMs) a conjugação da primeira pessoa do singular como modelo exemplificativo da conjugação, como em *avercela (io ce l'ho)*. Nestes dois dicionários, do mesmo autor, há menção ao fato de que a indicação da conjugação da primeira pessoa do singular é inserida quando necessária, mas não há mais informações sobre quais fatores determinam ser esta indicação necessária ou não.

Outra questão, apontada por Viviani (2006: 284), é a inserção da conjugação da primeira pessoa do singular para *procomplementari* cujo uso é raro nesta conjugação e/ou no presente, como é o caso de *aversela* que traz o exemplo de conjugação “*io me l'ho*”, quando o mais frequente é encontrar o verbo na terceira pessoa e no passado, como em “*se l'è avuta a male*”, por exemplo.

No MF, os VPMs apresentam quase que exclusivamente como informação gramatical a categoria à qual pertencem, geralmente “verbo pronominal”. Essa informação, porém, não é fornecida para todos os VPMs presentes no dicionário. São também indicadas as interjeições,

como em “*vattene!*” Há ainda a informação da adição da partícula *ne* em *venirsi*, como destacamos anteriormente.

No PC alguns poucos VPMs apresentam informação gramatical mais diretamente ligada a eles. Frequentemente esta informação gramatical se limita ao verbo do qual o VPM teve origem. Quando isso ocorre, pode se apresentar como categorização gramatical, como em *fregarsene*, classificado como verbo pronominal. Para o VPM *venirsene*, há também uma observação informando que o verbo pronominal *venirsi* é usado sempre na forma *venirsene*, citada entre parênteses.

No MI não há nenhuma informação gramatical referente aos VPMs.

Welker (2008) assinala, ainda, algumas outras características, exclusivas dos dicionários bilíngues que, dependendo do modo como são elaboradas e trabalhadas, podem tornar o dicionário mais ou menos pedagógico. Destacamos, dentre essas características, os equivalentes, que comentamos abaixo:

- Equivalentes

A busca pelos equivalentes é uma das questões mais relevantes na elaboração de um dicionário bilíngue. Welker (2008:248) narra os passos dos processos de busca de equivalentes segundo Baldinger (1971 apud [Welker 2008: 248])<sup>152</sup>: 1) análise dos sememas do lexema da língua para o qual se procura um equivalente; 2) questionamento sobre a existência, na língua-alvo, de um equivalente para este semema; 3) resposta intuitiva; 4) análise semêmica precisa do possível equivalente para a confirmação ou descarte da escolha.

Welker atenta para dois problemas relevantes na lexicografia: o fato de que muitas vezes interrompe-se o processo na etapa 3 e o fato de que muitas vezes se copiam os equivalentes encontrados nos outros dicionários.

Como alternativa, o autor sugere o aproveitamento de *corpora* paralelos, como o de textos e suas traduções, por exemplo, ao mesmo tempo lamentando o fato de que há *corpora* em poucos pares de línguas e que em português os *corpora* existentes são alinhados somente com o inglês. O autor adverte, porém, para o fato de que a existência de traduções para

---

<sup>152</sup>BALDINGER, Kurt. Semasiologie und Onomasiologie im zweisprachigen Worterbuch. In: Bausch, K.-R.; Gauger, H.-M. (ed.), Interlinguistica. Sprachvergleich und Übersetzung. Tübingen: Max Niemeyer, p. 384-396, 1971.

determinados textos não é garantia de que os equivalentes sejam adequados, pois se sabe que também más traduções são publicadas.

Welker e outros autores diferenciam os tipos e graus de equivalência, que não abordaremos aqui. O autor lembra, porém, que não basta que os sememas da língua-fonte e da língua-alvo sejam iguais para as duas unidades lexicais em questão, mas que eles devem se equivaler também em relação ao registro, à pragmática, à diacronia, à frequência e ao contexto de uso, entre outros.

Segundo Welker, muitas vezes, não havendo um equivalente adequado, são usadas paráfrases, mas o autor questiona a falta de indicação no verbete da distinção entre paráfrase e equivalente, por meio de um símbolo, por exemplo.

É nossa opinião que, em relação aos dicionários pedagógicos bilíngues para aprendizes, os equivalentes devam ser acompanhados de exemplos contextualizados, para que seja facilitada a compreensão das ULs e para que sejam fornecidas outras informações relacionadas com a UL em questão, como o registro e a frequência, por exemplo.

Uma ideia interessante é proposta pelo PC, ao afirmar que os equivalentes não são definitivos, mas que são, como indica o nome do dicionário, palavras-chaves que podem abrir ao leitor um caminho a seguir. O PC, entretanto, por ser um dicionário semibilíngue, conta com o recurso da definição em língua-alvo, que completa e contextualiza o equivalente.

A esse respeito, LEFFA (2001:39) enfatiza que “o significado da palavra não está no dicionário, mas no texto que está sendo lido. O dicionário apenas dá pistas; quem dá o significado da palavra é o texto.”

De modo geral, nos três dicionários os equivalentes são bastante esclarecedores do significado do VPM. Um dos pontos positivos é o fato de os equivalentes já fornecerem a preposição mais frequentemente usada em português com o equivalente do VPM em questão. Um exemplo é o VPM *avercela*, que traz como equivalentes “estar com raiva de alguém” (MF), “estar com raiva de” (PC) e “ter ódio de” (MI). A opção de fornecer a preposição do equivalente certamente auxilia tanto no processo de decodificação quanto em um eventual processo posterior de codificação. Infelizmente, também essa estratégia, embora frequente, não é sistemática, como vemos no PC para o VPM *intendersene*, é apresentado o equivalente “entender”, onde seria melhor “entender de”.



Entretanto, algumas questões sobre os equivalentes atraíram a nossa atenção e nos instigaram a refletir ainda mais sobre a questão dos equivalentes dos VPMs presentes nos dicionários do *corpus*. No MF, por exemplo, há duas apresentações para o VPM *battersela* com significados diversos: “*se la battono*” com o equivalente “são quase iguais” e “*battersela*” com os equivalentes “fugir, sumir-se, dar no pé”. Além de não termos encontrado a primeira acepção em nenhum dicionário monolíngue, acreditamos que essa dupla apresentação possa gerar confusão para o consulente.

Também no MF, para o VPM *farsela* é apresentada a locução “*farsela con qualcosa*” para a qual há dois equivalentes: “entender alguma coisa” e “começar alguma coisa”. Não encontramos nenhum desses significados nos dicionários monolíngues que nos serviram de parâmetro para esta pesquisa. É importante ressaltar, também, que está ausente para esse VPM a acepção “*farsela con qualcuno*” que significa “ter alguma relação com uma pessoa, principalmente amorosa”<sup>153</sup>, a qual é bastante frequente.

No PC, para a locução “*darsela a gambe*” são apresentados os equivalentes “dar às pernas” e “pôr-se em fuga”. Tratando-se de um dicionário para aprendizes, questionamos o uso do equivalente “dar às pernas” por se tratar de expressão pouco conhecida.

## 5.2. O PAPEL DO DICIONÁRIO NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Como bem assinala Duran (2008:199) o dicionário desempenhou papéis diferentes e até contraditórios no decorrer da história do ensino de línguas.

Dependendo do método/abordagem, o dicionário passou de “tábua de salvação” a “vilão número um” no ensino de LE, e atualmente parece caminhar para alcançar seu status legítimo como instrumento didático no ensino/aprendizagem de LE.

Conforme apontam Zucchi (2010:31) e Duran (2008:200), na Abordagem Formal (ou método Gramática e Tradução) utilizado desde o século XIX, era usual a confecção e elaboração de listas de palavras, sintagmas e frases soltas, sem contexto, sem critérios de frequência ou utilização, e que seriam usadas, posteriormente, em traduções e versões.

---

<sup>153</sup> No *GRADIT*: f. con qcn., frequentarlo, spec. assiduamente, o in una relazione amorosa.

Já na Abordagem Funcional (ou Método Direto) as listas de palavras foram abolidas e o léxico passou a ser apresentado em frases com algum contexto. A tradução era evitada, ao passo que a assimilação de conceitos diretamente na LE era estimulada, por meio de figuras, desenhos e objetos que pudessem facilitar o aprendizado do vocabulário concreto. (ZUCCHI, 2010:32)

Seguiram-se abordagens estruturalistas baseadas na repetição e que desconsideravam a questão semântica, com os Métodos Áudio-oral e Audiovisual.<sup>154</sup>

Muitas vezes, o professor, oriundo e treinado nesses métodos/abordagens, fazia verdadeiras acrobacias verbais para tentar demonstrar ao aprendiz conceitos de ULs abstratas ou concretas que não pudessem ser indicadas, sobretudo iconicamente, naquele momento. Paráfrases, sinônimos, antônimos, exemplos e outras explicações eram utilizados para que o aprendiz pudesse compreender ULs de significado mais complexo. Frequentemente esta estratégia era infrutífera, pois se verificava que os aprendizes haviam compreendido as explicações de forma variada e, por vezes, errônea.

No entanto, apesar dessas dificuldades, o dicionário, especialmente o bilíngue, não era consultado ou indicado pelo professor, ao contrário, era desabonado. A esse respeito, Humblé (2004:3) cita:

Ao querer dizer alguma coisa na língua estrangeira, o dicionário sempre sugere uma palavra logo censurada pelo falante nativo ou o professor: “neste caso, diz ele, não falaríamos assim...”.

Welker (2008) cita um trecho de Rossner (1985) que é muito significativo e ilustra bem um exemplo do comportamento adotado pelos professores em relação aos dicionários bilíngues:

A forte reação que seguiu ao declínio das técnicas de gramática-tradução dos anos sessenta muitas vezes significava uma censura da procura (natural) por equivalentes na LM. Os dicionários bilíngues foram banidos, e aprendizes que, em voz baixa, trocavam entre si hipóteses sobre tais equivalentes eram repreendidos. Em vez disso, conduzíamos um jogo sofisticado de adivinhação [...] com mímica, circunlocuções e testes de associação de palavras. Mais recentemente vimos uma (na minha opinião) feliz volta à permissividade/liberalidade: os aprendizes [...] não precisam mais esconder

---

<sup>154</sup> Para um aprofundamento sobre as abordagens e métodos, ver ZUCCHI (2010).

seus dicionários bilíngues ou resistir à tentação impura de pensar na LM. (ROSSNER, 1985 [apud WELKER (2008:83)]<sup>155</sup>)

Duran (2008:200), baseando-se em Lewis (1993)<sup>156</sup> e Moudraia (2001) relata que “o uso do dicionário como acessório do método de ensino foi introduzido pela abordagem lexical”.

A Abordagem Lexical recupera o léxico como um dos núcleos do ensino de línguas, colocando-o em pé de igualdade com a gramática, não sendo contrário, portanto, à Abordagem Comunicativa, a qual tem como foco não mais a língua, mas o processo de aprendizagem da língua. O professor deixa de ser o pólo gravitacional do processo de ensino/aprendizagem, e se torna um facilitador deste processo para o aprendiz. (ZUCCHI, 2010:36)

A Abordagem Lexical se baseia no fato de que não se devem aprender palavras isoladas, mas blocos de palavras que ocorrem conjuntamente (*chunks*), blocos esses que são indicados pelos estudos da linguística de *corpus*. (DURAN, 2008:200)

No que diz respeito aos VPMs, essa abordagem é extremamente interessante, já que os *chunks* parecem se encaixar na categoria que Lewis classificou como *polywords*, a qual abrange os *phrasal verbs*, comparados por nós aos VPMs na seção 4.5.

Moudraia (2001:2) menciona que as atividades utilizadas para desenvolver o conhecimento lexical dos aprendizes incluem, entre outras, o trabalho com dicionários e ferramentas de referência.

A despeito da censura, explícita ou velada, ao uso dos dicionários bilíngues em sala de aula, o aprendiz geralmente considera o dicionário como um instrumento de conhecimento e de autonomia. Zucchi (2010:263) resume a situação, afirmando que “é notória a presença do dicionário no processo de ensino e aprendizagem de qualquer língua estrangeira, com permissão ou auxílio do professor ou não.”

Humblé (2004) cita o “constrangimento em admitir o uso de um dicionário bilíngue por parte dos alunos, resultado da censura dos professores”, e completa:

Algumas pessoas terão a sensação de conhecer uma palavra somente depois de conseguir traduzi-la. Para estas pessoas um dicionário bilíngue falará mais do que mil palavras de um dicionário monolíngue. HUMBLÉ (2004:9)

<sup>155</sup> Cf. ROSSNER, Richard. The Learner as Lexicographer: Using Dictionaries in Second Language Learning. In: ILSON, ROBERT (Ed.) Dictionaries, Lexicography and Language Learning. Oxford: Pergamon, 1985. p. 95-102

<sup>156</sup> LEWIS, Michael. The lexical approach: the state of ELT and the way forward. Hove: Language Teaching Publications, 1993.

Baccin (2009:6) também aponta para este paradoxo sobre o uso de dicionários bilíngues, sob a ótica do aprendiz e sob a ótica do professor:

Quando falamos do uso de dicionário em sala de aula ou como auxílio para elaboração e compreensão de textos, vem à tona um paradoxo interessante. Se de um lado o professor, adepto da didática moderna, estimula a aprendizagem autônoma de seus alunos, esse mesmo professor condena o uso do dicionário como ferramenta de estudo e de pesquisa. A valorização do dicionário é completamente diferente entre alunos e professores de um curso de língua estrangeira. Principalmente nos cursos iniciantes, o professor se coloca como o centro do processo para dirimir as dúvidas e acredita que a exposição dos alunos a textos autênticos e/ou didatizados seja suficiente para que o aluno amplie o seu léxico. Para os alunos, o dicionário é ferramenta de autonomia, nele não só consulta as palavras desconhecidas, mas também verifica se a relação que fez sem o dicionário está correta. O dicionário é a sua segurança, a ponte entre os dois idiomas.

Zucchi (2010:264), em sua tese de doutorado, comprova o caráter de auxílio efetivo que o dicionário bilíngue exerce na compreensão de textos, ao testar a compreensão de algumas ULs com o uso de dicionários e sem, demonstrando que “os grupos que utilizaram os dicionários obtiveram melhores resultados que o grupo sem dicionário”.

Welker (2008:42-43) constata e lamenta o fato de que, na maioria dos livros sobre o ensino e aprendizagem de línguas, os dicionários são ignorados ou são objeto de raros artigos em boa parte das revistas especializadas em Linguística Aplicada que se dedicam ao ensino/aprendizagem de línguas, “embora seja evidente que tanto alunos quanto professores os consultam”.

Sendo a utilização de dicionários (principalmente os bilíngues) por parte dos aprendizes uma questão consolidada, advêm deste fato duas consequências: a primeira, que é necessário assumir e promover a importância do dicionário como ferramenta didática eficaz no ensino de LE e a segunda, que é promover a “aproximação” do aprendiz com o dicionário e do dicionário com o aprendiz, seja por meio do ensino do uso do dicionário, seja por meio da adoção de estratégias lexicográficas pedagógicas na elaboração de dicionários.

Diversas pesquisas (Zucchi, 2010; Duran, 2008; Welker, 2008; Leffa, 2001) apontam para o fato que não é somente a utilização ou não do dicionário a favorecer a compreensão de ULs em LE, mas também o modo como são elaborados os dicionários e o modo de consultá-

los por parte dos aprendizes. Estes deveriam ser ensinados a desenvolver as suas capacidades de pesquisa, isto é, deveriam ser ensinados a usar o dicionário e desfrutá-lo na sua totalidade.

Humblé (2004) aborda também a questão da extensão da macroestrutura no processo de compreensão, afirmando que “é mais provável que um usuário procure uma palavra rara do que uma palavra comum” e que a “inclusão de palavras pouco frequentes é essencial para um bom dicionário de compreensão”.

Nesse sentido, o tratamento lexicográfico destinado aos VPMS nos dicionários bilíngues, tanto em quantidade como em qualidade, poderia implicar não apenas em uma melhoria na compreensão destas ULs, mas em uma possível melhoria na aprendizagem e uso desta categoria verbal pelos aprendizes. Como afirma Tarp (2006), “as informações extraídas dos dicionários **podem**<sup>157</sup> se converter em capacidade linguística”.

Não temos dúvidas de que uma maior atenção lexicográfica dedicada aos VPMS nos dicionários bilíngues seria inteiramente profícua para os aprendizes, tanto no que diz respeito à quantidade quanto à qualidade da informação lexicográfica, recobrando itens lexicográficos ainda pouco desenvolvidos em tais obras e levando em consideração o desejo de autonomia do aprendiz.

### 5.3. A ELABORAÇÃO DE UM MODELO DE VERBETE ITALIANO – PORTUGUÊS PARA OS VPMS

No processo de elaboração de um modelo de verbete para um dicionário, acreditamos que o primeiro fato a levar em consideração é saber que tipo de dicionário se tem em mente, quem vai ser o usuário desse dicionário, e para qual atividade ele será usado. Consideramos igualmente importante levar em conta a forma de apresentação desse dicionário, ou seja, se os verbetes se destinam a compor um dicionário eletrônico ou impresso.

Anteriormente já havíamos apresentado as características da microestrutura consideradas desejáveis em um dicionário bilíngue para aprendizes. Tendo em vista, portanto, um dicionário bilíngue pedagógico italiano – português, construímos o nosso modelo de verbete baseados nas ideias apresentadas anteriormente, na seção 5.1.

---

<sup>157</sup> O grifo é nosso, pois Tarp salienta muito bem que nem tudo que é consultado é aprendido, citando Scholfield (1999). Cf. SCHOLFIELD, Phil (1999): Dictionary Use in Reception. *International Journal of Lexicography*. Volume 12. Number 1, 1999. Oxford: Oxford University Press, pág. 13-34.

Do mesmo modo, utilizamos opções lexicográficas usadas no *Longman Dicionário Escolar para Estudantes Brasileiros*, por ser este um dicionário bastante elogiado por lexicógrafos<sup>158</sup> e por ter sido objeto do nosso estudo comparativo entre os VPMs e os *phrasal verbs*, categoria verbal que foi apresentada por esse dicionário de maneira muito interessante sob o ponto de vista lexicográfico<sup>159</sup>.

Uma das características lexicográficas que acreditamos que não deveriam ser reproduzidas em um dicionário bilíngue pedagógico é a que diz respeito aos verbetes longos, estruturados em um bloco único. Consideramos que tal característica pode desanimar o consulente, que sabe que perderá tempo até encontrar a informação desejada dentro do verbete.

Como já relatamos no Capítulo 1, ainda não há um consenso sobre a categorização gramatical dos VPMs como verbos pronominais, *procomplementari* ou outra denominação. Apesar deste fato, consideramos que os VPMs, a exemplo dos *phrasal verbs*, constituem ULs autônomas e, portanto, compuseram entrada nas nossas amostras de verbetes.

Na elaboração do modelo de verbete para os VPMs, procuramos atender aos macroparadigmas que compõem o enunciado lexicográfico, segundo Barbosa (1999): o paradigma informacional (PI); o paradigma definicional (PD) e o paradigma pragmático (PP). Na microestrutura dos dicionários bilíngues também há o paradigma das formas equivalentes (PFE).

O PI pode conter informações tais como a abreviatura, a categoria gramatical, a conjugação, a pronúncia, entre outros. O PD pode conter a explicação sobre a UL em forma de paráfrase, em cada uma das suas acepções. O PP pode conter informações contextuais, tais como exemplos e outras informações.

É importante ressaltar que, conforme Barbosa (1999:42) “esses macro-paradigmas, por sua vez, subdividem-se em micro-paradigmas, variáveis em qualidade e quantidade, conforme a natureza da obra, seus objetivos, limites e público-alvo”.

À luz dessas considerações e das reflexões a respeito das características ideais em relação aos dicionários pedagógicos bilíngues concernentes à macro e à microestrutura que realizamos na seção 5.1., arrolamos os elementos constitutivos que consideramos desejáveis

---

<sup>158</sup> Cf. WELKER (2008:291)

<sup>159</sup> Cf. SANTOS (2010)

para um verbete de VPM em um dicionário semibilíngue de decodificação, impresso, para aprendizes de italiano LE, de nível médio a avançado:

1. Entrada em negrito, coloração azul, fonte maior do que a fonte do corpo do verbete, preferencialmente em fonte diferenciada. Entrada elaborada na forma lematizada para verbos, isto é, no infinitivo. Formas conjugadas poderiam ser inseridas como exemplo ou em acepções do VPM.
2. Classificação gramatical: dado o caráter não consensual das denominações utilizadas por vários autores em relação a essa categoria verbal, adotaremos, para fins deste trabalho, a sigla VPM para a classificação de verbos pronominais múltiplos, conforme referido na seção 1.1.
3. Redução do número de abreviaturas.
4. Vocabulário controlado para a metalinguagem (definições e exemplos), mas não restritivo, de modo que possa “engessar” a definição ou que não estimule o aluno por meio do “*input + 1*”, descrito por Krashen. Este item deve ser controlado na elaboração de cada verbete e, posteriormente, na análise cruzada das ULs presentes nos verbetes de VPMs, no dicionário como um todo.
5. Definição: por meio de paráfrase em LE (visto se tratarem de verbetes para aprendizes de nível médio a avançado como público-alvo) e equivalentes, estes últimos em negrito.
6. Marcas de uso ou registro: sempre que este dado estiver disponível. Para tanto serão utilizadas as seguintes abreviaturas:
  - a) *fam.* - linguagem familiar
  - b) *pop.* - linguagem popular
  - c) *vulg.* - linguagem vulgar
  - d) *ant.* - antigo
  - d) *fig.* - uso figurado

7. Notas de frequência: sempre que esta informação estiver disponível, para as quais usaremos as abreviaturas inspiradas nas notas utilizadas por De Mauro, na seção 4.3. São elas:
- a) FU – fundamental – UL de altíssima frequência.
  - b) OB – obsoleto – vocábulos obsoletos, mas ainda presentes em grandes dicionários de língua italiana.
  - c) BU – baixo uso – vocábulos raros, mas ainda frequentes em textos e discursos orais.
  - d) RE – vocábulos usados principalmente em uma das variantes regionais do italiano, seguido de indicação da região.
8. Notas de uso, relacionadas a aspectos gramaticais, pragmáticos, diferenças culturais e outras observações pertinentes, se for o caso.
9. Língua materna: será usada nas formas equivalentes, na tradução de exemplos, abreviaturas, siglas e notas de uso.
10. Língua estrangeira: será utilizada nas definições, compiladas por meio de outros dicionários, elaboradas por nós ou retiradas de *sites* italianos.
11. Frases-exemplo: presença de frases-exemplo para todos os VPMs, retiradas de outros dicionários, elaboradas por nós ou retiradas de *sites* italianos. Utilização de tradução dos exemplos.
12. Inserção de colocações e expressões relacionadas aos VPMs.
13. Uso de cores: utilização de cores na entrada (azul) e nos símbolos: o quadrado de cor vermelha (■) indica o(s) equivalente(s) e o triângulo marrom (►) indica as locuções. A Nota de uso também terá fundo azul.
14. Diagramação: serão usadas cores, tipos e tamanhos diferentes para os componentes da microestrutura e, principalmente, a separação das acepções em novos parágrafos dentro do mesmo verbete. As diferentes acepções serão numeradas.
15. Separação de sílabas: demonstrada por meio de pontos. Embora mais usada em dicionários de produção e perdendo importância pelo maior número de textos



digitados, muitos trabalhos e provas ainda são feitos a mão pelos aprendizes, que podem utilizar o dicionário em uma dessas atividades.

16. Indicação de sílaba tônica: indicada por um traço sublinhando a vogal tônica. A justificativa tem as mesmas razões do item acima, o uso de tais informações para uma posterior etapa de produção, até mesmo oral.
17. Inserção da conjugação da primeira pessoa do singular do VPM ou de uma forma bastante frequente para aquele determinado VPM.
18. Indicação da preposição mais frequente usada com o VPM ou em uma das acepções mais frequentes daquele VPM, se ocorrer.

Tais elementos serão apresentados sob a seguinte forma gráfica:

**en.tra.da** *categoria gramatical* **NOTA DE FREQUÊNCIA ABREVIADA** (forma conjugada)  
**1** definição em LE da primeira acepção ■ **equivalentes da primeira acepção** *frase-exemplo em LF/tradução da frase-exemplo 1; frase-exemplo em LF/tradução da frase-exemplo 2* ► *locução 1; locução 2: equivalente da locução 1, equivalente da locução 2*  
**2** definição em LE da segunda acepção ■ **equivalentes da segunda acepção** verbo + principal preposição: *frase-exemplo em LF/tradução da frase exemplo* ► *locução 1; locução 2: equivalente da locução 1; equivalente da locução 2*  
 Atenção! Nota de uso: *frase-exemplo da nota de uso/tradução da frase exemplo da nota de uso*

#### 5.4. AMOSTRAS DE VERBETES DE VPMs ITALIANO – PORTUGUÊS

É importante notar que os elementos do verbete-modelo encontram-se em uma “configuração média” para abarcar a maioria dos casos de VPMs. Eventuais modificações, ainda que mínimas, especialmente na posição dos elementos componentes da microestrutura e omissão da nota de uso, podem ser efetuadas a fim de obtermos maior clareza visual e maior organização dentro das amostras de verbete.

Após estas considerações, apresentamos amostras de verbetes para os VPMs *cavarsela, farcela, farsela, filarsela, fregarsene, strafottersene* e *volercene*, procurando oferecer uma amostragem variada das possibilidades lexicográficas para os VPMs.

**ca.var.se.la** VPM CO (io me la cavo)

**1** uscire fortunatamente da una situazione di pericolo ■ **safar-se, escapar (com vida), livrar-se** *me la sono cavata anche questa volta/ desta vez também escapei; siamo riusciti a cavarcela/conseguimos nos safar* ► *c. per miracolo; c. per il rotto della cuffia: escapar por milagre, escapar por um fio, por um triz*

**2** superare più o meno brillantemente una situazione difficile ■ **virar-se, arranjar-se** cavarsela con: *con quel lavoro me la cavo/com aquele trabalho eu me viro* ► *c. con poco arranjar-se com pouco; in quel negozio te la cavi con poco/naquela loja você se arranja com pouco; c. a buon mercato (fig.): sair barato para alguém (fig.) l'aggressore se l'è cavata a buon mercato/saiu barato para o agressor*

**3** riuscire abbastanza bene in qualcosa ■ **sair-se bem, dar-se bem, arranjar-se, virar-se** cavarsela con: *con l'inglese ve la cavate/em inglês vocês se viram; se l'è cavata bene da solo/se arranjou bem sozinho*

Atenção! O pronome "la" é fixo e o verbo *cavare*, quando está no participio passado, permanece no feminino: *i ragazzi se la sono cavata bene negli esami/os garotos se saíram bem nos exames*

**far.ce.la** VPM CO (io ce la faccio)

**1** riuscire in qualcosa ■ **conseguir** farcela a: *sono sicuro che ce la farai a superare l'esame/tenho certeza que você vai conseguir passar no exame*

**2** riuscire a portare a termine qualcosa ■ **conseguir/poder terminar algo** *ce la posso fare in due ore/consigo/posso terminar em duas horas*

Atenção! Usado em modo negativo, significa não aguentar mais (uma situação): *non ce la faccio più!/não aguento mais!*

**far.se.la.** VPM CO (io me la faccio)

**1** frequentare qualcuno assiduamente o in una relazione amorosa ■ **meter-se, coinvolgere com alguém** farsela con qualcuno: *lei se l'è fatta con i peggiori teppisti della città/ela se meteu com os piores marginais da cidade; è un politico che se la fa con i mafiosi/é um político que se envolve com os mafiosos*

**2** pop. imbrattarsi di fece o di urina/spaventarsi ■ **fazer nas calças/na roupa** ► farsela addosso/sotto/nei pantaloni: *fazer xixi ou cocô nas calças, molhar-se, borrar-se il bambino se l'è fatta addosso o menino fez xixi nas calças; (também fig.) gli studenti se la fanno sotto dalla paura degli esami/ os alunos se borram de medo dos exames*

► *farsela bene* divertirsi, godere la vita; *lui era sempre allegro, sempre disposto a farsela bene con gli amici/ele estava sempre alegre, sempre disposto a se divertir com os amigos*

**fi.lar.se.la** VPM CO (io me la filo)

**1** fam. andarsene via rapidamente, allontanarsi in tutta fretta ■ **mandar-se, dar no pé i ladri** *se la sono filata a piedi/os ladrões se mandaram a pé* ► *filarsela all'inglese* allontanarsi senza farsi notare *sair à francesa, sair de fininho*

Atenção! Observe a diferença cultural entre o italiano e o equivalente português na expressão *filarsela all'inglese*

**fre.gar.se.ne** VPM CO (io me ne frego)

**1** pop. non preocuparsi per nulla di qualcuno o di qualcosa ■ **lixar-se, não ligar, não estar nem aí** fregarsene di: *lei se ne frega di quello che dice la gente/ela está se lixando para o que as pessoas dizem; certe persone se ne fregano di tutti/certas pessoas não ligam para ninguém*  
 Atenção! Usado como pergunta retórica para exprimir descaso total: *e chi se ne frega? e daí?*  
 Também usado como exclamação, escrito como uma só palavra: *chissenefrega!* que se dane!

**stra.fot.ter.se.ne** VPM CO (io me ne strafotto)

**1** vulg. mostrare totale disinteresse e non curanza per qualcuno o qualcosa ■ **estar cagando para** strafottersene di: *se ne strafotte del giudizio degli altri/está cagando para a opinião dos outros*

**vo.ler.ce.ne.** VPM CO (ce ne vuole)

**1** occorrere, essere necessario; non essere facile fare qualcosa ■ **precisar muito** volercene a: *ce ne vuole a farlo alzare dal letto! / precisa muito para fazê-lo levantar da cama; li ho convinti, ma ce n'è voluto! / eu os convenci, mas precisou muito!*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos o presente trabalho apresentando uma categoria verbal ainda pouco estudada e explorada em obras lexicográficas, que, entretanto, está bastante presente no cotidiano de profissionais e aprendizes envolvidos com a língua italiana: os verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal, como por exemplo, *andarsene*, *farcela* e *fregarsene*.

Por meio de pesquisas como as desenvolvidas por De Mauro, Simone e Viviani, entre outros, passamos a conhecer o universo desta categoria verbal e as suas várias denominações (*verbi sintagmatici*, *verbi procomplementari*, *verbi frasali*, verbos pronominais, verbos reflexivos) nenhuma delas ainda consolidada na literatura acadêmica. Fez-se necessário, portanto, que cunhássemos um nome que designasse tais verbos para uso nessa dissertação, que foram denominados verbos pronominais múltiplos, com base no trabalho de Simone (1996), para os quais adotamos a sigla VPMs.

Apontando como esses verbos se uniram às partículas pronominais por meio dos fenômenos de lexicalização e gramaticalização, e adquiriram valor sintagmático (que vai além do somatório dos significados das partes componentes), demonstramos que os VPMs compõem unidades lexicais autônomas, passíveis de constituírem entrada em obras lexicográficas. Isto já acontece no dicionário que nos serviu (e também a Viviani) de guia em nossa pesquisa, o *GRADIT*.

Entretanto, formações semelhantes aos VPMs, mas sem significado sintagmático, podem ocorrer frequentemente em discursos orais e escritos, dificultando o ensino/aprendizagem destes verbos e originando formas que denominamos, neste trabalho, de *falsos VPMs*. Tais formas resultam da união de partículas pronominais ao verbo, cujo significado, porém, é mera decorrência do significado da soma de seus componentes e, portanto, mais transparente e dedutível.

Intrigados com o paradoxo da presença dos VPMs no cotidiano de aprendizes, professores e tradutores, por um lado, e com a sua baixa presença lexicográfica, por outro lado, procuramos demonstrar que estes verbos, apesar de estarem presentes na língua italiana desde 1294, segundo datação do *GRADIT* para o VPM *andarsene*, estão mais ligados à

variante *neostandard* do italiano e que tal variante ainda é pouco representada nos manuais de ensino de italiano LE, apesar de ser facilmente encontrada na literatura e em jornais italianos.

A respeito da presença da variante *neostandard* nos materiais didáticos e paradidáticos e no ensino de italiano como LE, de forma geral, é perturbador e ao mesmo tempo estimulante, pelas possibilidades que abre, o comentário ouvido por Viviani (2006: 301) de um aluno seu, já de nível avançado, conhecedor de gramática e residente na Itália, que lhe pedia para ensinar o italiano verdadeiro, pois ele era capaz de ler e comentar a poesia de Ungaretti, mas não conseguia entender o que as pessoas lhe diziam na rua<sup>160</sup>.

Para verificar de modo mais específico as dificuldades enfrentadas pelos aprendizes em relação aos VPMs, especialmente em relação ao âmbito lexicográfico, elaboramos e aplicamos uma pesquisa destinada aos professores, os quais poderiam ter uma visão mais clara dessas dificuldades, por conhecerem melhor o objeto de estudo. Os professores foram praticamente unânimes em reconhecer a dificuldade no aprendizado desta categoria verbal, a pouca representatividade e irregularidade da apresentação destes verbos em manuais de ensino de italiano LE e dicionários bilíngues e, sobretudo, em reconhecer que um tratamento lexicográfico mais acurado e voltado para os aprendizes seria muito proveitoso para aprendizes e professores.

Ao reconhecermos que os *VPMs verdadeiros* compõem ULs autônomas e de significado mais opaco, procedemos a um arrolamento de verbos dessa categoria tanto em dicionários monolíngues quanto bilíngues, atingindo o número de 72 VPMs mais frequentes no GRADIT e em jornais italianos. Constatamos que os VPMs estão presentes nos dicionários bilíngues do *corpus* documental. Todavia verificamos que esses verbos têm baixa representatividade em número e recebem tratamentos lexicográficos nem sempre esclarecedores, principalmente a respeito de suas características semânticas e de uso.

Para que pudessemos compreender melhor os motivos da baixa representatividade lexicográfica dos VPMs, procedemos também a uma investigação sobre o panorama lexicográfico bilíngue italiano – português no Brasil, analisando as características constitutivas de três dos principais dicionários utilizados e comercializados no Brasil. Esta investigação demonstrou uma ampla variedade de opções lexicográficas adotadas nestes

---

<sup>160</sup> No original: “Please teach me real italian: I can read Ungaretti’s poetry aloud and comment it, but I don’t understand what people tell me in the street” (VIVIANI, 2006:301, nota de rodapé nº 118). (tradução nossa)

dicionários, ao mesmo tempo em que apontou nichos ainda não cobertos por obras mais direcionadas e específicas, como dicionários de produção português – italiano e dicionários de decodificação dirigidos a aprendizes de nível intermediário a avançado.

De fato, sob o prisma da Lexicografia Pedagógica bilíngue, analisamos os dicionários do *corpus* documental e percebemos que, embora haja dicionários que na sua introdução indiquem os aprendizes de língua italiana LE como público-alvo, nem sempre as opções lexicográficas adotadas por eles são padronizadas dentro da obra, ou exploradas ao máximo ou ainda realmente elaboradas para o benefício dos aprendizes, especialmente no que tange aos VPMs.

Apoiados principalmente nos trabalhos de Welker (2008) e Duran e Xatara (2006), avaliamos as características capazes de tornar um dicionário mais pedagógico, isto é, quais opções lexicográficas em relação à macro e à microestrutura poderiam facilitar a consulta e incrementar a eficácia desta para um público-alvo de aprendizes. Com esta análise verificamos que elementos como uma definição mais ampla e acurada, a presença de marcas de uso ou registro adequadas, a presença de notas de uso explicativas sobre os elementos mais problemáticos em relação à significação e ao uso, dentre outros, poderiam proporcionar mais didaticidade ao dicionário e aos verbetes que envolvem os VPMs. Isto, porém, nem sempre ocorre, mesmo nos dicionários dirigidos para aprendizes.

Cumprido destacar, entretanto, que de maneira geral, os dicionários do *corpus* parecem adotar, de modo crescente, estratégias e opções que visam beneficiar e facilitar a consulta, principalmente por parte dos aprendizes de italiano LE. A opção pelo português falado no Brasil, a inclusão de notas de uso e a inserção de definições em LE seguidas por equivalentes atuais são exemplos louváveis de opções adotadas na elaboração e comercialização destas obras lexicográficas.

Inspirados pela comparação realizada por Simone entre os *verbi sintagmatici* e os *phrasal verbs*, efetuamos uma análise lexicográfica comparativa entre alguns VPMs e alguns *phrasal verbs*, com o objetivo de verificar se estes últimos recebem um tratamento lexicográfico mais acurado em dicionários bilíngues inglês – português e se tal tratamento poderia ser aplicado aos VPMs. Observamos como resultado dessa pequena investigação que, de modo geral, os *phrasal verbs* receberam um tratamento lexicográfico mais cuidadoso e mais amplo, figurando como entrada, com maior quantidade de exemplos, tradução dos exemplos e indicações de marcas de uso. Dentre os dicionários de inglês analisados, destacou-

se o *Longman Dicionário Escolar*, do qual colhemos algumas ideias para a elaboração do nosso modelo de verbete para os VPMs.

Ainda com respeito à Lexicografia Pedagógica, especialmente a bilíngue, corroboramos, por meio das diversas leituras, a nossa opinião sobre o caráter fundamental do dicionário como instrumento de autonomia e de conhecimento à disposição do aprendiz, augurando o crescimento das pesquisas sobre o seu uso e um crescente estímulo à utilização desta ferramenta pedagógica em sala de aula.

Fundamentados nos resultados obtidos na averiguação dos VPMs nos dicionários do *corpus* e nos princípios da Lexicografia Pedagógica bilíngue, elaboramos um modelo de verbete para os VPMs, além de 7 amostras de verbetes para exemplificar as características que consideramos lexicograficamente relevantes em relação a estes verbos.

Esperamos, por fim, que a nossa pesquisa tenha contribuído para lançar luz sobre essas unidades lexicais que ainda traçam o seu caminho rumo à visibilidade lexicográfica e que possa servir de inspiração para investigações futuras relacionadas ao ensino de uma língua italiana “viva e vera” que, já em 1850, Manzoni almejava.

## REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, D. **De Vulgari Eloquentia**. Edizione di riferimento: Opere minori di Dante Alighieri, vol. II. Torino: UTET, 1986. Disponível em: <[http://www.classicitaliani.it/dante/prosa/vulgari\\_ita.htm](http://www.classicitaliani.it/dante/prosa/vulgari_ita.htm)>
- ALVES, I. M. **A delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade**. Palavra (PUCRJ), Rio de Janeiro, v. 5, p. 69-80, 1999.
- ARCANGELI, M. **Lingua e società nell'era globale**. Meltemi: Roma, 2005
- ARDOLINO, F.; BEDOGNI, U. **Dizionario dell'uso dei verbi italiani**. Perugia: Guerra Edizioni, 2004.
- BACCIN, P. *Cantiere di parole: os desafios na elaboração de um dicionário pedagógico voltado para a produção*. In: **VII ENGTLEX, 2009**. São José do Rio Preto. Resumos expandidos. Disponível em: <[http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/viiengtlex/pdf/resumos/Paola\\_Baccin.pdf](http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/viiengtlex/pdf/resumos/Paola_Baccin.pdf)> Acesso em: 14/01/2011
- BALBONI, P.E. **Tecniche Didattiche per l'educazione linguistica**. Torino: UTET, 1998.
- BARBOSA, M. A. Estruturas, funções e processos de produção de dicionários terminológicos multilíngües. In: **Revista do GELNE**, ano 1, nº 2, 1999. Disponível em: <[http://www.gelne.ufc.br/revista\\_ano1\\_no2\\_08.pdf](http://www.gelne.ufc.br/revista_ano1_no2_08.pdf)> Acesso em 18/02/2010.
- BAUER, L. **Introducing Linguistic Morphology**. Edinburgh: E.U.P., 1988.
- BENUCCI, A. (org.) **Sillabo di italiano per stranieri**. Perugia: Guerra, 2007.
- BERRETTA, M. I pronomi clíticos nell'italiano parlato. In: **Gesprochenes Italienisch in Geschichte und Gegenwart**. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1985.
- BERRETTA, M. Morfologia. In: **Introduzione all'italiano contemporaneo. Le strutture**, p. 193-245. A.A. Sobrero (org.) Roma-Bari: Laterza, 1993.
- BERRUTO, G. **Sociolinguistica dell'italiano contemporaneo**. Roma: NIS (La Nuova Italia Scientifica), 1987.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BLANCO, X. Élaboration et réutilisation des exemples dans la Lexicographie Bilingue. In: BÉJOINT, H.; THOIRON, P. **Les dictionnaires bilingues**. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1996, cap. 5.
- CALVINO, I. **Il cavaliere inesistente**. Milano: Arnoldo Mondadori, 1993.



CALVINO, I. **O Cavaleiro Inexistente**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras (edição de bolso), 2005.

CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 11a ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CAMBRIDGE'S dictionary online. **Cambridge advanced learner's dictionary**. Cambridge: Cambridge University Press; 2002.

Disponível em: < <http://dictionary.cambridge.org/dictionary/british/phrasal-verb> >  
Acesso em 10/12/2008

CONFORTI, C.; CUSIMANO, L. **Linea Diretta 2**. Perugia: Guerra Edizioni, 1997.

CONFORTI, C.; CUSIMANO, L. **Linea Diretta nuovo (1B)**. Perugia: Guerra Edizioni, 2005.

CONSIGLIO D'EUROPA. **Quadro comune europeo di riferimento per le lingue: Apprendimento, insegnamento, valutazione**. 2ª ed. Tradução do inglês de Franca Quartapelle e Daniela Bertocchi. Milano: RCS Scuola/Firenze: La Nuova Italia, 2004.

CORBUCCI, G. Fenomeni di variazione sociolinguistica nell'insegnamento dell'italiano a stranieri. Vol 1, Nº 2 (2007) **Studi di glottodidattica**, Università degli Studi di Bari. Disponível em: <<http://ojs.cimedoc.uniba.it/index.php/glottodidattica/article/view/15#>>  
Acesso em: 04/06/2010

COSERIU, E. **Lições de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

D'ACHILLE, P. **L'italiano contemporaneo**. Bologna: Il Mulino, 2006.

DARDANO, M.; TRIFONE, P. **Grammatica italiana con nozioni di linguistica**. 3ª ed. Bologna: Zanichelli, 1997.

DE GIULI, A.; GUASTALLA, C.; NADDEO, C.M. **Magari**. Firenze: Alma Edizioni, 2008.

DE MAURO, T. **Grande dizionario italiano dell'uso – GRADIT**. Torino: UTET, 2000.

DE MAURO, T. **Il dizionario della lingua italiana**. Milano: Paravia, 2000.

DURAN, M. S. **Dicionários bilíngües pedagógicos: reflexões, análise e propostas**. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). UNESP, São José do Rio Preto, 2004.

DURAN, M. S. A Lexicografia Pedagógica e sua contribuição para a mudança do paradigma lexicográfico. In: Xatara, C. M.; Bevilaqua, C.; Humblé, P. (Org.). **Lexicografia Pedagógica: pesquisas e perspectivas**. Florianópolis: UFSC/NUT, 2008, p.82-93. Disponível em: <<http://www.cilp.ufsc.br/LEXICOPED.pdf>>

DURAN, M. S. O ensino do uso do dicionário aos aprendizes de língua estrangeira: quem se importa? **Revista do GEL**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 199-212. 2008. Disponível em: <[http://www.gel.org.br/revistadogel/volumes/5/RG\\_V5N2\\_11.pdf](http://www.gel.org.br/revistadogel/volumes/5/RG_V5N2_11.pdf)>. Acesso em: 14/11/2010

DURAN, M. S.; XATARA, C. M. A Metalexiconografia Pedagógica. In: **Cadernos de Tradução**. UFSC - vol. 2, nº 18. 2006 a.

DURAN, M.S., XATARA, C.M. A função da definição nos dicionários bilíngües. In: **Alfa**, São Paulo, 50 (2): 145-154, 2006 b.

Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1416/1117>>

FRATTER, I. **Un'altra vita**. Firenze: Alma Edizioni, 1999.

GIORDANO, P. **La solitudine dei numeri primi**. Milano: Mondadori, 2008.

HUMBLÉ, P. **Dicionários e o ensino de línguas**. 2004. [no prelo] Disponível em: <<http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?idpub=26>>. Acesso em: 14/01/2011.

HUMBLÉ, P. Melhor do que muitos pensam. Quatro dicionários bilíngües para uso escolar. In: **Cadernos de Tradução** (Florianópolis), v. 18, p. 253-274, 2006.

KRASHEN, S.D. **The Input Hypothesis**. New York: Pergamon Press, 1985.

LEFFA, V.J. O uso de dicionários on-line na compreensão de textos em língua estrangeira. Trabalho apresentado no **VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada**. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 de outubro de 2001. p. 39 (resumo).

LEONE, F. Italiano neostandard e letteratura. **Atti dell'VIII Congresso degli Italianisti Scandnavi** - Aarhus-Sandbjerg, 21-23 giugno 2007.

Disponível em:

[http://italiensk.au.dk/fileadmin/www.italiensk.au.dk/publikationer/atti\\_tutto\\_formato\\_pdf.pdf](http://italiensk.au.dk/fileadmin/www.italiensk.au.dk/publikationer/atti_tutto_formato_pdf.pdf)

MANZONI, A. **I promessi sposi**. Angelo Marchese (org.), Milano: Mondadori, 1985. Disponível em: <[http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume\\_8/t337.pdf](http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_8/t337.pdf)>

MANZONI, A. **Lettera a Giacinto Carena**. Disponível em: <[http://www.classicitaliani.it/manzoni/app\\_unit\\_lingua.html](http://www.classicitaliani.it/manzoni/app_unit_lingua.html)> Acesso em: 05/11/2009

MARELLO, C. **Dizionari bilingui**. Bologna: Zanichelli, 1989.

MOUDRAIA, O. Lexical approach to second language teaching. **ERIC DIGEST**, Washington DC, jun. 2001. Disponível em: <[http://www.cal.org/resources/digest/digest\\_pdfs/0102-moudraia-lexical.pdf](http://www.cal.org/resources/digest/digest_pdfs/0102-moudraia-lexical.pdf)> Acesso em 14/01/2010.

NOCCHI, S.; TARTAGLIONE, R. **Grammatica avanzata della lingua italiana**. Firenze, Alma Edizioni, 2006.

PIRANDELLO, L.: **L'Innesto. La patente. L'uomo, la bestia e la virtù**. Milano: Arnoldo Mondadori, 1970.

PIRANDELLO, L. **Maschere nude**, Alessandro D'Amico (org.) vol. 2, I Meridiani, Milano: Arnoldo Mondadori, 3ª edizione, 1999.

PIRANDELLO, L. **O Enxerto; O homem, a besta e a virtude**. Tradução de Aurora Forni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo, Edusp, 2003.

RUSSI, C. Grammaticalization and lexicalization at work together - Some evidence from Italian - **NRG 4 New reflections on Grammaticalization 4**. University of Leuven 16-19 July 2008 <[http://www.ling.arts.kuleuven.be/nrg4/\\_pdf/russi.pdf](http://www.ling.arts.kuleuven.be/nrg4/_pdf/russi.pdf)> Acesso em 11/10/2009.

SABATINI, F. L'italiano dell'uso medio: una realtà tra le varietà linguistiche italiane. In **Gesprochenes Italienisch in Geschichte und Gegenwart**, Tübingen: Gunter Narr Verlag, p. 154-184, 1985.

SABATINI, F.; COLETTI, V.: **DISC, Dizionario Italiano Sabatini Coletti**, Firenze: Giunti, 1997.

SANTORO, E. L'insegnamento dell'italiano a San Paolo: lingua straniera o seconda lingua? **Revista de Italianística**, São Paulo, v. IX, p. 129-137, 2004.

SANTOS, R. D. *Verbi sintagmatici versus phrasal verbs*: uma análise comparativa dos tratamentos lexicográficos em dicionários bilíngues. In: **Congresso da Associação Brasileira de Professores de Italiano**, 2009, Belém. Caderno de Resumos.

SANTOS, R. D. Presença e tratamento lexicográfico de verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal em alguns dicionários bilíngues em uso no Brasil. **Serafino** (Cadernos de Pós-Graduação do programa de Língua e Literatura Italiana, FFLCH-USP) v. 3, p. 104-110. Gráfica FFLCH, São Paulo, 2010.

SIMONE, R. Esistono verbi sintagmatici in italiano?, **Cuadernos de Filología Italiana** (Servicio de Publicaciones UCM) Madrid, nº 3, p. 47-61, 1996. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/flil/11339527/articulos/CFIT9696110047A.PDF>> Último acesso: 22/03/2011

STREHLER, R. Marcas de uso nos dicionários. In: OLIVEIRA, A. M. P. de; ISQUIERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFSM, 2001.

SVEVO, I. Tutte le opere. Mario Lavagetto (org.), vol. II. **Racconti scritti e autobiografici**, Milano: Arnoldo Mondadori editore, 2004.

TARP, S. Lexicografia de aprendizagem. **Cadernos de Tradução** 18: 295-317. 2006. <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6974>> Acesso em 15/01/2011

VERGA, G. **I romanzi brevi e tutto il teatro**. Roma: Newton Compton Editori, 1996.

VIVIANI, A. I verbi procomplementari tra grammatica e lessicografia. **Studi di grammatica italiana** nº 25, p. 255-331. Firenze: Accademia della Crusca, 2006.

WELKER, H. A. **Bibliografia da Metalexigrafia Pedagógica**. 2007. Disponível em: <[http://vsites.unb.br/il/let/welker/LP/biblio\\_lexped\\_introd](http://vsites.unb.br/il/let/welker/LP/biblio_lexped_introd)> Acesso em 20/11/2010

WELKER, H. A. **Panorama geral da Lexicografia Pedagógica**. Brasília: Thesaurus, 2008.

ZUCCHI, A. M. **O dicionário no estudo de línguas estrangeiras: os efeitos de seu uso na compreensão escrita em italiano**. 2010. 284 f. Tese (Doutorado em Linguística) FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

#### **JORNAIS CITADOS:**

Il Giornale: <[http://www.ilgiornale.it/?SS\\_ID=-1](http://www.ilgiornale.it/?SS_ID=-1)>

La Repubblica: <<http://www.repubblica.it/>>

Il Corriere della sera: <<http://www.corriere.it/>>

#### **DICIONÁRIOS CITADOS:**

**Dicionário Aulete** <<http://aulete.uol.com.br>>

**Dicionário de Termos Linguísticos** <[http://www.ait.pt/recursos/dic\\_term\\_ling/index2.htm](http://www.ait.pt/recursos/dic_term_ling/index2.htm)>

**Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa** <<http://houaiss.uol.com.br>>

**Dicionário Garzanti:** <<http://garzantilinguistica.sapere.it>>

**Dicionário Sabatini Coletti on line:**

<[http://dizionari.corriere.it/dizionario\\_italiano/index.shtml](http://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/index.shtml)>

**DISC - SABATINI F., COLETTI V. Dizionario italiano Sabatini Coletti**, Firenze, Giunti, 1997. (CD-ROM)

**Dizionario Italiano per stranieri** - 6a ed. Firenze: Giunti – Demetra, 2005.

**ELDIT – Dizionario elettronico per apprendenti italiano-tedesco**

<<http://dev.eurac.edu:8081/MakeEldit1/Eldit.html>>

**Longman Dicionário escolar inglês-português / português-inglês** – Rita de Cássia Marinho Bueno de Abreu et al – Harlow – 2002.

**Michaelis Dicionário Escolar Inglês e Português** - Ivanete Tosi Araújo Silva *et al.* – Editora Melhoramentos — 2007.

**Password English dictionary for speakers of portuguese.** – Lionel Kenerman Martins Fontes – 1998.

## ANEXOS

**ANEXO A.** Modelo da Pesquisa sobre o aprendizado dos verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal, enviado aos professores por meio da mala-direta eletrônica da Associação Brasileira de Professores de Italiano.

### **PESQUISA SOBRE O APRENDIZADO DE VERBOS CONJUGADOS COM MAIS DE UMA PARTÍCULA PRONOMINAL.**

Roseli Dornelles dos Santos  
Pós-graduanda Língua e Literatura Italiana - USP

1. Em sua opinião, os aprendizes de italiano como Língua Estrangeira apresentam algum tipo de dificuldade em relação ao aprendizado de verbos conjugados com mais de uma partícula pronominal, tais como: *farcela, avercela, fregarsene, andarsene*, e outros?

Sim                       Não                       Não sei

2. Caso a resposta da questão acima seja afirmativa, quais são os tipos de dificuldades apresentadas:
- a.  dificuldade em compreender o significado
  - b.  dificuldade em conjugar estes verbos
  - c.  dificuldade em compreender que se trata de uma unidade lexical
  - d.  dificuldade em organizar e posicionar as partes componentes destes verbos em uma frase
  - e.  dificuldade em lematizar um verbo conjugado (como em “*ce l’ha fatta*” → *farcela*)
  - f.  dificuldade em desvincular o significado real do significado da soma das partes ( como em *avercela*)
  - g.  dificuldade em compreender quais partes dos verbos podem ser conjugadas, flexionadas e/ou elididas.
  - h.  dificuldade em compreender à qual categoria gramatical pertence o verbo
  - i.  Outros:

---



---



---

3. Em sua opinião, a presença destes verbos como entrada de verbete em dicionários bilíngues, ajudaria na sua compreensão e utilização?

Sim

Não

Não sei

4. Observações e comentários:

---

---

---

---

---

**ANEXO B:** Modelo de ficha lexicográfica dos VPMs para dicionários bilíngues

VPM	OBSERVAÇÕES: ENTRADA OU CORPO DO VERBETE: NOTA DE FREQUÊNCIA: CLASSIFICAÇÃO GRAMATICAL:				
DICIONÁRIO	DEFINIÇÃO	MARCA DE USO	LOCUÇÕES	EXEMPLOS E TRADUÇÃO	EQUIVALENTES
MARTINS FONTES					
PAROLA - CHIAVE					
MICHAELIS					

**ANEXO C:** Ficha lexicográfica dos VPMs para dicionários bilíngues preenchida

Símbolos: (—) VPM presente no dicionário, mas não consta o item.

(Ø) VPM não está presente no dicionário.

VPM		OBSERVAÇÕES:			
<b><u>FARSELA</u></b>		ENTRADA OU CORPO DO VERBETE: corpo (MF) MARCA DE FREQUÊNCIA: CLASSIFICAÇÃO GRAMATICAL: v.tr. (MF)			
DICIONÁRIO	DEFINIÇÃO	MARCA DE USO	LOCUÇÕES	EXEMPLOS E TRADUÇÃO	EQUIVALENTES
MARTINS FONTES	—	—	farsela con qualcosa//  farsela adosso, sotto, nei pantaloni	—	entender alguma coisa, começar alguma coisa//  borrar-se
PAROLA - CHIAVE	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
MICHAELIS	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø

Obs. No MF o equivalente “começar alguma coisa” não foi encontrado em outros dicionários. A segunda acepção *farsela sotto* poderia ter marca de uso fig., pois é usada principalmente no sentido de “ter muito medo”. Falta a acepção de relacionar-se com alguém, especialmente em sentido amoroso.



**ANEXO D:** Modelo de ficha lexicográfica dos VPMs para dicionários monolíngues

VPM	OBSERVAÇÕES: MARCA DE FREQUÊNCIA: DATAÇÃO: CATEGORIA GRAMATICAL:				
DICIONÁRIO	DEFINIÇÃO	ENTRADA CORPO VERBETE	OU DO	MARCA DE USO	EXEMPLO
DE MAURO					
GRADIT					
GARZANTI					
SABATINI – COLETTI					

## ANEXO E: Ficha lexicográfica dos VPMs para dicionários monolíngues preenchida

<b>VPM</b>  <b><u>FARSELA</u></b>	<b>OBSERVAÇÕES:</b> Indicação de locuções derivadas (DM), fig. para “farsela sotto” (DM) e para “spaventarsi” (GARZANTI) <b>MARCA DE FREQUÊNCIA:</b> CO (DM, GRADIT) <b>DATAÇÃO:</b> 1934 (GRADIT) <b>CATEGORIA GRAMATICAL:</b> v. procompl. (DM, GRADIT), v. tr. (GARZANTI), v. rifl. (SC)			
<b>DICIONÁRIO</b>	<b>DEFINIÇÃO</b>	<b>ENTRADA OU CORPO DO VERBETE</b>	<b>MARCA DE USO</b>	<b>EXEMPLO</b>
<b>DE MAURO</b>	f. con qcn., frequentarlo, spec. assiduamente, o in una relazione amorosa, intendersela  farsela addosso, farsela sotto, farsela nei calzoni, farsela nei pantaloni: defecare o urinarsi addosso fig., avere molta paura.  farsela bene: spassarsela, godersela	entrada	colloq.  fig.	<i>f. con i peggiori teppisti della città, se la fa con tutti;</i>
<b>GRADIT</b>	f. con qcn., frequentarlo, spec. assiduamente, o in una relazione amorosa, intendersela  farsela addosso, farsela sotto, farsela nei calzoni, farsela nei pantaloni, farsela nelle mutande: defecare o urinarsi addosso avere molta paura.  SIN. cacarsi adosso, cacarsi sotto	entrada	colloq.  fig.	<i>f. con i peggiori teppisti della città, se la fa con tutti;</i>
<b>GARZANTI</b>	imbrattarsi di fece o di urina/spaventarsi	corpo	fig.	—
<b>SABATINI COLETTI</b> –	farsela adosso, sotto: spaventarsi moltissimo	corpo	—	—